

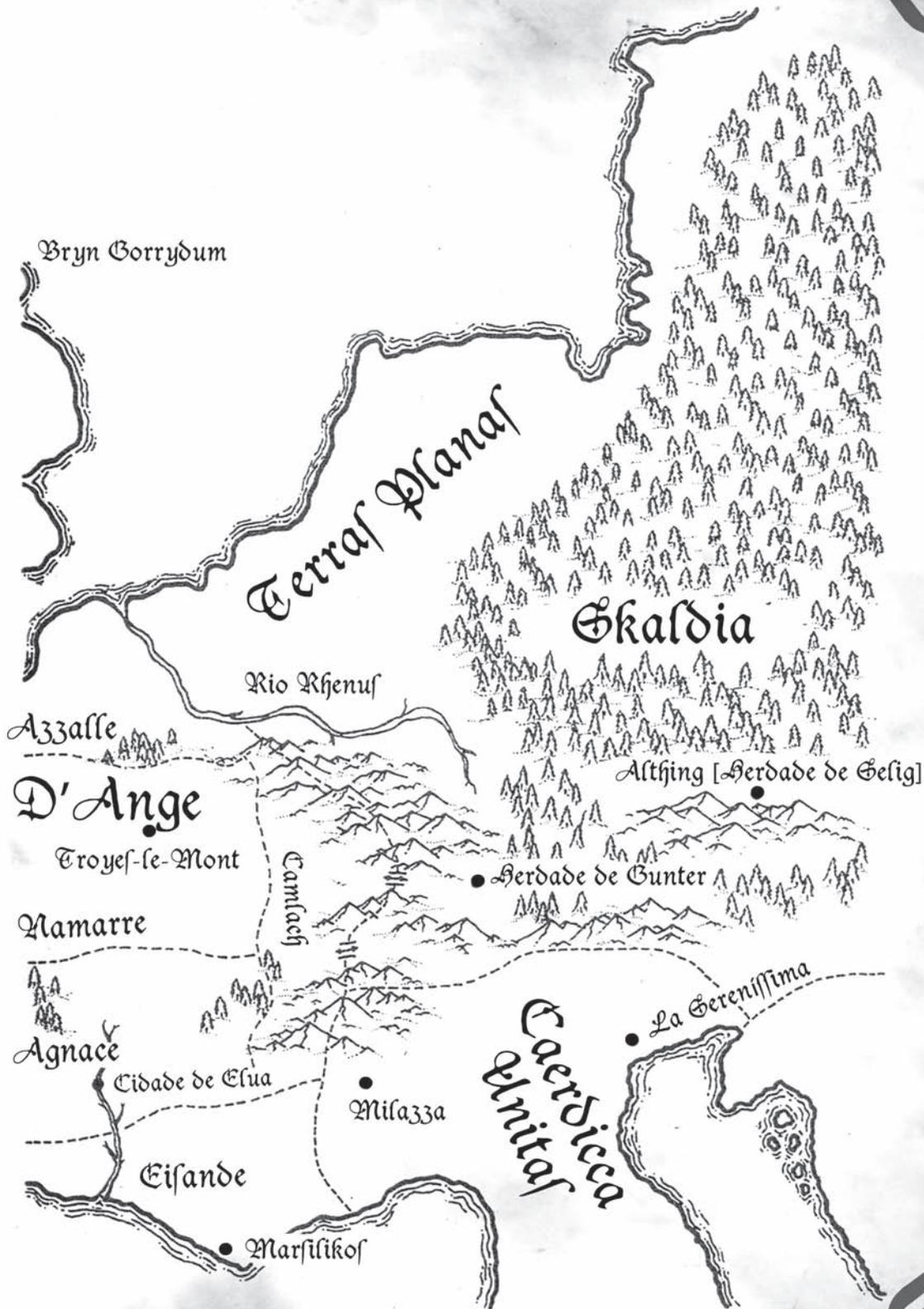
A MARCA DE
KUSHIEL
Jacqueline Carey

Tradução de Teresa Martins de Carvalho



Erês Ìrmäs







DRAMATIS PERSONAE

CASA DE DELAUNAY

Anafiel Delaunay — fidalgo
Alcuin nó Delaunay — pupilo de Delaunay
Phèdre nó Delaunay — pupila de Delaunay; *anguissette*
Guy — homem de Delaunay
Joscelin Verreuil — Irmão Cassiline (Siovale)

MEMBROS DA FAMÍLIA REAL: TERRE D'ANGE

Ganelon de la Courcel — Rei de Terre d'Ange
Genevieve de la Courcel — Rainha de Terre d'Ange (*falecida*)
Isabel L'Envers de la Courcel — esposa de Rolande; Princesa Consorte (*falecida*)
Rolande de la Courcel — filho de Ganelon e Genevieve; Delfim (*falecido*)
Ysandre de la Courcel — filha de Rolande e Isabel; Delfina
Barquiel L'Envers — irmão de Isabel; Duc L'Envers (Namarre)
Baudoin de Trevalion — filho de Lyonette e Marc; Príncipe de Sangue
Bernadette de Trevalion — filha de Lyonette e Marc; Princesa de Sangue
Lyonette de Trevalion — irmã de Ganelon; Princesa de Sangue; Leoa de Azzalle
Marc de Trevalion — Duc de Trevalion (Azzalle)

MEMBROS DA FAMÍLIA REAL: LA SERENÍSSIMA

Benedicte de la Courcel — irmão de Ganelon; Príncipe de Sangue

Maria Stregazza de la Courcel — esposa de Benedicte
Dominic Stregazza — marido de Thérèse; primo do Doge de
La Sereníssima
Marie-Celeste de la Courcel Stregazza — filha de Benedicte e
Maria; Princesa de Sangue; casada com o filho do Doge de La
Sereníssima
Thérèse de la Courcel Stregazza — filha de Benedicte e Maria;
Princesa de Sangue

FIDALGVIA D' AἰΓELIἼE

Isidore d'Aiglemort — filho de Maslin; Duc d'Aiglemort (Ca-
mlach)
Maslin d'Aiglemort — Duc d'Aiglemort (Camlach)
Marquise Solaine Belfours — fidalga; secretária do Selo Pri-
vado
Rogier Clavel — fidalgo; membro do séquito de L'Envers
Childric d'Essoms — fidalgo; membro do Tribunal da Chan-
celaria
Cecilie Laveau-Perrin — esposa do Chevalier Perrin (*faleci-
do*); antiga adepta da Casa Cereus; tutora de Phèdre e Alcuin
Roxanne de Mereliot — Senhora de Marsilikos (Eisande)
Quincel de Morhban — Duc de Morhban (Kusheth)
Sua Senhora Rinforte — Prefeito da Irmandade Cassiline
Edmée de Rocaille — noiva de Rolande (*falecida*)
Melisande Shahrizai — fidalga (Kusheth)
(Tabor, Sacriphant, Persia, Marmion, Fanchone — membros
da Casa Shahrizai; parentes de Melisande)
Ghislain de Somerville — filho de Percy
Percy de Somerville — Comte de Somerville (L'Agnace); Prín-
cipe de Sangue; Comendador Real
Tibault de Toluard — Comte de Toluard (Siovale)
Gaspar Trevalion — Comte de Fourcay (Azzalle) primo de
Marc
Luc e Mahieu Verreuil — filhos de Millard; irmãos de Joscelin
Millard Verreuil — Chevalier Verreuil; pai de Joscelin (Sio-
vale)

CORTE DA NOITE

Liliane de Souverain — adepta da Casa Jasmim; mãe de Phèdre
Miriam Bouscevre — Cortesã-Mor da Casa Cereus
Juliette, Ellyn, Etienne, Calantia, Jacinthe, Donatien — aprendizes da Casa Cereus
Irmão Louvel — sacerdote de Elua
Jareth Moran — Segundo da Casa Cereus
Suriah — adepta da Casa Cereus
Didier Vascon — Segundo da Casa Valeriana

SKALDIA

Ailsa — mulher da herdade de Gunter
Gunter Arnlaugson — chefe de herdade
Evrard o Língua Afiada — cavaleiro da herdade de Gunter
Gerde — mulher da herdade de Gunter
Harald o Imberbe — cavaleiro da herdade de Gunter
Hedwig — mulher da herdade de Gunter
Kolbjorn dos Manni — um dos grandes guerreiros de Selig
Knud — cavaleiro da herdade de Gunter
Lodur o Zarolho — sacerdote de Odin
Waldemar Selig — chefe de herdade; comandante de guerra
Trygve — membro dos Confrades Brancos
Confrades Brancos — cavaleiros de Selig

TSINGANI

Abhirati — avó de Anasztaizia
Anasztaizia — mãe de Hyacinthe
Csavin — sobrinho de Manoj
Gisella — esposa de Neci
Hyacinthe — amigo de Phèdre; “Príncipe dos Viajantes”
Manoj — pai de Anasztaizia; Rei dos Tsingani
Neci — cabecilha de uma *kumpania*

ALBA E EIRE

Breidaia — filha mais velha de Necthana
Brennan — filho de Grainne
Cruarch de Alba — Rei dos Picti
Drustan mab Necthana — filho de Necthana; Príncipe dos Picti
Eamonn mac Conor — Senhor dos Dalriada
Foclaidha — esposa do Cruarch
Grainne mac Conor — irmã de Eamonn; Senhora dos Dalriada
Maelcon — filho do Cruarch e de Foclaidha
Moiread — filha mais nova de Necthana
Necthana — irmã do Cruarch
Sibeal — filha do meio de Necthana

TRÊS IRMÃS

Gildas — servo do Senhor do Estreito
Senhor do Estreito — controla os mares entre Alba e Terre d'Ange
Tilian — servo do Senhor do Estreito

OUTROS

Vitale Bouvarre — mercador; aliado dos Stregazza
Pierre Cantrel — mercador; pai de Phèdre
Camilo — aprendiz de Gonzago de Escabares
Danele — esposa de Taavi; tintureira
Emile — membro da equipagem de Hyacinthe
Maestro Gonzago de Escabares — historiador aragonês; antigo professor de Delaunay
Fortun — marinheiro; um dos Rapazes de Phèdre
Gavin Friote — senescal de Perrinwolde
Heloise Friote — esposa de Gavin
Purnell Friote — filho de Gavin
Richeline Friote — esposa de Purnell
Aelric Leithe — marinheiro

Jean Marchand — imediato de Rousse
Thelesis de Mornay — Poeta do Rei
Mierette nó Orchis — antiga adepta da Casa Orchis
Remy — marinheiro; um dos Rapazes de Phèdre
Quintilius Rousse — Almirante Real
Taavi — tecelão yeshuíta
(Maia e Rena — filhas de Taavi e Danele)
Mestre Robert Tielhard — marquista
Ti-Philippe — marinheiro; um dos Rapazes de Phèdre
Lelahiah Valais — cirurgiã (Eisande)
Japheth nó Rosa Amarela-Vardennes — dramaturgo
Seth ben Yavin — erudito yeshuíta



UM



No dia seguinte, reuniu-se o Althing. Waldemar Selig não me recebeu nessa noite, para meu silencioso alívio. Foi-me dado um catre entre as servas do grande salão, que eu aceitei com gratidão, ignorando os seus olhares sombrios. Selig não estava com isso a dispensar-me — disse não tinha eu ilusões —, mas de momento dei-me por contente em enroscar-me sobre palha e panos grosseiros, deixando que o olvido me clamasse.

Uma disposição sóbria prevaleceu após os excessos da noite. Não sei o que fora feito de Joscelin, mas demos connosco juntos, trancados numa pequena despensa do grande salão enquanto o Althing se reunia e os vilões domésticos deslizavam cautelosamente de um lado para o outro, servindo-os. A cada chefe de herdade foi concedido trazer dois cavaleiros, e a primeira das suas mulheres; isso percebera eu. Para minha consternação, o quarto em que estávamos abafava o som, de modo que nem eu nem Joscelin podíamos ouvir claramente o que diziam.

Se o Abençoado Elua nos concedera alguma piedade, fora o facto de nos encontrarmos juntos a sós na tosca despensa de madeira. Os Confrades Brancos haviam-nos trancado a porta. Fosse que símbolo fosse que Waldemar Selig faria dos seus escravos d'Angelines, não tomaríamos parte no Althing. O que seria falado lá não era para ouvidos bárbaros escutarem; a assembleia era apenas para os Skaldi.

Escutei o troar e murmurar de vozes, ressoando nas vigas aboba-

dadas. Joscelin pôs-se a andar de um lado para o outro da nossa pequena cela, pondo a porta à prova, examinando os cereais e a cerveja ali armazenados com asco até determinar que não havia como sair dali e nada de útil à mão.

— Foi muito mau? — perguntou-me por fim, encostando-se a um barril e falando em voz baixa.

— Cala-te — sussurrei, concentrando-me. De nada serviu. Quase podia ouvir, mas não plenamente. Uma palavra em dez não chegava; perdia o sentido das coisas. Lancei a Joscelin um olhar feroz, depois detive-me, olhando dele para o barril e para as vigas do tecto. Recordei-me dele na rua com os acrobatas da Rosa Amarela, e de como eu e Hyacinthe nos havíamos empoleirado num barril para ver. — Joscelin! — A minha voz soou impregnada de urgência; trepava já para cima de um barril. — Chega aqui, e ajuda-me!

— Estás louca — disse ele incerto, mas fazia já rolar outro barril para o lugar. Pus-me em bicos de pés, estendendo os braços para cima e calculando a altura.

— Eles estão a planear alguma coisa — disse eu calmamente. — Se lograrmos escapar e chegar a Ysandre de la Courcel, desejas dizer-lhe que os Skaldi têm algum sinistro plano... mas que, infelizmente, nada pudemos ouvir? Levanta isso para aqui, precisamos de chegar mais lá acima.

Ele assim fez, protestando o tempo todo. Levou algum tempo, pois os barris eram pesados. Eu mantive o olhar posto nas vigas do tecto.

— Recordas-te dos acrobatas? — perguntei-lhe quando os barris estavam dispostos no lugar, ajoelhando-me no de cima de todos. — Quero que me levantes sobre os teus ombros, e me ajudes a subir para cima da viga. Dali poderei ouvir.

Ele engoliu em seco face à ideia, com força, fitando-me estarecido do segundo degrau de barris. — Phèdre — disse gentilmente. — Não podes.

— Sim — disse eu firmemente. — Posso, sim. O que *não posso* fazer é levantar-te eu a ti. Foi para isto que Delaunay me exercitou, Joscelin. Deixa-me fazê-lo. — Estendi a mão para ele.

Ele praguejou, então, com inusitada fluência siovalesa, tomou-me a mão e trepou para postar-se a meu lado. — Toma a minha capa, pelo menos — resmungou, desfazendo-se dela e forçando-me os braços para dentro do seu mandil cinza sem mangas. — Aquelas vigas devem estar imundas; não há necessidade de lhes dizermos onde estiveste. — Assim que a pus, ele dobrou um joelho para que eu lhe subisse para cima dos ombros.

Fi-lo com presteza, sem olhar para baixo para o chão da despensa. Ficava lá muito em baixo, e embora os barris fossem firmes como rochas, era um espaço muitíssimo diminuto para alguém se encontrar. A despeito de tudo isso, bem podíamos ter sido antigos companheiros de exercício; ele curvou a cabeça enquanto eu me firmava, agarrando-me com força nos tornozelos quando eu me ergui para me pôr em pé sobre os seus ombros.

A viga estava a umas poucas polegadas da ponta dos meus dedos.

— Levanta-me os pés — sussurrei-lhe eu. Senti-lhe as mãos, movendo-se cuidadosamente, enquanto firmava bem as pernas, e os seus dedos apertaram-me os tornozelos até os ossos quase estalarem sob a pressão. Levantei-me firmemente enquanto os seus braços se estendiam, bem alto, até eu lograr passar as mãos em torno da grande viga e dar balanço para subir lá para cima.

Eram uns troncos poderosos, os que haviam construído o salão de Waldemar Selig. Assim que me vi no lugar, espreitei lá para baixo, e Joscelin parecia muito abaixo de mim no topo da nossa pirâmide de barris, o seu rosto virado para cima, pálido e nervoso.

Deixá-lo; já lá estava. Deitando-me de borco — as vigas eram largas a esse ponto —, cheguei-me mais para a frente, as rudes lascas de madeira sob as unhas fazendo-me lembrar, com uma estranha nostalgia, a cruz de flagelação de Childric d'Essoms. Uma camada de sujidade e fuligem cobria a viga, e congratulei-me que Joscelin me houvesse dado a sua capa. Polegada a torturantemente lenta polegada fui progredindo, até poder espreitar pela divisória que separava a nossa despensa do vasto recinto do grande salão. Lá o fiz, deixando que os meus caracóis de zibelina me tombassem sobre o rosto e ensombrassem a minha pele clara, não fosse alguém olhar para cima.

Seria de esperar que eu estivesse aterrorizada — e estava, verdadeiramente. Mas mesclada com o terror havia uma estranha exultação, nascida do desafio e do conhecimento de que, por mais fútil que pudessem ser o resultado, estava finalmente a fazer uso das minhas habilidades contra os nossos inimigos. Era como a que por vezes sentira com os meus patronos, mas mil vezes mais forte.

O grande salão estava a rebentar de gente, e fazia um calor infernal no topo da viga devido à quentura do fogo e de tantos corpos. Alguns haviam-se sentado onde podiam, mas a maioria estava de pé, incluindo Waldemar Selig, que se destacava mais alto do que qualquer homem ali presente. Não perdera grande coisa, ao que parecia. Um sacerdote de

Odin pedira a bênção do Pai Supremo e dos Aesir,¹ e os chefes tribais e cavaleiros skáldicos ali reunidos haviam jurado lealdade a Selig, um a um; estavam mesmo a acabar quando eu me pus à escuta.

Selig esperava que eles se aquietassem, com as mãos nas ancas. Meia dúzia de Confrades Brancos rodeavam-no, formando uma mancha escura numa poça branca, vistos de cima.

— Quando os nossos antepassados se reuniam no Althing — começou ele, afinando a voz para fazê-la soar mais alto —, era para tratar de disputas entre as tribos, mercadejar e porventura casar, para defrontar velhos inimigos no *holmgang*, ou para firmar as fronteiras dos territórios que cada um esculpira por si. Não é por isso que nos reunimos. — Voltou-se lentamente, observando-os a todos; pude ver, pela sua atenção extasiada, que os tinha na palma da mão. — Somos uma nação de guerreiros, dos mais ferozes que o mundo conheceu. As amas caerdicci mandam calar as suas crianças, não vão os Skaldi levá-las. E no entanto o mundo ignora-nos, com a segurança de saber que a nossa selvajaria está confinada às nossas fronteiras, voltada para si mesma, de que enquanto nações se erguem e caem, grandes palácios são edificadas e se desmoronam, livros são escritos, estradas são construídas e navios lançados à água, os Skaldi rosnam, mordem e matam-se entre si, e compõem cantigas sobre isso tudo.

Aquilo mereceu um resmungo de protesto; ele fora direito ao coração da sagrada tradição skaldi. Eu podia ver Selig imóvel, embora elevasse a voz. — É verdade o que eu digo! Do outro lado da fronteira, em Terre d'Ange, os fidalgotes vestem-se de sedas de Ch'in e comem faisão de bandejas de prata em salões de mármore caerdicci, enquanto nós brigamos nos nossos salões de madeira, trajados de coiro e roendo a carne do osso!

— É junto ao osso que é mais saborosa, Selig! — gracejou alguém; do meu poleiro, vi-o levar com uma forte cotovelada nas costelas. Waldemar Selig ignorou-o.

— Em nome do Pai Supremo — continuou —, somos melhores que isso! Buscáis glória, meus irmãos? Pensai nisso. Que glória há em matarmo-nos uns aos outros? Temos de tomar o nosso lugar no mundo, e fazer nome por nós; não como meros papões para assustar as crianças, mas um nome tal como os exércitos de Tiberium conquistaram há muito, para ser proferido com medo e reverência à face de um mi-lhar de terras! Os Skaldi não mais serão cães de combate acorrentados,

¹ Principal raça de deuses da mitologia nórdica. (N. da T.)

contratados para salvaguardar a passagem de caravanas caerdicci ou d'Angelines, mas governantes a cuja passagem os filhos e as filhas das nações conquistadas ajoelharão e tocarão a fronte em respeito!

Ele já os conquistara; estremeceu face à estrondosa aclamação, olhando estareçada para os seus rostos corados. Até mesmo as mulheres, vi com pesar, gritavam de aprovação. Até mesmo a amável Hedwig, cujos olhos brilhavam às palavras de Selig, imaginando-se, sem dúvida, como senhora de um salão de mármore, envolta em sedas e veludo.

Não posso censurá-los, na verdade, por o desejarem. Glorificar-nos no esplendor da nossa terra natal é uma coisa magnificente. Mas eles eram como crianças, que mal começam a ter a noção de uma coisa. E, como crianças, não faziam ideia do labor de criação, mas apenas do ter... e nem pensavam nos custos, para os outros, de o tomarem.

Um homem, com uns quarenta anos de idade, tão largo de ombros embora não tão alto como Waldemar Selig, tomou a palavra. Não sabia quem ele era então, mas soube-o mais tarde; Kolbjorn dos Manni, cujos cavaleiros haviam sido os primeiros a recolher informações para sul. — Como propões que o façamos, Selig? — perguntou com senso prático. — Isto sei eu, as cidades-estado de Caerdicca Unitas estão de guarda contra nós e têm feito tratados para se defenderem contra uma invasão. Há atalhias e guarnições de Milazza a La Sereníssima, e vias rápidas por aí abaixo rumo ao sul. Tiberium pode já não comandar um império, mas ainda é capaz de reunir cinco mil soldados de infantaria com uma palavra de mensageiro.

— Mostrámos a nossa mão demasiado cedo aos Caerdicci — disse Selig calmamente; lembrei-me da história de Gonzago de Escabares, de como o Rei Waldemar da Skaldia pedira a mão da filha do Duque de Milazza. Eu não lhe dera inteiramente crédito, até então. Selig devia ter aprendido algo com isso, e tornou-se mais circunspecto. — Mas são criaturas políticas, os Caerdicci. É a única maneira de conservarem uma sombra da glória que foi Tiberium. Assim que nos tivermos estabelecido, eles tratarão connosco, e onde o poder não pode prevalecer, a sagacidade fá-lo-á.

Ele estava certo, é claro; qualquer aliança entre as cidades-estado seria refractária no melhor dos casos. Permaneceriam unidas contra um inimigo comum, mas se houvesse vantagem política a ganhar... bem, podia calcular a presteza com que se sobrepujariam entre si para assegurar a boa vontade de um novo potentado.

O que deixava à sua mercê Terre d'Ange, minha amada terra natal.

— Então, onde e como levaremos nós a melhor? — perguntou

Kolbjorn, com um tom de desaprovação na voz. — Os D'Angelines têm as suas passagens seguras, e nós jamais fizemos conquistas em grandes números.

Na multidão, pude vislumbrar Gunter mexer-se, ansioso. Waldemar Selig tirou uma carta do cinto e bateu com ela na palma da mão. — O Rei d'Angeline está fraco e a morrer — disse com satisfação —, e não tem herdeiro além de uma simples mulher para lhe suceder, e nem sequer casada. Este oferecimento vem do Duque d'Angeline Day-gla-mort, a quem os homens chamam Kilberhaar. Ele tornar-se-ia Rei, com a nossa ajuda. Escutareis o seu oferecimento?

Eles gritaram em assentimento, e ele leu a carta devagar, vertendo do Caerdicci, em que estava escrita, para o Skáldico. Não a repetirei verbatim, salvo para dizer que me fez gelar o sangue nas veias. Basta fazer um resumo. O essencial do plano de Isidore d'Aiglemort era este: ao grosso dos Skaldi seria concedida passagem através das duas Grandes Gargantas meridionais, para atrair o Exército Real à acção e mantê-lo ocupado na região inferior de Camlach. Um destacamento mais pequeno de skaldi, sob o comando de Waldemar Selig, atacaria a garganta mais a norte, confrontando ostensivamente d'Aiglemort e os Aliados de Camlach, que estariam à sua espera. Entrariam em negociações e por fim chegariam a termos de paz. Os Skaldi retirar-se-iam, a troco de um proveitoso acordo de comércio, das terras planas costeiras a norte de Azzalle e da reconhecida soberania de Waldemar Selig como Rei da Skaldia.

O preço da paz, para Terre d'Ange, seria Isidore d'Aiglemort no trono. E se Ganelon de la Courcel não estivesse de acordo com isso, escrevia Isidore d'Aiglemort em privado, atacariam o Exército Real por trás e erradicá-lo-iam, tomando o trono pela força.

Deitada sobre a minha viga, chorei de horror, de que um d'Angeline pudesse assim trair o seu país, e chorei de fúria, pela pura e arrogante sandice daquilo. Abaixo de mim, Waldemar Selig dobrou a carta e bateu mais uma vez com ela na palma da mão, abrindo-se num sorriso para os seus cavaleiros. — É um oferecimednto interessante — disse —, que muito engrandeceria o nosso estatuto. Mas eu tenho uma ideia melhor! — Acenou com a carta no ar. — Este Kilberhaar, é um homem sagaz e destemido combatente, mas não conhece os Skaldi se pensa que somos tolos bastante para nos contentarmos com um pedaço, quando podemos deitar mão a tudo! Se estiverdes de acordo, responderei a este homem, e direi que aceitamos o seu oferecimento e que pode traçar os seus planos. Enviaremos homens bastantes para as gargantas meridio-

nais de modo que ele julgue que assim o fizemos; e aí tomamos terreno e mantêmo-lo, depois retiramos, e atraímos os D'Angelines para as gargantas, que apenas podem ser sustidas por uns quantos, de modo que eles jamais terão precisão de calcular o nosso verdadeiro número. — Meteu a carta de volta no cinto e as mãos esboçaram os movimentos no ar. — Depois entraremos em massa pela Garganta Setentrional, e cairemos sobre Kilberhaar quando ele julgar que dá início às falsas negociações! E seremos *nós* a precipitarmo-nos sobre a retaguarda do exército d'Angeline e a encurralá-los contra as montanhas, e seremos *nós* a levar a melhor!

Estavam agora todos em pé, rugindo de aprovação, de tal modo que o salão ribombava. Agarrei-me à viga tremendo. Waldemar Selig esperou que eles se aquietassem.

— Que dizeis? — perguntou, quando sossegaram o bastante para se fazer ouvir. — Fá-lo-emos?

Não havia questão quanto a isso; eram todos a favor, os homens aos brados e batendo com os pés, fazendo tinir as espadas. Vi aqui ou ali, entre as mulheres, rostos mais silenciosos à medida que começavam a pensar na realidade da guerra e nos números que pereceriam. Hedwig era uma delas, congratulei-me por constatá-lo. Ainda assim, nenhuma falou contra. No que tocava aos homens, todos queriam partir já no dia seguinte. Levou algum tempo para que Selig os aquietasse.

— Não podemos travar esta guerra no Inverno — disse ele racionalmente, assim que ficaram dispostos a escutá-lo. — Tenho lido livros. — Fez uma pausa para deixar que aquilo assentasse e os impressionasse; poucos skaldi haviam visto um livro, e a maioria conhecia apenas o *futhark*, se alguma linguagem escrita de todo, simples símbolos gravados em madeira e pedra. — Tenho lido livros escritos pelos maiores estrategos de Hellas e Tiberium. Numa coisa todos estão de acordo, que um exército viaja de bucho cheio. Se queremos sustar as gargantas, não podemos fazê-lo esfomeados e gelados, sobre montadas que não podemos alimentar. Isso terá de esperar até ao Verão, quando a caça é farta e as colheitas promissoras, com bom pasto e sem necessidade de fazermos fogueiras que nos traíam à noite. Que cada homem abale do Althing e se prepare para esse dia. Que as forjas comecem a trabalhar, de modo que cada homem fique bem armado. Que cada mulher avalie as reservas domésticas, e faça planos para aprovisionar a nossa campanha. Dizeis que assim deverá ser? Então procederemos a uma votação.

Fiquei espantada que o fizessem, após a aclamação em grandes brados, mas fizeram-no. Selig era esperto; Rei, alguns o haviam já no-

meado e ele próprio se denominaria, mas ainda estava por coroar. Desnecessário será dizer que a votação foi aprovada por unanimidade.

— Se tendes querelas entre vós — disse ele então, suavemente —, deixai que seja motivo de orgulho acabar com elas agora. Devemos ir para este conflito todos como irmãos, um exército glorioso. Não vamos como membros de tribos briguentas. Quem tem um caso que deva ser ouvido diante do Althing? — Houve um arrastar de pés; havia querelas, sem dúvida. Qualquer um podia vê-lo. O olhar de Waldemar Selig varreu a multidão. — Tu, Mottul dos Vandalii? Diz-se que Halvard matou o filho da tua irmã. Acusa-lo?

Aqueles eram assuntos skáldicos, e sem interesse para mim; pelo arrepio dos cabelos na nuca, soube que estava na altura de me retirar. Comecei a contorcer-me para trás ao longo da viga, usando os joelhos e os cotovelos o melhor que podia. Era bem mais difícil do que andar para a frente, e as saias impediam-me o progresso. O diamante de Melisande pendia-me livre da garganta, batendo na madeira; aterrorizava-me que o seu brilho me traísse. Pareceu-me uma eternidade até me encontrar a salvo sobre a despensa, e espreitar sobre o rebordo para dar com Joscelin acompanhando-me os movimentos com um olhar inquieto.

— *Desce daí!* — sibilou ele para mim, erguendo os braços. Agora que estava fora de vista dos Skaldi, o abalo do que testemunhara atingiu-me em cheio, e dei comigo a tremer. Contudo, isso de nada me valia. Suspendi-me da viga pela ponta dos dedos, baixando o corpo até sentir as mãos de Joscelin agarrarem-me os tornozelos. — *Larga* — sussurrou ele, e eu larguei, deixando-me deslizar pelos seus braços até as suas mãos me tomarem pela cintura, e ele me pousar cuidadosamente sobre o barril.

Ali nos quedámos assim por um momento, encostados um ao outro sem mais espaço onde nos pormos, e eu estremeci nos seus braços, o rosto encostado ao calor do seu peito. Se alguém me houvesse dito um ano atrás que o meu único conforto na vida seria um Irmão Cassiline, ter-me-ia rido. Afastei-me e levantei os olhos para ele. — Eles têm intenção de invadir-nos — sussurrei. — Têm intenção de tomar tudo, e aquele maldito d'Aiglemort deu-lhes maneira de fazê-lo. Joscelin, isto vai muito além de incursões fronteiriças. Temos de arranjar modo de os avisar.

— *Fá-lo-emos.* — Ele disse-o baixinho, mas com toda a força implacável de um voto Cassiline. Com desusada doçura, tomou-me o rosto nas mãos e enxugou-me os vestígios de lágrimas. — *Juro-te, Phèdre, tirar-nos-ei daqui.*

Porque disso precisava, acreditei nele e nisso encontrei forças. Os sons do Althing troaram e sossegaram do outro lado da parede. — Os barris — disse eu, e afastei-me com presteza para descer um degrau. Joscelin veio logo atrás de mim, puxando o barril de cima para baixo. Trabalhámos os dois, com urgência e em silêncio, ele içando os pesados barris enquanto eu os fazia rolar de bojo um após outro mais ou menos de volta para os seus lugares originais.

O nosso receio, embora prudente, provou ser desnecessário; terminámos, e o Althing continuou, não vindo ninguém saber de nós. Devolvi a Joscelin a sua capa cinza. Ele pôs-se de cócoras, tirando a maior parte do pó e da fuligem, enquanto eu esfregava a sujidade das mangas e das saias. Lancei-lhe olhares de relance enquanto o fazia, encontrando consolo na altiva beleza d'Angeline que a princípio desprezara nele, nas orgulhosas e provinciais feições e nos seus olhos claros azul-verão.

Ele devia estar com os mesmos pensamentos, pois passado um bocado olhou para mim. — Sabes, quando fui destacado para te assistir — disse suavemente —, pensei que fosse alguma espécie de punição. Pensei que não passasses de um brinquedo caro para os mais vis dos descendentes dos Extraviados.

— E era — murmurei amargamente. Toquei o diamante de Melisande. — Ainda sou. Não o fosse, não estaríamos aqui, e Delaunay e Alcuin ainda estariam vivos.

Joscelin abanou a cabeça. — Se Melisande tinha um plano, outros teria; não tenho dúvidas de que poderia ter obtido a informação noutro lado. Calhou ser em ti, é tudo.

— E eu dei-lha. E Waldemar Selig fará o mesmo. — Encostei-me a um barril, fechando os olhos. — E Elua me ajude, acolhê-lo-ei de bom grado quando o fizer. Enquanto o meu coração se consome de angústia, provar-lhe-ei mil vezes seguidas exactamente quão devassa e complacente pode ser uma meretriz d'Angeline, e ainda lhe agradecerei por cima quando tiver acabado.

Abri os olhos e dei com Joscelin lívido; era Cassiline bastante para se mostrar tão agoniado com aquilo como eu me sentia. Mas a sua voz, quando falou, soou feroz. — Então fá-lo — disse ele —, e vive! E quando ele pisar solo d'Angeline e eu estiver lá para ir ao seu encontro e lhe enfiar dez polegadas de aço nas entranhas, agradecer-lhe-ei o prazer disso.

Aquilo fez-me rir; não sei porquê, a não ser pelo absurdo do seu voto, dadas as nossas presentes circunstâncias. Não posso explicá-lo a alguém que jamais tenha sido feito cativo. Por vezes o absurdo é a única

coisa que nos faz manter a sanidade. Um momento depois, Joscelin viu o humor daquilo e esboçou um sorriso retorcido.

E então a tranca da porta da despensa foi puxada para trás, e os Confrades Brancos vieram buscar-nos. O Althing terminara, e os Skaldi estavam prontos para se prepararem para a guerra.

Dois



As novas alastraram tumultuosamente pelo acampamento skaldi e as fogueiras arderam noite dentro, lançando um tremeluzente brilho laranja nas encostas montanhosas cobertas de neve, enquanto cantigas de guerra entoadas aos brados e o soar das lanças batendo nos escudos se elevavam em desafio às estrelas distantes.

Waldemar Selig não só os deixou ter a sua celebração, como abriu as portas das suas despensas. Barril atrás de barril de hidromel foi rolado para fora — com efeito, eu e Joscelin nada teríamos por onde amarinhar de manhã — e levado até tendas distantes por cavaleiros cambaleando sob o seu peso. Não tenho dúvida de que Selig fizera planos para esse dia e acautelara provisões de reserva.

No grande salão, os celebrantes foram escolhidos a dedo entre os chefes que Selig julgava serem as chaves para os seus planos; ele teve o cuidado, também, de incluir as chefes das mulheres das herdades entre eles. Gunter, sorridente como um rapazinho, estava entre os eleitos. Distinguiu-se com a sua dádiva dos escravos d'Angelines, e a sua parceria com Kilberhaar — d'Aiglemort — fora útil. Não era o único chefe de tribo skaldi a ter feito incursões pelo ouro de Kilberhaar, mas era o mais bem-sucedido.

Hedwig estava lá, e o empolgação ainda lhe afogueava as faces, mas havia igualmente nela uma sombra, que por ela perpassava quando olhava de relance na minha direcção. Pela sua gentileza, senti-me grata,

mas ela não disse uma palavra contra a invasão do meu país, e isso não pude perdoar-lhe.

Não havia como ocultar as novas de nós, e Selig não fez qualquer esforço nesse sentido, seguro na convicção de que não tínhamos conhecimento dos detalhes do seu plano. Mantinha uma apertada vigilância sobre Joscelin, que jazia postado na sua posição de sentinela sem qualquer expressão, apenas a palidez traindo as suas emoções. Os Confrades Brancos vigiavam-no igualmente de perto, e tive a impressão de que estavam preparados para trespassá-lo ao mais ínfimo movimento.

A mim, Selig manteve junto dele, como se fora um troféu assinando uma vitória já conquistada. Causou impacto nos Skaldi, o que era sem dúvida a sua intenção. Ele não era rudemente possessivo, como Gunter fora, mas deixava transluzir numa dúzia de subtis maneiras que eu era posse sua; afagando-me o cabelo como se faz uma festa a um cão, ou dando-me a comer pedaços do seu prato e coisas que tais.

Eu suportei-o, não tendo outra escolha. Na verdade, mais depressa teria sido atirada ao ombro de Gunter outra vez. Mais valia simples estupro do que este domínio calculista, que me corroía a vontade e me enchia de medo. Sempre presente no meu pensamento estava o conhecimento do plano de invasão skaldi. Aposto que Selig me teria matado se descobrisse que o sabia. Divertia-o correr um certo risco em sondar o carácter d'Angeline; a presença armada do Cassiline nas suas costas disso era prova. Risco pessoal era uma coisa; a sua lenda fora erigida com base nele. Mas ele era um comandante que pensava. Faria o que fosse necessário para eliminar o risco de ver todo o seu plano deitado por terra.

Parecia que os folgedos se prolongariam pela noite fora, e comecei a serenar de certo modo quanto aos meus receios mais imediatos, pensando que Selig me dispensaria de novo ao cuidado das servas.

Desta vez, estava enganada.

Ele levantou-se após a terceira rodada de cantigas, desejando boa noite ao seu povo e ordenando-lhes que se deixassem ficar e se sentissem bem-vindos quanto tempo desejassem. À saída, deteve-se a falar com dois Confrades Brancos. — Trazei-a ao meu quarto — murmurou, assentindo com a cabeça na minha direcção.

Fui tomada de medo, tal como os pulmões de um afogado se enchem de água.

Permaneci no grande salão, servindo hidromel como me haviam ordenado. Não tardou que viessem buscar-me, dois deles, tomando-me pelos braços para me conduzirem do salão para fora. Os Skaldi berra-

ram animadas obscenidades e bateram com as canecas. Pude ouvir a voz de Gunter entre eles, trovejando uma colorida litania das minhas habilidades, tirando o maior partido da sua perda.

Eu sou Phèdre nó Delaunay, pensei, nascida na própria Corte da Noite, adestrada pela maior cortesã viva de Terre d'Ange, dedicada ao serviço de Naamah. Não irei rastejando como uma escrava para este rei bárbaro.

Assim foi que saí do salão de cabeça erguida, entre os meus guardas. O que os Skaldi me viram no rosto, não sei, mas as zombarias silenciaram-se à minha passagem.

E então levaram-me até Waldemar Selig.

Um dos Confrades Brancos arranhou à porta numa determinada sequência. Eles têm um código entre eles, soube mais tarde; guardei este na memória. Selig abriu a porta, e deixaram-me entregue a ele.

Não sei o que esperava eu. Um quarto como o de Gunter, suponho eu, só que maior, que o era. Aí acabavam as semelhanças. O quarto de Waldemar Selig tinha um fogão e um grande leito, a cabeceira elaboradamente esculpida com uma cena que reconheci de uma das sagas. E tinha muitas mais coisas, ademais: livros, estantes inteiras cheias deles, e escaninhos para rolos de pergaminho. Um peitoral e um elmo de aço sobre um pedestal, que mais tarde descobri serem em parte a fonte da lenda de que ele era à prova de armas. A maioria dos guerreiros skaldi combate sem armadura; Selig ganhara a sua numa peleja contra algum campeão tribal que lutara nas arenas de Tiberium. Havia uma carta pregada à parede, desenhada a tinta em coiro bem raspado, que continha os territórios skáldicos no centro e mostrava as fronteiras de Caerdicca Unitas e de Terre d'Ange com excelente detalhe. Uma escrivadinha, dando mostras de ser muito usada, com mais cartas e correspondência espalhadas em cima.

Waldemar Selig jazia postado no meio do quarto, alto e imponente, observando-me a olhar à minha volta. Havia um livro no canto da sua grande escrivadinha, gasto e muito remendado. Peguei nele. Era *A Vida de Cinhil Ru*, de Tullus Sextus.

— É um grande herói para mim — disse Selig baixinho. — Um modelo de como se deve governar um povo, não achas?

Eu pousei o livro; a minha mão tremia. — Ele uniu o seu povo para salvar a sua terra de ser conquistada, meu senhor — repliquei suavemente. — Não vejo invasores aqui.

Aquilo deixou-o um pouco desconcertado. Corou ligeiramente. Ninguém, pensei eu, respondia a Waldemar Selig, e eu estava na pior

posição de todas para fazê-lo. Mas se alguma vez me fora dado um dom, era o de saber seduzir os meus patronos, e sabia, bem dentro de mim, que Selig não se deixaria seduzir durante muito tempo por mera subserviência.

— Lês então o Caerdicci — disse ele, mudando de assunto. Acercou-se para junto de mim, apontando para outros livros nas estantes. — Leste este? É um dos meus favoritos. — Era o conto do herói errante Astinax, de Lavinia Celeres; disse-lhe que sim. — Sabes, não há livros em Skáldico — cismou ele. — Nem sequer temos uma linguagem escrita nossa.

— Há alguns, meu senhor. — Sentia-me como uma criança junto dele; a minha cabeça não lhe ia além da cova do braço. — Didimus Pontus da Universidade de Tiberium verteu foneticamente o Skáldico para o alfabeto caerdicci há cerca de quarenta anos — acrescentei.

Senti-o fitar-me do alto. — De verdade? — perguntou ele, espantado. — Terei de dar com eles. Gunter não disse que eras uma erudita, Fay-dra.² Uma feiticeira, porventura. É coisa que está além do entendimento deles.

— Eu sou uma escrava, meu senhor — murmurei. — Nada mais.

— És uma escrava muito bem adestrada. — Julguei que ele fosse dizer algo mais, mas o seu dedo indicador moveu-se sobre os livros. — Leste este? É um livro d'Angeline.

Era uma transladação caerdicci das *Trois Mille Joies*;³ deu-me vontade de chorar. Lera-o sob a tutela de Cecilie, é claro. É um dos grandes textos eróticos, e leitura obrigatória para qualquer adepto da Corte da Noite. — Sim, meu senhor — disse. — Estudei este livro.

— Ahhh. — Ele estremeceu com a força do seu suspiro, tirando o livro da prateleira e alisando a capa. — Eu aprendi o Caerdicci com este livro — disse, os olhos brilhando de divertimento e desejo. — O meu tutor era um velho e encanecido mercador tibério que tinha a fantasia de conhecer as terras nórdicas. Paguei-lhe para ficar aqui a ensinar-me, tinha eu dezanove anos. Era o único livro que ele possuía. Disse que lhe fazia companhia nas noites frias. — Os seus longos dedos acariciaram a capa. — Paguei bem para ficar com ele. Mas jamais encontrei uma mulher que soubesse destas coisas. — Pousou o livro e levantou-me o rosto. — Tu sabes.

² *Fay* significa fada em Inglês, daí o comentário subsequente de Waldemar Selig, quanto a Phèdre ser, porventura em vez disso, uma feiticeira. (N. da T.)

³ Três Mil Júbilos, em Francês no original; provável alusão às *Mil e Uma Noites*. (N. da T.)

— Sim, meu senhor — sussurrei, impotente sob o seu toque e odiando-o. Ele continuava sem nada fazer, perscrutando-me o rosto com o olhar.

— Gunter diz que tu és dotada pelos teus deuses de molde que qualquer homem te dê prazer — disse. — Que o tens marcado nos olhos. É assim?

Eu poderia ter-lhe mentido, mas algum lampejo de desafio fez-me responder a verdade. — Sou marcada pelos deuses para ter prazer com o sofrimento — disse suavemente. — Isso, e nada mais.

Ele tocou-me o rosto com admirável delicadeza, passando-me a ponta de um dedo pelo lábio inferior, observando-me atentamente enquanto eu sustinha bruscamente o fôlego e o sangue me corria veloz nas veias, a inevitável maré de desejo subindo. — Mas eu não estou a causar-te qualquer sofrimento — disse ele gentilmente. — E vejo que te apraz.

— Assim o diz o meu senhor? — Cerrei os olhos, intentando que a minha voz soasse firme. — Eu sou uma d'Angeline livre tornada escrava. Não me faleis de sofrimento.

— Falo-te como me aprouver. — Declarou-o com naturalidade, sem intenção de me magoar. Era uma simples verdade. Largando-me, deu uma palmadinha no livro que pousara na escrivaninha. Abri os olhos para fitá-lo. — Aprazer-me-ia saber o que é ser servido por alguém adestrado para agradar a Reis deste modo. Começarás na página um.

Curvando a cabeça, ajoelhei em deferência.

É assim que se começa.

De manhã, Waldemar Selig tinha um lustroso ar de aprazimento. Houve os inevitáveis murmúrios e zombarias, que eu ignorei. Joscelin lançou um olhar aos meus olhos ensombrados e não fez perguntas, pelo que lhe fiquei grata.

Eu agradara-lhe, pelo menos; isso era certo. Ao contrário de Gunter, os seus ardores não eram destituídos de saber, pelo menos na sua mente. Waldemar Selig tivera uma dúzia de anos ou mais para se debruçar sobre os pontos mais finos da arte d'Angeline de fazer amor. Tinha fome de requintes que Gunter jamais sonhara existirem.

Selig fora casado uma vez; não o sabia então, mas foi-me dito mais tarde. Pelo que percebi, ela fora um par à sua altura também, a irascível e apaixonada filha de um chefe tribal suevo. Ele costumava ler alto para ela partes das *Trois Mille Joies*, e depois experimentavam juntos, rindo e rebolando um sobre o outro no seu grande leito. Mas ela depressa ficou

com criança, que nasceu de traseiro; a criança apenas viveu um dia, e ela foi acometida de uma infecção e morreu.

Porventura ele não teria sido impellido a conquistas, houvesse ela vivido. Quem pode saber tais coisas? Tem-me sido dado observar, contudo, que a felicidade limita a quantidade de sofrimento que somos levados a infligir aos outros. Apraz-me pensar que assim poderia ter sido.

A despeito do rescaldo difuso da fartura de hidromel, os acampamentos dos Skaldi começavam a ser levantados nesse dia. Waldemar Selig andou a cavalo entre um e outro, falando com todos e mais algum. Tinha uma figura esplêndida em cima de um alto cavalo baio-escuro, o ouro do filete que lhe prendia o cabelo e as pontas da barba em forquilha brilhando. Isso não lhe nego. De olhar límpido por se haver abstinido de excessos, levou eficazmente a cabo a sua actividade, providenciando para que o mais veloz cavaleiro de cada herdade ali ficasse acampado, estabelecendo uma rede de comunicações.

Dado que eu não tinha ordens para permanecer no grande salão, saí por entre os acampamentos nesse dia, pensando dizer adeus a Hedwig. Não sei porquê, salvo que era melhor do que suportar o ressentimento das gentes de Selig. A disposição entre os acampamentos era marcadamente diferente da que se nos deparara aquando da chegada. Homens que se haviam entreolhado com ódio velado abraçavam-se como irmãos, votando defenderem-se mutuamente em batalha assim que tornassem a encontrar-se. Foi Selig quem o fez, pensei, e interroguei-me como é que Isidore d'Aiglemort podia ter sido tão tolo. Embora o soubesse, no meu coração. Ele apenas cometera o mesmo erro com Selig que o reino cometera com ele. — Os Camaelines pensam com as suas espadas — recordei-me de alguém dizer condescendentemente na festa de Cecilie Laveau-Perrin há tanto tempo atrás. Assim pensáramos nós, enquanto o Duc d'Aiglemort maquinava e assegurava o seu exército. Perguntei-me se ele teria dito o mesmo de Waldemar Selig. Porventura não. Jamais ouvi um conterrâneo d'Angeline atribuir a capacidade de pensar a qualquer skaldi, com ou sem espada.

Assim cismando, não prestei atenção ao caminho e fui contra um cavaleiro gambrívio que emergia de uma tenda. Ele abriu-se num sorriso, mostrando os dentes em mau estado, e agarrou-me pelo pulso, gritando. — Olhai, Selig decidiu dar-nos um gosto antecipado de vitória, hã? Quem quer fornicar como um Rei, moços? Primeiro cabe-me a sorte a mim, e depois o resto!

Tudo aconteceu demasiado depressa, de um instante para o outro. Num instante eu olhava ainda boquiaberta para o seu rosto de dentes

podres, ganhando fôlego para replicar, e no seguinte ele dobrou-me o braço atrás das costas de um golpe lesto e sabedor e lançou-me sobre a neve, uma mão agarrando-me pela nuca. Soaram gritos de encorajamento — e alguns protestos admoestadores — quando o meu rosto foi empurrado com força contra a neve espezinhada. Mesmo então, só quando ele me puxou as saias para cima, expondo as minhas nádegas desnudas ao ar frio, é que eu acreditei que estava a acontecer.

É preciso entender, o estupro não é meramente um crime em Terre d'Ange — como é em todos os países civilizados, e, deveras, mesmo entre os Skaldi, no que toca às suas próprias mulheres —, é heresia. Ama à tua vontade, disse-nos o Abençoado Elua; o estupro é uma violação desse sagrado preceito. Como Serva de Naamah, coube-me sempre dar o meu consentimento; mesmo para uma *anguissette*, razão pela qual patrono algum teria ousado transgredir a santidade do *signale*. Até Melisande o honrava, dentro dos limites da lei da Guilda. O que ela me fez naquela derradeira noite... ela ter-lhe-ia posto fim, se eu houvesse dado o *signale*. Acredito mesmo nisso. Foi escolha minha suportá-lo.

Com Gunter e com Selig, fora possuída contra minha vontade sem ter qualquer escolha, e julgava conhecer algum do seu horror. À medida que a neve amassada se fundia e congelava contra a minha face e o cavaleiro gambrívio desabotoava os calções às cegas enquanto skaldi aos brados se reuniam em torno de nós, soube que apenas abarcara a mais ínfima parte disso.

E então outra voz trovejou no meio do tumulto, e o peso foi-me levantado da nuca. Rastejando para fora do caminho e puxando as saias para baixo, olhei atónita e vi Knud — cujo rosto desgracioso me pareceu positivamente belo — içando o gambrívio, plantando-lhe dois sólidos murros com a mão esquerda no rosto.

Foi o tempo que durou, e então os outros gambrívii acorreram, toda a fraternal boa vontade esquecida. Knud soçobrou a lutar. Esquecendo o meu próprio terror, peguei na primeira coisa a que deitei mão — uma panela — e atirei-a às costas da cabeça gambrívica mais próxima. Um dos cavaleiros prendeu-me os braços e puxou-me para trás, roçando-se contra mim e rindo.

No meio da escaramuça, ninguém deu pela chegada de Waldemar Selig.

Sentado sobre o seu alto cavalo, observava a luta com suprema irritação, inspirando para gritar uma ordem e pôr-lhe fim. O que teria ele dito, não sei, pois Joscelin estava atrás dele no meio dos Confrades

Branços, e desmontou do cavalo antes que Selig pudesse articular um comando, gritando o meu nome qual grito de batalha.

Foi da espada que sacou.

Dois gambrívii morreram, penso eu, antes que alguém se desse conta do que acontecera. Aquele que me sustinha largou-me os braços com uma imprecação, sacando da espada e correndo em frente. Sangue vermelho manchou a neve. O que fora uma rixa tornou-se abruptamente numa batalha de morte, com Joscelin no seu centro, um dervixe em movimento de cinza e aço, com lampejos irrompendo-lhe da espada e dos braços. Outro homem foi abatido antes que Waldemar desmontasse e puxasse da espada, investindo aos brados para o meio da violência. Olhei com as mãos sobre a boca.

Não vira, até aí, porque o reverenciavam os Skaldi. Via-o agora. Não tinha a habilidade e a graça de um Cassiline. Não precisava. Waldemar Selig empunhava uma espada tão simples e naturalmente como respirava. Os cavaleiros gambrívii recuaram diante dele, continuando a desafiar Joscelin.

— D'Angeline, ordeno-te que *pares!* — bradou Selig ferozmente, o rosto lívido de raiva. Uma lança gambrívica foi lançada contra Joscelin, que se desviou, revidando sobre o cavaleiro com um golpe certo.

Não chegou a aterrar. Waldemar Selig empurrou o gambrívio para fora do caminho com um ombro poderoso, erguendo a própria espada para aparar o golpe e com isso desviando a de Joscelin, rompendo a guarda do Cassiline e atingindo-o na têmpora com o punho da espada.

Joscelin tombou de joelhos qual animal abatido, os dedos insensíveis largando o punho da espada. Ali ficou de joelhos, balanceando, no meio de corpos de skaldi caídos por terra sangrando silenciosamente sobre a alvura da neve. A alguma distância, Knud gemeu e pôs-se meio tonto de pé. Ninguém falou. Waldemar Selig fitou Joscelin e abanou a cabeça desgostoso.

— Matai-o — disse para os Confrades Brancos.

— Não! — Era a minha voz. Reconheci-a pelo som. Lancei-me entre eles, ajoelhando diante de Selig, implorando com as mãos crispadas uma na outra. — Meu senhor, por favor, deixai-o viver! Ele apenas estava honrando o seu voto para me proteger, juro-o. Farei tudo, tudo o que desejardes, em troca da sua vida!

— Fái-lo-ás seja como for — disse Selig impassivelmente.

Eu não disse as palavras: não se o matardes. Pensei-o, não obstante, e ele viu-mo no rosto. Dardo de Kushiel ou não, poderia tê-lo feito e tê-lo-ia feito, creio eu. Somos acima de tudo humanos, nós filhos de

Elua. Tal como Joscelin, que sacara da espada, eu fora levada ao limite da minha natureza.

Não chegou a isso. Knud, o abençoado Knud, acercou-se coxeando, esfregando um galo na cabeça. Com a ponta de um pé, empurrou o corpo de um gambrívio derrubado, cujos dentes enegrecidos se encontravam visíveis num esgar. Tinha os calções desabotoados, o falo pálido e encolhido sobre a coxa, uma triste visão. — Encontrei-o nestes modos tentando pôr-se em cima da moça, meu senhor Selig — disse Knud bruscamente. — É verdade, o rapaz jurou protegê-la. É o seu voto. Gunter usou-os desse modo, um p'ra'mansar o outro.

Waldemar Selig considerou-nos ali ajoelhados, Joscelin quase insensível, eu petrificada em imploração. — Quem se opôs a isto? — perguntou então aos gambrívios ali reunidos. O chefe da herdade adiantara-se, e jazia ali postado tremendo. — Ninguém? Incitaríeis um homem a roubar o meu cavalo? A minha espada? Não? Esta mulher é igualmente propriedade minha, e ainda mais. — Inclinou-se e agarrou-me num punhado de cabelo, sacudindo-me a cabeça. Atrás de mim, Joscelin emitiu um som inarticulado de protesto, depois caiu bruscamente para o lado. Selig soltou-me. — Pelo teu rogo de clemência e a injúria que sofreste — disse formalmente —, pouparei o rapaz, e meramente mandarei acorrentá-lo. Vigfus. — O seu olhar desviou-se prontamente para o chefe de tribo gambrívio. — Pagarei *wergeld*⁴ pela morte dos teus cavaleiros. Estás satisfeito?

— Sim, meu senhor. — Os dentes do chefe de tribo gambrívio batiam; sem dúvida temia que Selig o fizesse responder por aquilo. — É justo.

— Bom. — Selig olhou à sua volta. — Ide à vossa vida — disse calmamente, e os skaldi aprestaram-se a obedecer. Ele baixou-se então, e pôs-me de pé. Os meus dentes também batiam, simultaneamente de frio e do abalo que finalmente se fazia sentir. — Aonde ias tu? — perguntou, claramente amofinado. — O que, em nome de Odin, fazias tu no meio dos acampamentos?

— Meu senhor. — Abracei-me a mim mesma, tremendo, à beira das lágrimas face à estúpida e simples verdade. — Ia dizer adeus às gentes da herdade de Gunter. Foram gentis para mim, lá, alguns.

— Deverias ter-me dito. Ter-te-ia dado uma escolta. — Acenou para um dos Confrades Brancos. — Leva-a ao acampamento de Gunter.

⁴ Termo alemão que significa literalmente “preço de homem”, indemnização pela morte indevida de alguém nos países nórdicos e anglo-saxónicos durante a Idade Média. (N. da T.)

— Eu fá-lo-ei, meu senhor Selig — exclamou Knud numa voz rouca. Selig arqueou um sobrolho na sua direcção, e ele encolheu os ombros. — Tenho afeição pela moça. Não haverá mais sarilhos assim que se espalhar palavra.

Era, por essa altura, a última coisa que eu queria fazer; toda a minha inquietação ia para Joscelin, agora sem sentidos e respirando a custo na neve. Mas eu lograra salvar-lhe a vida, se é que ele se aguentaria, e temia insistir mais com Selig.

— Muito bem. — Waldemar Selig dava o assunto por encerrado e estava impaciente por se pôr a andar. — Trá-la dentro de uma hora. — Assentiu com a cabeça para dois dos Confrades Brancos. — Levai-o à ferraria e mandai-o acorrentar. Isso deverá impedi-lo de meter-se em sarilhos. — O seu frio olhar verde pousou em mim por um momento. — E a ti também, confio eu.

Ajoelhei, beijando-lhe a mão. Ele sacudiu-me e avançou a passos largos para o cavalo, afastando-se com os restantes cavaleiros. Knud ajudou-me gentilmente a levantar, conduzindo-me dali para fora. Eu virei-me para trás, olhando por sobre o ombro enquanto os Confrades Brancos punham Joscelin em pé. Ele dobrou-se sobre si, vomitando, depois endireitou-se e afastou-se cambaleando com eles, na direcção da beira do lago onde ardiam as forjas. Um dos Confrades pegou-lhe na espada, enfiando-a no cinto como se fosse um espólio de guerra.

— Fizeste tudo o que podias por ele, moça — disse Knud gentilmente. — Ele viverá, se não forçar a mão de Selig. É bem mais riço do que aparenta, aquele moço. Ninguém que eu conheça sobreviveu aos canis de Gunter. Claro está, ninguém que eu conheça teve esse prazer. — Soltou uma risadinha face àquilo, como se fosse um grande chiste. Porventura era, para Knud; tudo o que eu sei é que irrompi em lágrimas. Com desajeitada ternura, ele abraçou-me e deu-me palmadinhas nas costas, lançando olhares fulgurantes por sobre a minha cabeça para os skaldi especados a olhar.

Assim que retomei a compostura, ele conduziu-me dali para fora, para dizer adeus às últimas pessoas que ainda tinham por mim um vestígio de boa vontade naquela terra inimiga.

TRÊS



Foi um momento constrangedor, dizer adeus aos skaldi da herdade de Gunter; não só pelo que havia acontecido imediatamente antes, como pelo facto de eles terem acabado, por unanimidade, de declarar guerra ao meu povo. Dado que nada havia a fazer quanto a isso, fiz boa cara. Harald o Imberbe — cuja barba começava a surgir e que não tardaria a necessitar de um novo cognome — ficaria na qualidade de mais veloz cavaleiro de Gunter e seguramente não faria mal ter uma voz que falasse bem de mim.

E assim aconteceu que foi uma profusão de abraços e lágrimas, e as minhas emoções estavam num turbilhão tal que não tive de fingir pesar por eles partirem; pesar tinha eu de sobra.

— Se Gunter vos pedir uma quarta vez — sussurrei a Hedwig —, dizei-lhe que sim. Ele nutre ternos sentimentos por vós, a despeito da sua fanfarrice, e sois ambos por de mais feitos um para o outro para vos contentardes com menos. E se ele houver aprendido um ou dois truques para agradar às mulheres, acendei uma vela a Freja em meu nome. — Eu aprendera alguma coisa do panteão skáldico, e calculava que esta deusa fosse pela sua natureza a mais próxima de Naamah. Hedwig assentiu com a cabeça e fungou, virando-se.

E então Knud deu-me salvo-conduto de retorno ao grande salão de Selig, coxeando valentemente da sova que levava para me proteger, e despediu-se de mim, beijando-me a mão quando nenhum dos cava-

leiros de Selig estava a olhar. Menos cautelosa, tomei-lhe a cabeça nas mãos e beijei-o na frente, oferecendo uma prece silenciosa a Elua para que ele sobrevivesse ileso das batalhas vindouras. O Abençoado Elua haveria de entender. Ama à tua vontade, pensei, vendo Knud aprestar-se claudicante de volta ao acampamento, com um sorriso resplandecente nas feições desgraciosas. Yeshua ben Yosef, de cujo sangue Elua nasceu, rogou aos seus seguidores que amassem os seus inimigos; compreendi, então, um pouquinho, o que ele queria dizer.

Mas não podia amá-los a todos.

Não havia sinais de Joscelin. Ousei perguntar a Waldemar Selig quando ele retornou ao anoitecer, cansado de um longo dia de labuta. Ele disse-me simplesmente que Joscelin estava a salvo, e eu não tive escolha senão acreditar na sua palavra.

Passaram-se três dias inteiros antes que ficasse a saber mais, e nesses três dias tornou-se manifestamente aparente para mim que eu não era bem-vinda entre os residentes da herdade de Selig. Sentia sempre os olhares dos seus cavaleiros observando-me com fome e desdém; das mulheres, recebia ressentimento, mal velado mesmo na presença de Selig. Apenas as crianças me tratavam como igual. Recordando-me de um truque que Alcuin me ensinara para as cativar em Perrinwolde, entransei o cabelo de umas quantas, recorrendo a pedaços de tiras de couro e restos de peles à laia de fitas. As crianças ficavam deleitadas — todas as crianças se deleitam por serem mimadas — mas bem via os olhares fulgurantes das mulheres, desfazendo o meu trabalho com gestos lesto e irritados por entre os guinchos das crianças, e deixei de fazê-lo.

O próprio Selig não deixava de se dar conta disso, mas não entendia a natureza do desagrado da sua gente. Quando procurava aligeirar as coisas cumprimentando-me pela minha aparência ou alguma delicadeza de serviço, eles apenas viam que ele me punha acima deles, e odiavam-me por isso.

Em resposta, ele mantinha-me mais junto a si, o que piorava as coisas. Ainda assim, congratulei-me quando ele me destinou a tarefa de recriar uma aproximação do alfabeto skáldico de Didimus Pontus. Isso permitia-me manter-me longe de vista no seu quarto. Noutras ocasiões, punha-me a perscrutar cartas de Terre d'Ange com ele, corrigindo e clarificando a topografia o melhor que podia. Não me envergonho de dizer que menti com tanta invenção e convicção quanto ousei, calculando que qualquer informação falsa seria pelo melhor. Quando ele me rogou que lhe ensinasse o D'Angeline, contudo, não ousei enganá-lo. Erros de

geografia, se deles viesse a saber, podia ele imputar a ignorância; no ensino da minha língua nativa, não tinha tal defesa.

Durante as noites, era outra conversa à medida que avançávamos firmemente ao longo das *Trois Mille Joies*. Não é necessário dizer que serviços lhe prestava eu; estão descritos nesse livro, para quem quer que deseje saber. Fui adestrada em todos aqueles adequados a serem prestados por uma mulher, e nuns quantos que não o são, segundo os padrões exactos da Casa Cereus. Essas eram as coisas que eu fazia, salvo os feitos que os Skaldi consideram indignos de homens.

Foi no quarto dia que Waldemar Selig me disse, franzindo o sobrolho, — Já se passaram uns dias e Josslin Verai recusa-se a comer. Porventura deverias ir vê-lo.

O coração caiu-me aos pés; passara os últimos dias julgando-o a salvo e bem, ainda que confinado. Aprestei-me a ir buscar a minha capa de pele, e fui com Selig ao lugar onde Joscelin estava cativo.

Era uma miserável cabana, a alguma distância do grande salão; pertencera a um lenhador, penso eu. Um dos Confrades Brancos encontrava-se de guarda, ocioso diante do coiro pendurado na porta e atirando uma adaga para passar o tempo. Pôs-se em pé de um pulo quando nos acercámos.

Lá dentro, estava frio e sombrio, com o calor apenas de uma minúscula braseira onde uns quantos pedaços de carvão ardião quase apagados. Havia uma enxerga de palha e um cobertor, mas Joscelin jazia de joelhos enroscado no chão, tremendo, de braços cruzados. Tinha as mãos e os pés acorrentados, com uma corrente que lhe ia dos tornozelos a uma argola de ferro pregada ao chão. Era comprida bastante para lhe permitir andar e ir até à enxerga; estava de joelhos porque queria.

Tinha um aspecto horrível. O rosto pálido e abatido, os lábios gretados, o cabelo escorrido. Enquanto Selig se encostava à parede, eu corri direita a Joscelin, ajoelhando à sua frente e perscrutando-lhe o rosto devastado.

O que me saiu da boca, em d'Angeline, foi, — Seu idiota! O que fazes tu?

Joscelin ergueu a mão, fitando-me com os olhos raiados de sangue. — Desonrei o meu voto — sussurrou numa voz esganiçada. — Saquei da espada para matar.

— Abençoado Elua! Só isso? — Acocorei-me e encostei as mãos ao rosto. Lembrando-me de Selig, deixei-as tombar e olhei de relance para ele. — Ele está pesaroso pelo erro que cometeu — disse eu em Skáldico. — Está em expiação.

Waldemar Selig assentiu sobriamente com a cabeça; entendia. — Diz-lhe que se mantenha vivo — disse. — Eu fiz expiação pagando *wergeld* pelas vidas dos homens que ele matou. E desejo que ele me ensine o seu modo de lutar. — Fez uma pausa, procurando lembrar-se, e repetiu-o lentamente em Caerdicci para Joscelin.

Joscelin soltou uma risada que me assustou, selvagem e meio louca. — O meu senhor derrotou-me — disse ele para Selig em Caerdicci. — Porque desejaríeis aprender o que eu sei?

— Não contavas lutar comigo. Deste-me o teu juramento. E não contavas que eu me interpusesse na tua guarda — disse Selig deliberadamente. — Numa outra altura, poderia ter sido diferente.

— Não posso ensiná-lo a lutar como um Cassiline — disse-me Joscelin em D'Angeline, abanando a cabeça uma e outra vez. — Deixei-te ficar mal, demasiadas vezes. Desonrei o meu voto. Mais vale que morra!

Lancei um breve olhar a Selig, depois olhei ferozmente para Joscelin. — Quantas vezes precisas tu de descobrir a tua humanidade, Joscelin? Não és Cassiel renascido, mas estás votado a mim, e jamais precisei tanto do teu serviço! — Sacudi-lhe os ombros, citando-lhe as palavras de Delaunay. — Recordas-te? Falhar e perseverar é uma prova mais dura do que qualquer uma com que te venhas a defrontar no campo de prática. Guarda a tua espada, não posso dar-me ao luxo de perdê-la.

Joscelin riu-se outra vez, desesperadamente, depois conteve-se sustendo o fôlego. — Não posso, Phèdre, juro que não posso! Nem sequer tenho espada para guardar. — Levantou os olhos para Selig da sua posição enroscada. — Lamento, meu senhor — disse em Caerdicci. — Não sou digno de viver.

Praguejei então para ele, em D'Angeline, Skáldico e Caerdicci, empurrando-o de modo que ele vacilou de lado, acorrentado, e tombou desamparado, fitando-me boquiaberto. — Elua te amaldiçoe, Cassiline, se é essa toda a coragem que tens! — vituperei, em que língua não sei. — Se a isto sobreviver, juro que escreverei para o Prefeito da tua ordem, a dizer-lhe como o Abençoado Elua foi mais bem servido por uma cortesã da Corte da Noite do que por um sacerdote Cassiline!

O que pensou Selig dos meus impropérios, não sei; se houvesse pensado em olhar para ele, não teria ousado proferi-los, mas isso nem me passou pela cabeça. Mal tendo forças para se endireitar, os olhos de Joscelin não deixaram de semicerrar-se face à minha arenga. — *Não* farás nada disso! — retorquiu ele com uma intensidade febril, debatendo-se para se pôr de joelhos.

— Então faz por me deter. — Levantei-me, lançando-lhe as últimas palavras com veemência. — Protege e serve, Cassiline!

Deve soar, bem sei, como se eu não me apiedasse dele; assim não era. Estava zangada porque estava aterrorizada. Mas há alturas em que uma praga é mais revigorante do que um carinho. Arrastando as correntes, Joscelin debateu-se para se erguer nos joelhos, tremendo, olhando-me com lágrimas nos olhos raiados de sangue. — É duro, Phèdre — disse ele num tom implorador. — Que Elua me ajude, mas é duro!

— Eu sei — sussurrei.

Selig saiu então lá para fora e disse alguma coisa ao guarda. Não sei o quê até o Confrade Branco retornar carrancudo uns minutos depois, trazendo uma escudela de caldo. Selig assentiu com a cabeça, e ele empurrou-a para Joscelin. — Tu comer — disse-lhe Waldemar Selig no seu rudimentar d'Angeline. — Tu viver.

Deixámo-lo então, segurando a malga nas duas mãos trémulas. Olhei para trás quando Selig susteve o coiro da porta para me dar passagem, e vi Joscelin baixando os lábios para o rebordo da escudela.

Ele viveria, pensei com alívio. Isso deu-me menos uma razão para morrer.

Depois disso, Joscelin continuou a alimentar-se e ficou mais forte, embora lhe houvessem aparecido frieiras nas mãos e nos pulsos no lugar onde os grilhões o feriam. Provocavam-lhe comichão e dores implacáveis, mas ele usou-as como uma razão para protelar o ensino do manejo da espada a Waldemar Selig. Havendo contribuído em certa medida para manter o seu domado sacerdote-guerreiro d'Angeline vivo, Selig acedeu aos meus rogos para que pudesse visitar Joscelin uma vez por dia, calculando e bem que, dado que Joscelin escolhera viver, a minha presença lhe daria incentivo para continuar vivo. Tinha o seu juramento.

Essa era a única coisa pela qual eu ansiava a cada dia que passava. Selig tinha outros assuntos a tratar, de modo que destacou um Confrade Branco para me escoltar. Ainda bem que Joscelin mantivera em segredo os seus incipientes conhecimentos de Skáldico, pois não levantava suspeitas o facto de falarmos em D'Angeline, e depressa determinei que, ao contrário de Selig, os seus cavaleiros desconheciam a nossa língua.

Desafortunadamente, pouco podíamos fazer quanto a engendrar uma fuga. A herdade estava simplesmente demasiado bem guardada. Ainda assim, falávamos de sobrevivência, e impedíamos o espírito um do outro de soçobrar.

Não sendo homem tolerante quando suspeitava de retardamentos,

Selig começou a ficar impaciente por que as mãos de Joscelin sarassem, e mandou buscar um sacerdote de Odin que era igualmente curandeiro para que lhe atendesse.

— Na verdade — confessou-me ele na noite anterior —, estou curioso de ver o que dirá Lodur de vós. Ele é o meu mais antigo professor, e tenho grande respeito pela sua sapiência.

Devo acrescentar que, por essa altura, o mal-estar pela protecção que Selig me conferia continuara a aumentar e tornara-se comumente aceite que eu era uma feiticeira, enviada de Terre d'Ange para o enfeitiçar, tal como o demonstrava o cisco vermelho no meu olho esquerdo — sinal certo de feitiçaria.

Selig ria-se do rumor. — A mãe de Lodur era igualmente uma feiticeira, assim se dizia. Dizia-se que ela podia curar um homem de qualquer ferimento, mortal ou não, se o considerasse favorável. A verdade é que era uma talentosa curandeira. Tal como tu és talentosa em... outras coisas.

Não sei o que disse eu àquilo; algo lisonjeador, podeis estar certos. Se por vezes acrescentava um toque de condimentado desafio, na maior parte das vezes dizia-lhe o que ele desejava ouvir. Mas aconteceu que o acompanhei a cavalo com mais dois Confrades Brancos até à casa de Lodur o Zarolho, num hirsuto pónei que Selig me dera para minha montada.

O meu primeiro vislumbre do curandeiro foi o de um velho magro e rijo postado de peito nu na neve, uma túnica de pele sobre o seu tronco descarnado. Tinha o cabelo branco e desgrenhado. Segurava um bordão esculpido numa mão, e no seu outro punho empoleirava-se um corvo. Vimo-lo à distância a falar para ele, mas afastou-se voando quando nos acercámos. Na altura julguei que fosse magia skáldica. Mais tarde soube que ele lhe tratara uma asa quebrada, e que ainda estava meio amansado. Lodur levantou os olhos de relance, sem espanto, e eu vi que ele usava uma pala sobre o olho direito; não sabia, então, que lhe chamavam Zarolho.

— Waldemar Berundson — disse ele calmamente, usando um patronímico que eu jamais ouvira sequer pronunciar. Selig, chamavam-lhe, Abençoado, como se os próprios deuses o houvessem nomeado.

— Esta é a Faydra nó Delaunay de Terre d'Ange, velho mestre — disse Selig respeitosamente. Desmontou e curvou a cabeça diante do ancião, de modo que eu fiz o mesmo, e reparei que os seus cavaleiros o fizeram também. — Ela tem um companheiro com ferimentos do frio que não saram.

— Deveras. — Lodur veio ao nosso encontro através da neve, movendo-se com uma presteza que desmentia a sua idade. O seu único olho era de um azul pálido e feroz, mas não me olhou com dureza. Ao contrário de outro qualquer skaldi que eu jamais vira, era desprovido de barba, uma penugem encanecida no seu rosto curtido como coiro. — Apraz-te, hã? — Viu-me olhar e afagou o queixo, abrindo-se num sorriso. — Uma vez conheci uma rapariga que cismava com um rosto limpo. Acostumei-me, suponho eu.

Sacerdotes, conheci eu muitos, mas jamais nenhum como ele; balbuciei uma qualquer resposta. — Não importa — disse ele casualmente, e percorreu-me o corpo com mãos firmes, num afagar impessoal. Eu quedei-me imóvel, aturdida. Selig parecia aprovar. — D’Angeline, hã? — Lodur fixou-me com o seu solitário olho azul-gelo, contemplando pensativamente o meu rosto e os meus próprios olhos desemparelhados. O frio não parecia tocá-lo. — O que lhe chamam, a isso? — Assentiu com a cabeça na direcção do meu olho esquerdo.

— Dardo de Kushiel — disse eu suavemente.

— És marcada pelos deuses, então. Como eu, achas? — Riu-se, apontando para a sua pala. — Zarolho, chamam-me, como o Pai Supremo. Conheces a história?

Eu conhecia-a; ouvira-a cantada muitas vezes na herdade de Gunter. Até podia cantá-la eu mesma. — Ele deu o seu olho em troca de uma oportunidade de beber da fonte de Mimir — disse eu. — A fonte da sabedoria.

Lodur bateu palmas, enfiando o bordão debaixo do braço. Os cavaleiros de Selig murmuraram. — Agora a minha — disse o velho sacerdote num tom coloquial. — Quando eu era um tolo aprendiz, tirei o meu próprio olho, ofereci-o numa prece, desejando tornar-me sábio como Odin. Sabes o que me disse o meu mestre? — Eu abanei a cabeça. Lodur inclinou a sua e mirou-me. — Disse-me que eu havia aprendido uma coisa inestimável: ninguém pode subornar os deuses. Que idiota fui eu! — Soltou uma pequena gargalhada face à recordação. Só um skaldi poderia rir de uma coisa assim. — Mas fiquei mais sábio — acrescentou.

— Velho mestre... — começou Selig.

— Eu sei, eu sei. — Lodur interrompeu-o. — Os ferimentos do frio. E desejas saber o que penso eu da rapariga. Que te posso dizer, Berundson? Tomas uma arma que te foi lançada ao peito por um deus d’Angeline, e pedes a minha sabedoria? É como pedir ao mudo que aconselhe o surdo. Vou buscar o meu saco de curativos.

Selig fitou-me, franzindo o sobrolho. Eu mantive o semblante o mais aberto que pude, francamente tão aturdida como ele. O tempo todo, julgara-me uma vítima de Kushiel, marcada pela terrível divindade do seu amor. Era outra coisa, pensar em mim como sua arma.

O velho sacerdote foi buscar os seus curativos e montou atrás de Selig, lépido como um rapaz. Assim cavalgámos de volta à herdade, através das florestas luxuriantes. Lodur entoava uma música para consigo mesmo e cantava um pedaço de cantiga, mas mais ninguém falou. O sobrolho de Selig estava carregado de pensar.

Na cabana, Lodur bateu ao de leve três vezes com o bordão no limiar da porta e entoou uma invocação em voz alta antes de entrar. Pareceu levar uma fragrância fresca a neve e caruma de pinheiro para o ar abafado e obscurecido do seu interior. Joscelin, imerso nalguma meditação Cassiline, olhou atónito a aparição.

— Como um jovem Baldur, hã? — disse Lodur casualmente para Selig, nomeando o deus morto deles, a quem chamam o Belo. — Bem, vamos lá vê-los, rapaz. — Agachou-se sobre as canelas junto a Joscelin, examinando a carne viva inchada das suas mãos e dos seus pulsos. Estavam gretados e a supurar, exsudando um fluido claro e recusando-se a sarar. — Ah, tenho uma das receitas de minha mãe que servirá para isso! — riu-se o sacerdote-curandeiro, remexendo no seu saco. Tirou para fora um pequeno vaso de faiança com bálsamo e desarrolhou-o. O que continha ele, não sei, mas fedia até mais não. Joscelin fez uma careta, depois olhou interrogadoramente para mim por sobre a cabeça de Lodur enquanto o ancião começava a besuntar-lhe abundantemente as mãos e os pulsos com aquilo.

— Ele é um curandeiro — disse eu em Caerdicci, em deferência para com Selig; continuávamos a fingir que o Skáldico de Joscelin era inadequado para manter uma conversa. — O nosso senhor Selig deseja que te ponhas bom bastante para lhe ensinares o teu modo de lutar.

Joscelin curvou a cabeça na direcção de Selig. — Anseio por fazê-lo, meu senhor. — Fez uma pausa. — Para ensinar o estilo Cassiline, necessito das minhas armas, meu senhor; ou pelo menos dos meus braços. Bastarão adagas e espada de madeira para praticar.

— Os Skaldi não aprendem com brinquedos de madeira. Enviei as tuas armas para o meu ferreiro, para mandar fazer cópias. Tê-las-ás quando esgrimirmos. — Selig lançou um olhar carrancudo para um dos Confrades Brancos; já clamara pela espada de Joscelin, então, e ficara amofinado com a sua falta. — Já acabaste, velho mestre?

— Oh, quase. — Lodur trabalhava habilmente, envolvendo ligadu-

ras de linho bem limpo em torno da pele besuntada de bálsamo de Joscelin. — Ele sarará com presteza. Estes D'Angelines, têm o sangue dos deuses nas veias. É antigo e delicado, sim senhor, mas um mero vestígio dele é uma coisa poderosa, Waldemar Berundson.

Se eu não deixei escapar o aviso contido nas suas palavras, Selig não poderia deixar de lhe prestar atenção. — Antigo e poderoso, e corrompido por gerações de brandura, velho mestre. Os deuses deles curvarão a cabeça perante o Pai Supremo, e clamaremos a magia do sangue deles para os nossos próprios descendentes, para infundi-los do vigor do sangue vermelho dos Skaldi.

O ancião levantou os olhos para ele, o seu único olho tão invernoso e distante como o de um lobo. — Que possa ser como dizes, jovem Waldemar. Eu sou demasiado velho para fazer braço forte com os deuses.

Senti um calafrio percorrer-me face às suas palavras. Fosse qual fosse a verdade, o ancião tinha poder, isso sabia eu. Senti-o naquela cabana, arrepiando-me a pele, com sussurros de terra sombria e de abetos altaneiros, de ferro e sangue, raposa, lobo e corvo. Lodur levantou-se então, dando amavelmente uma palmadinha na cabeça de Joscelin, e recolheu as suas coisas.

No centro da herdade, recusou que o levassem de volta à sua casa na floresta, dizendo que lhe saberia bem a caminhada. Eu, tremendo como sempre, não podia crer no seu vigor, mas na verdade a sua pele nua não parecia afectada pelo frio. Selig falava com os Confrades Brancos a respeito de qualquer coisa, de modo que aproveitei o ensejo para me acercar de Lodur quando ele se aprestava para partir.

— Falastes sério? — perguntei-lhe. — Sobre a arma?

Não disse mais que isso, mas ele percebeu onde eu queria chegar e considerou-me, enterrada até aos tornozelos na neve. — Quem sabe os desígnios dos deuses? Baldur o Belo foi abatido com um ramo de visco, lançado por mão desconhecida. Serás tu arma menos razoável?

Eu não tinha resposta para aquilo, e o ancião riu-se. — Ainda assim, fora eu o jovem Waldemar, também correria o risco contigo — acrescentou com um sorriso malicioso —, e, não fora a minha idade, pedir-te-ia um beijo.

Coisa mais que improvável, aquilo fez-me corar. Lodur casquinou outra vez e lançou-se neve fora, de bordão na mão, marchando vivamente pelo caminho que fizéramos para cá. Estranho homem; jamais conhecera um mais estranho. Tive pena de não voltar a vê-lo.

Por seu lado, Waldemar Selig reagiu a todo o encontro olhando-me com nova suspeição. Esta veio à luz nessa noite na cama, quando não

me rogou que lhe desse prazer, mas me olhou em vez disso, desenhando com um dedo os lineamentos da minha marca. — Quiçá haverá magia de runas nestas marcas, Faydra — disse, enganosamente. — Di-lo-ias?

— É a minha marca, que diz que estou comprometida ao serviço de Naamah. Todos os seus Servos carregam uma, e não há qualquer magia nela excepto a liberdade, quando é completada. — Quedei-me silenciosa, ajoelhando diante dele.

— Assim o dizes. — Espalmou-me a mão nas costas; abarcava uma grande extensão da minha pele. — Dizes que foste vendida como escrava porque sabias de mais. Eu, eu apenas te mataria, se assim fosse. Porque estás tu viva?

A voz de Melisande chegou até mim, calma e distante. *Jamais te mataria assim como jamais destruiria um fresco ou um vaso inestimáveis.* — Meu senhor — sussurrei —, eu sou a única da minha espécie. Mataríeis um lobo com pele da mais pura prata, se ele vagueasse pela vossa herdade adentro?

Ele ponderou-o, depois apartou-se de mim, abanando a cabeça. — Não sei dizer. Porventura teria sido conduzido por Odin, para a minha lança. Não entendo essa coisa que dizes ser.

Era verdade, e uma mercê para mim. Até ele, o menos ingénuo dos Skaldi, entendia o prazer nos seus termos mais simples. Não era grande coisa, mas eu sentia-me grata por isso. — Sou vossa serva, meu senhor — disse eu, inclinando a cabeça e pondo tudo o resto de lado. Foi quanto bastou. Ele estendeu os braços para mim, então, correndo-me os dedos pelo cabelo, e puxou-me para cima dele.

QUATRO



Tal como Lodur predissera, Joscelin curou-se com presteza. Selig mandou que lhe levassem as armas dele para as sessões de prática, e fez por aprender esta nova habilidade d'Angeline.

Eu pouco ligara às sessões de Joscelin com Alcuin no jardim. Agora observava com mais atenção. As formas através das quais Joscelin fluía tão sem esforço no seu ritual matinal estavam no seu cerne. Observando, desconstruía-as e via como cada uma delas tinha um propósito. Pouco importava que os Cassilines lhes houvessem dado nomes poéticos, eram golpes e fintas, deteres e aparares, todas elas, destinadas a conduzir e antecipar os golpes do adversário — ou de múltiplos adversários, por assim dizer.

Os membros da Irmandade Cassiline começam a sua prática aos dez anos de idade, quando são iniciados. Dia após dia, ao longo de muitos anos, não praticam outra coisa, até que as formas estejam tão profundamente enraizadas neles que possam fazê-las para a frente e para trás, acordados ou a dormir. E mesmo assim, fazem-nas todas as manhãs, não vá a memória gravada nos seus ossos começar a esmorecer.

Eu pensara, quando Joscelin dissera que não podia ensiná-la a Selig, que queria com isso dizer que ia contra os seus votos; percebi então que ele queria dizer que era impossível. Com Alcuin, fora brincadeira, e ele nada tinha que desaprender. Waldemar Selig, reconhecido campeão dos Skaldi, intentava acrescentar ao que sabia. Mas o que Joscelin

procurava ensinar-lhe ia contra a simples e brutal eficácia que nele fora inculcada e exercitada. Quando deu consigo atrapalhado, desajeitado como um rapazinho, foi ficando impaciente e desagradado.

As lições acabaram. As armas de Joscelin foram trancadas no armário de Selig, e os seus grilhões repostos permanentemente.

E as suspeitas de Selig foram aumentando.

Kolbjorn dos Manni veio reunir-se com ele, trazendo novas do sul. Encontram-se lá skaldi, soube eu, vivendo junto à fronteira de Caerdicca Unitas praticamente lado a lado com os fidalgos de Tiberium, com casas como deve ser e vastas propriedades amanhadas por escravos. Os Caerdicci consideravam-nos quase civilizados, e ainda mantinham algum comércio e correspondência com eles. Era de entre eles que Kolbjorn vinha, trazendo uma carta para Selig.

Mesmo no bulício do grande salão, eu sabia como tornar-me invisível, ajoelhando imóvel a um canto. Selig supunha-me a trabalhar nalguma nova transladação para ele, e não prestou atenção; tomando-lhe o exemplo, os outros ignoraram-me. Eu estava demasiado longe para ler, mas vi-lhe o rosto quando quebrou o selo e abriu a carta. Deixou transluzir alívio. — Kilberhaar de nada suspeita! — exclamou, dando uma palmada nas costas de Kolbjorn. — Morderá a nossa isca, e moverá os seus exércitos tal como acordámos. Boas novas, hã?

Kolbjorn dos Manni resmungou qualquer coisa em concordância, não logrei escutar o quê. Vi, em vez disso, a carta pousada aberta sobre a mesa entre eles, o selo quebrado gravado em cera dourada. Quebrado ou não, reconheci a divisa, mesmo à distância. Três chaves entrelaçadas, quase perdidas no intrincado padrão; o emblema de Kushiel, que se dizia ser guardião das chaves dos portais do inferno.

Era a insígnia da Casa Shahrizai.

É claro, pensei, ajoelhada em silenciosa agonia. É claro. Melisande Shahrizai era esperta bastante para derrubar a Casa Trevalion; era demasiado esperta para cair com a Casa d'Aiglemort. Jogaria dos dois lados, e clamaria a parte vitoriosa. Agarrei o diamante que trazia à garganta, apertando-o até sentir cada faceta sua impressa na palma da mão. Mesmo aqui, eu não estava fora do seu alcance.

Foi então que ouvi, através de uma névoa indistinta, Selig dizer a Kolbjorn num tom casual que haveria uma grande caçada no dia seguinte. Os Skaldi prezam muito a hospitalidade, e Kolbjorn era um valioso aliado; a caçada teria lugar em sua honra, e seguir-se-lhe-ia um festim.

Foi então que me ocorreu o plano.

Recolhendo-me silenciosamente, retornei sem subterfúgio, acercando-me de Selig e ajoelhando. Ele reconheceu a minha presença com um assentir de cabeça, e eu implorei a sua permissão para visitar Joscelin. Ele concedeu-me distraidamente, mandando um dos Confrades Brancos comigo. Caminhando penosamente através da neve, estudei a disposição da herdade e do acampamento, com a mente trabalhando febrilmente. Daria certo, porventura. Se cavaleiros bastantes de Selig saíssem para a caçada. Se Joscelin para isso concorresse.

Esse era o cerne da questão.

Entrei dentro da cabana, a minha escolta seguindo-me. Joscelin estava a exercitar-se na medida em que os grillhões lho permitiam, fazendo aplicadas flexões contra o chão. Pouco mais tinha que fazer, salvo meditar. Pôs-se em pé quando entrámos, as correntes chocalhando. O Confrade Branco olhou a cabana por alto, depois foi postar-se lá fora à porta, preferindo o fresco ar frio ao gélido ambiente abafado e fumarento do interior.

— Olha — disse-me Joscelin, sacudindo a argola de ferro presa às tábuas de madeira bruta do chão. Ela balanceou, evidentemente frouxa no buraco. Congratulei-me, pois era menos um obstáculo. — O que se tem passado? — perguntou-me ele então. — Tenho ouvido uma agitação nos acampamentos.

— Kolbjorn dos Manni está cá — disse eu. — Joscelin, ele trouxe uma carta do sul, encaminhada através de Caerdicca Unitas. Vi o selo. Era de Melisande.

Ele ficou-se silencioso, então, avaliando a extensão da traição dela. Eu estava bem ciente do abalo. — Que dizia ela? — acabou ele por perguntar. Eu abanei a cabeça.

— Não tive o ensejo de ver. Mas sei que ela diz que d'Aiglemort de nada suspeita.

— Achas que é verdade?

Não pensara nisso, demasiado aturdida para pô-lo em causa; vendo a possibilidade, dei uma palmada na frente. — Não sei. Ela pode estar a jogar Selig nas mãos de d'Aiglemort. É possível. — Entreeolhámo-nos. — De qualquer dos modos — disse suavemente —, a Coroa cai, e ela fica a ganhar. Joscelin, serias capaz de matar um homem com as mãos?

Ele empalideceu. — Porque perguntas?

Contei-lhe o meu plano.

Quando acabei, ele pôs-se a andar pela cabana preso às suas correntes, descrevendo círculos até onde elas permitiam. Pude ver-lhe os pensamentos acudirem-lhe às feições.

— Pedes-me que traia o meu voto — disse ele por fim, sem olhar para mim. — Atacar, sem que me provoquem... para matar... isso vai contra todos os princípios que jurei honrar. O que pedes, Phèdre... é homicídio.

— Eu sei. — Eu poderia ter dito muitas coisas. Poderia ter-lhe salientado que estávamos ambos a morrer aos poucos, ele acorrentado, eu servindo o prazer de Waldemar Selig contra uma maré enchente de ódio. Poderia ter argumentado que estávamos em guerra e encurralados atrás das linhas inimigas, onde as regras comuns de decência já não se aplicavam. Poderia ter dito isto tudo, e não o fiz. Joscelin sabia-o tão bem como eu.

Não deixava de ser homicídio.

Após um longo momento, ele olhou para mim. — Farei o que pedes — disse ele suavemente, numa voz sem inflexão.

Assim foi traçado o nosso plano.

Durante todo o dia, estive desassossegada, o coração batendo-me a um ritmo desusado e com uma nervosa sensação de agonia na boca do estômago. Ocultei-o com sorrisos e gracejos, obedecendo silenciosamente às ordens de Selig, usando a subserviência como uma máscara. Devo tê-lo feito bem; ele ficou assaz animado para pôr de lado as suas suspeitas durante o dia, fazendo questão de elogiar o meu serviço na presença de Kolbjorn. Contentes de que Selig se devotasse inteiramente a propósitos skáldicos e não à corrupção d'Angeline no dia seguinte, os seus cavaleiros e os Confrades Brancos não viram nisso problema.

Ele possuiu-me nessa noite. Por acaso, calhou havermos chegado a uma passagem das *Trois Mille Joies* chamada “O Veado que Brama”, e Selig tomou-o como bom augúrio, pois iam caçar veado no dia seguinte. De gatas, eu estremeci debaixo dele, fitando a cabeceira esculpida da cama e desprezando-o enquanto arremetia dentro de mim, com a cabeça lançada para trás, as mãos agarrando-me os ombros com força. Gozai, meu senhor, pensei, é a última vez que me tens.

Depois ele adormeceu, enquanto eu fiquei deitada de olhos bem abertos no escuro. Apenas um débil fulgor laranja vinha das brasas que ardiam no fogão, cintilando ao reflectirem-se nos objectos de metal. Fixei o reflexo mais próximo, a minha mente ocupada com mil detalhes, não me apercebendo do que se tratava até que o seu vulto se destacou na escuridão e ganhou forma a meus olhos.

Era a adaga de Selig, pousada sobre a mesa-de-cabeceira do outro lado quando ele se despira.

É claro, pensei, e senti-me inundada de alívio. É claro que havia

outra maneira. O preço era mais alto, mas o fim... oh, o fim era certo! Virando a cabeça, olhei Selig que dormia, perscrutando as suas feições à luz difusa das brasas. O seu rosto era pacífico em repouso, como se não houvesse maus pensamentos a povoarem-lhe os sonhos. Respirava pesadamente, o seu peito poderoso subindo e descendo em movimentos regulares e uniformes. Ali, pensei; os meus olhos haviam-se acostumado à escuridão. Ali, na depressão na base da garganta, deixada a nu pela barba em forquilha. Enterrar lá a ponta, e retorçê-la. Pouco sabia de armas, mas bastaria.

Tudo o que tinha a fazer era deitar mão à adaga.

Movi-me cautelosamente, estendendo um braço sobre o seu corpo.

O leito rangeu, e senti uma mão agarrar-me o pulso. Olhando para baixo, vi os olhos de Selig, abertos e despertos. Ele não era Gunter nenhum, para dormir feito morto a despeito de qualquer perturbação... Waldemar Selig, chamavam-lhe, Abençoado, à prova do aço. O que fiz então, fi-lo sem outra escolha. Quase fora apanhada a tentar matar o legítimo Rei dos Skaldi. Com um murmúrio de protesto, dobrei o braço para rodeá-lo num abraço, pousando-lhe a cabeça no ombro.

Agradou-lhe, pensar que eu tivera sem querer um gesto de ternura. Emitiu uma risadinha sonolenta, que me ecoou como um tambor sob o ouvido, e deixou-me estar, aninhada contra ele. Não tardou que a sua respiração retomasse os ritmos do sono. Fiquei acordada durante muito tempo, forçando os meus membros a ceder, afugentando a rigidez do terror. Por fim, exausta de medo, deslizei para sonhos desassossegados.

O dia amanheceu seco e luminoso, e o grande salão fervilhava com toda a actividade anterior a uma caçada. Eu movi-me através de tudo aquilo num abalo aturdido, sentindo-me como se houvesse tropeçado, ofuscada, em algum estranho teatro. Refrescado pelo sono, o meu terror retornara, dividido entre o horror face ao que quase acontecera na noite anterior e o medo do que estava por vir. Recordo muita pouca coisa dessa manhã. Os Skaldi armando-se para a caça, as mulheres na sua labuta, os cavalos trazidos a postos, batendo os cascos contra o frio; confunde-se na minha mente com a manhã em que o pessoal de Gunter partira para a incursão e retornara cantando sobre os d'Angelines dizimados. Até Harald o Imberbe lá estava, passando os dedos pela penugem que lhe crescia no queixo e lançando-me um jovial piscar de olho, não sabendo da malquerença das gentes de Selig para comigo. Apenas o latir dos cães era diferente; isso, e os Confrades Brancos tirando palhinhas para ver quem é que ficaria de guarda a mim. Eram ordens de Selig. Um cavaleiro chamado Trygve tirou a palha mais curta, resmun-

gando por entre a chacota bem-disposta dos seus camaradas. Calou-se face a um olhar admoestador de Selig. Eu mantive os olhos baixos, não querendo olhar para o homem cuja sina e uma palha curta haviam destinado à morte.

E então foram-se todos, e o grande salão ficou praticamente vazio. Os vilões domésticos faziam o seu trabalho. Trygve estendeu-se preguiçando sobre um banco, namoriscando com uma das mulheres. Eu retirei-me para o quarto de Selig; ele viu para onde eu me dirigia, e assentiu com a cabeça, sabendo que eu tinha trabalho a fazer ali para o seu senhor.

A sós no quarto de Selig, tomei o broche da minha capa de pele de lobo e abri-o, pondo a ponta afiada do seu alfinete de bronze entre os dentes. Com uma cuidadosa pressão, dobrei a extremidade na forma de um minúsculo anzol. Deu algum trabalho, mas logrei apanhar a tranqueta da fechadura do armário de Selig, abrindo-o e dando com correspondência privada, um cofre fechado com moedas, uma confusão de roupas e as armas de Joscelin empilhadas lá ao fundo. A carta de Melisande Shahrizai estava lá. Sentei-me a lê-la.

Era a sua letra; reconheci-a, havendo-a visto muitas vezes em cartas dirigidas a Delaunay, embora agora escrevesse em Caerdicci. A carta em si era breve, pouco mais do que a confirmação do que Selig dissera em voz alta. *Confio que nos entendemos mutuamente*, escrevera ela no fim.

Os alforges de coiro de Selig jaziam a um canto, desnecessários para uma caçada de um dia. Tirei-os para fora e enfiei a carta numa bolsa interior, depois vasculhei o armário em busca das roupas mais quentes que logrei encontrar, metendo-as dentro dos alforges. Havia igualmente um estojo de fuzil, e peguei nele com gratidão. Pouco mais havia que pudesse fazer, por esta altura. Pus a capa e apertei-a com dificuldade. Inspirando fundo, saí para o grande salão e acerquei-me de Trygve, ainda ocupado em galanteios. Olhou-me de relance, desagradado. — O que foi?

— Gostaria de visitar o meu amigo, por favor, meu senhor — disse eu suavemente. — O meu senhor Selig permite-me fazê-lo, uma vez por dia.

Era verdade, e ele sabia-o; no entanto, Selig não se encontrava lá. — Eu levo-te mais tarde — disse ele despachando-me, voltando-se para a mulher, retomando a sua história interrompida.

Ajoelhei, mantendo os olhos baixos. — Se vos aprouver, meu senhor, poderei ir só. A herdade está vazia, e estarei em segurança. Não preciso estragar-vos o dia com isto.

— Oh, deixa-a ir — disse impacientemente a mulher skaldi, Gerde, era o seu nome. — Ela retornará a horas, sabe bem onde tem a ganhar!

Numa outra altura, poderia ter-me empertigado face ao seu comentário, mas agora mantive-me imóvel. Trygve suspirou, baloiçando as pernas estendidas para fora do banco e atirando a peliça que o assinalava como Confrade Branco por sobre os ombros, puxando o capuz sobre a cabeça. — E deixar que chegue aos ouvidos de Selig quando um vilão lhe disser que viu a d'Angeline sem escolta? Deixa lá, eu vou. — Pondo-se em pé, pegou no escudo e tomou-me bruscamente o braço. — Anda lá. E sê breve por hoje, entendes?

Congratulei-me, caminhando atrás dele ao frio, que ele não houvesse sido gentil. Tornava a coisa mais fácil. O pior do terror passara, agora que acontecia. Os guerreiros dizem que a espera é sempre o mais difícil, antes de uma batalha. Entendi-o nesse dia. O recinto da herdade estava tão escassamente povoado como o grande salão, ninguém indo e vindo dos outros salões, somente uns quantos vultos por entre o punhado de tendas que ainda salpicavam a larga faixa de terra em torno do lago.

E então chegámos à cabana de Joscelin, e Trygve fez-me sinal para que o precedesse. Arredando o coiro para o lado, entrei. Tinha a vista ofuscada do sol, e demorou um segundo até que visse que não havia ninguém no centro da cabana, apenas um buraco nas tábuas do chão onde estivera presa a argola. Virando a cabeça, vi Joscelin imóvel junto à porta, com a corrente suspensa das suas mãos agrilhoadas. Nenhum de nós falou. Eu desviei-me, permitindo a Trygve entrar.

Ele deu dois passos no interior da cabana, antes que Joscelin agisse, enrolando-lhe a corrente à volta do pescoço e torcendo-a implacavelmente. Forçara-o àquilo; forcei-me a olhar. Parcialmente protegido pelo capuz da sua peliça branca, Trygve debateu-se, arquejando, as mãos puxando pelos braços de Joscelin. Joscelin deu-lhe bruscamente com o joelho nas costas, e as pernas de Trygve soçobraram. Quando ele deslizou por terra, inspirando para gritar, Joscelin deixou cair a corrente, tomou-lhe a cabeça nas mãos e torceu-a bruscamente.

Ouvi o som do pescoço dele a quebrar-se. O grito morreu-lhe inarticulado na garganta, e a centelha de vida desapareceu-lhe dos olhos. Lesta assim.

— Dá-me as tuas mãos. — Arranquei o broche da capa, trabalhando com presteza enquanto Joscelin se mantinha em pé de braços estendidos. Os fechos das grilhetas eram simples. — Obrigada, Hyacinthe — murmurei, ajoelhando-me para lhe libertar os tornozelos. Levantei os

olhos. Joscelin esfregava os pulsos, a expressão firmemente controlada. — Temos de tirar-lhe a roupa.

Joscelin assentiu laconicamente. — Façamo-lo.

Os mortos pesam mais do que os vivos; deu algum trabalho despir o cadáver, mas lográmos fazê-lo, sem olharmos um para o outro. Sem um comentário, Joscelin virou-se de costas e tirou a roupa, envergando o traje skaldi no lugar do seu uniforme de Cassiline já no fio.

— Deixa-me ver-te. — Estudando-o, desfiz-lhe a trança, depois inclinei-me sobre a braseira para tirar um punhado de cinzas. Esfreguei-lhas no cabelo, tornando-lho pardacento, e no rosto, emprestando-lhe um encardido que de certo modo ocultava as suas feições de d'Angeline. Olhei de relance para o cabelo de Trygve e copiei-lhe o penteado, fazendo pequenas tranças laterais no cabelo de Joscelin, puxando-lho para a frente para lhe ocultar mais o rosto. — Pronto — disse então, empunhando a peliça branca de lobo. Joscelin atirou-a sobre os ombros, atando a pele das patas da frente como eles faziam, depois puxou o capuz sobre a cabeça, a máscara de lobo com olhos vazios bem descaída sobre a fronte.

Serviria. À distância, passaria por um dos Confrades Brancos.

— Estás pronto? — perguntei. Ele inspirou profundamente e assentiu com a cabeça. — O grande salão será o pior. Não podia trazer um saco sem levantar suspeitas, mas precisamos de roupas e de um estojo de fuzil, e a carta de Melisande está lá. Podemos arranjar vitualhas no salão mais pequeno, há menos gente por lá.

— Preciso das minhas armas.

— Não são skaldi. Leva as de Trygve.

— Preciso dos braços. Não tenho prática a lutar com escudo, bem o viste no *holmgang*. — Fez uma pausa, depois acrescentou baixinho, — Foram-me dados pelo meu tio, e pelo seu tio antes dele, Phèdre. Deixa-me ao menos ficar com isso.

— Muito bem. Leva as de Trygve por agora, parecerá estranho se não as tiveres. — Receava perder tempo com disputas. — Mantém a cabeça baixa, e faz um ar mal-humorado. Se alguém falar, abana a cabeça. Se persistirem, diz isto: “Ordens de Selig. Ele vai montar acampamento.” Disse-lhe as palavras em Skáldico, fi-lo repetir uma e outra vez até ter o acento certo. Ele não se esquecera do que aprendera. — E trata-me com desprezo — acrescentei, ainda em Skáldico. Estaríamos perdidos, se eu me esquecesse e me dirigisse a ele em D'Angeline.

— Um momento. — Ele ajoelhou-se no chão de madeira junto ao corpo de Trygve, lívido e arroxeadado na cabana gelada. Cruzando os

braços, Joscelin murmurou uma prece Cassiline, a mesma que rezara por Evrard o Língua Afiada. Parecia estranho, ver um guerreiro skaldi rezar como um Irmão Cassiline. Levantou-se então, pondo o cinturão de Trygve e ajustando o escudo ao ombro. — Vamos — disse-me em Skáldico.

Eu arredei o coiro e saí para o ofuscante Sol de Inverno.

CINCO



Acada passo do caminho estava certa de que soaria um alarme, de que o corpo morto de Trygve de algum modo gritaria o nosso crime para os céus. Caminhámos ao longo da extensão nevada direitos ao coração da herdade, e a distância parecia alongar-se a cada passo. Ainda hoje sonho com aquela travessia. O dia estava impiedosamente claro, ameaçando a ilusão da indumentária skáldica de Joscelin. Ele mantinha a cabeça baixa, franzindo o sobrolho sob a máscara de lobo, agarrando-me duramente o braço.

Seguramente, contudo, os Confrades Brancos não andavam tão lestos; ou caminhariam a um passo cadenciado, no caminho de volta por aqui? Não me lembrava, eu que fora adestrada para reparar nesse género de coisas. Parecia ter os sentidos petrificados.

Parámos primeiro no salão mais pequeno, onde a minha presença era menos conhecida. Uns quantos olharam curiosamente, e um dos vilãos domésticos acercou-se boquiaberto, levando a mão à frente perante Joscelin, respeitoso da insígnia dos Confrades Brancos. — Que desejais?

Joscelin deu-me um safanão no braço, assentindo para mim. — Diz-lhe — rosnou, parecendo mesmo um cavaleiro enfadado. Não as palavras que eu lhe dera, mas serviriam; porventura levantaria menos suspeitas assim.

— O meu senhor Selig decidiu acampar com Kolbjorn e uns quan-

tos homens — disse eu. — Mandou buscar um odre de hidromel, duas sacas de potagem e uma panela. Levai-os até à cavalaria; o meu senhor Trygve irá a cavalo ao seu encontro.

— Somente um odre de hidromel? — interrogou-se o vilão em voz alta, depois engoliu em seco de medo, olhando de relance para Joscelin.

— Três — retorquiu Joscelin, dando-me ao braço outro safanão, voltando-se como que de impaciência e arrastando-me atrás dele. Eu não estava certa de ter resultado, até que ouvi o vilão gritar pedindo ajuda.

Os joelhos tremiam-me a caminho do grande salão. Quando Joscelin me empurrou portas dentro, quase tropecei, e dei comigo irada com ele à conta disso. Isso deu-me força bastante para me pôr bem direita, lançando-lhe um olhar fulgurante. Ele devolveu-me o olhar, seguindo-me colado aos calcanhares quando me dirigi ao quarto de Selig.

Gerde não estava à vista, graças a Elua. No quarto de Selig, fechei a porta e aponte para o armário, que não me dera ao trabalho de voltar a trancar. Joscelin abriu-o de um golpe e apressou-se a recolher as suas armas, afivelando os braçais no lugar, substituindo o cinturão de Trygve pelo seu, embainhando as adagas. Tirou a peliça de lobo para pôr o seu talabarte, ocultando a bainha da espada sob a peliça depois de tudo feito. Eu cobri-lhe o punho da espada com uma madeixa do seu abundante cabelo, e rezei para que ninguém desse por um guerreiro skaldi carregando armas ao estilo Cassiline. Joscelin pegou nos alforques e assentiu na direcção da porta.

— A carta de Melisande! — arquejei, tomada de uma terrível súbita constatação.

— Joguei que a tinhas tu. — Ele ficou à espera, com os alforques de couro numa mão.

— E tenho. — Arranquei-lhe os alforques da mão e abri brusca-mente o que continha a carta, vasculhando freneticamente até dar com ela. — Selig não sabe que temos conhecimento do seu plano para trair d'Aiglemort — disse eu sombriamente. — Se levarmos a carta, dar-mo-nos-emos a conhecer. Ele consequentemente alterará os seus planos, e perderemos toda a vantagem. Temos de prescindir de provas. — Tornei a colocar a carta onde a encontrara, numa prateleira alta dentro do armário. As mãos tremiam-me, e limpei-as às saias, inspirando fundo. — Muito bem. Vamos.

Não tivemos tanta sorte ao sair.

A meio caminho da porta, Gerde emergiu da cozinha e avistou-nos.

— Onde vais tu *agora*? — perguntou num tom lamentoso, dirigindo-se a nós. — Trygve, *prometeste!*

— Ordens de Selig. — Joscelin disse-o num murmúrio, mantendo os olhos postos na porta e puxando-me atrás dele.

— Nada ouvi dizer! — Gerde continuou a andar, com as mãos nas ancas, a voz irritada. Mais umas poucas jardas, e ela dar-se-ia conta de que não se tratava de Trygve debaixo do capuz de lobo. Sacudi a mão de Joscelin do meu braço e interpus-me entre eles.

— E porque haveríeis de ouvir? — perguntei, deixando que a voz se me enchesse de mordaz desdém. — Será que o meu senhor Selig manda chamar-vos a vós, quando tem em mente o prazer? Manda ele chamar seja que mulher for da herdade? — Varri o salão com os olhos, dando com expressões boquiabertas. Pelo menos agora ninguém olhava para Joscelin. — Não, não chama — continuei altivamente. — Ele é digno de que lhe chamem Rei, e manda chamar alguém digno de dar prazer a um Rei. E se lhe apraz montar acampamento esta noite e mandar buscar-me para que me junte a ele, quem quer que deseje permanecer nas suas boas graças faria melhor em não questioná-lo!

Girei nos calcanhares e marchei na direcção da porta. Joscelin encolheu os ombros com um ar enfadado para o salão em geral, passou à minha frente e abriu a porta com um empurrão, saindo atrás de mim. Pude ouvir o furor elevar-se atrás de nós, qual ninho de vespas derrubado. Se fôssemos apanhados, não haveria uma palavra piedosa a meu favor em toda a herdade de Selig.

— Não tão depressa — disse Joscelin entre dentes uma vez lá fora. Eu quase corria. Forcei-me a abrandar para um passo mais comedido, grata pela sua presença de espírito.

As cavaliçadas de Selig, se assim podiam ser chamadas, eram meramente uma longa fiada de telheiros edificadas contra o vento num vasto cercado. Os Skaldi não mimam os seus animais, julgando assim mantê-los robustos. Uns quantos cavalos permaneciam no cercado, agrupados junto uns dos outros para se aquecerem; o meu hirsuto pónei estava entre eles. Um dos vilãos veio a correr, vendo um Confrade Branco acercar-se.

— As vitualhas foram trazidas — disse ele sem fôlego —, e já temos o vosso cavalo quase selado, senhor. É verdade que Waldemar Selig vai montar acampamento?

— Ordens de Selig — repetiu Joscelin bruscamente.

— O meu senhor Selig também mandou chamar por mim — disse eu num tom imperioso. — Trazei o meu cavalo e mandai-o selar.

O vilão olhou de relance para Joscelin, que encolheu os ombros e assentiu com a cabeça. Saiu disparado aos brados, e um par de rapazes correu para o cercado para trazer o meu pónei. O vilão retornou, levando a mão à frente.

— Forragem para os cavalos. — Eu olhei para Joscelin. — Quantos foi que o Senhor Selig disse? Uma dúzia?

Ele lançou um olhar fulgurante por baixo da máscara de lobo. — Forragem para uma dúzia — ecoou.

— Sim, senhor. — O vilão fez uma mesura nervosa, e desapareceu num rodopio. Nós observámos quase petrificados enquanto o pessoal de Selig se aprestava a preparar-nos a fuga, carregando os cavalos de mantimentos. Até conduziram os cavalos para fora do cercado por nós. Joscelin prendeu os alforjes de Selig na sua montada, atirando-os por cima da carga que já lá estava. Montou agilmente, estalando os dedos para mim. Era um gesto skaldi, mas eu vi-lhe cintilar o aço dos braços por baixo da manga da jaqueta de lã e sustive o fôlego. Ninguém reparou. Montei e peguei nas rédeas. As mãos tremiam-me. Eles atribuí-lo-ão ao frio, pensei, esperando por Joscelin até que me lembrei de que ele não fazia ideia para que lado haviam eles ido caçar. Tantos pequenos detalhes para nos traírem! Incitei o meu pónei para diante, inclinando-me para lhe sussurrar ao ouvido. — Cavalga até à extremidade norte do lago, e pelo trilho da montanha acima — murmurei em D'Angeline.

Foi quanto bastou. Joscelin assentiu brevemente com a cabeça na direcção do vilão e disse-me em Skáldico, num tom impaciente, — Vamos! — Esporeou o cavalo, avançando a trote para a orla do lago, e eu segui-o.

Tivemos de passar pelas tendas dos cavaleiros das outras herdades, onde uns quantos permaneciam; somente os favorecidos haviam sido convidados para a caçada. Senti-me grata que Harald se contasse entre eles. Só ele entre os ali acampados conhecia Joscelin de vista, porventura bem o bastante para distingui-lo montado a cavalo, reconhecê-lo disfarçado pelo reluzir dos braços nos pulsos, pelas adagas gémeas, pelo punho da espada ressaltando.

Mas Harald estava com Selig, e ninguém mais havia que visse, à distância, que o Confrade Branco que cavalgava comigo não era skaldi. Um punhado de cavaleiros gritou saudações e joviais obscenidades; Joscelin riu-se em resposta, e de uma vez respondeu com um gesto obsceno. Não fazia ideia de que ele o sabia. Os homens de Gunter costumavam fazê-lo nas minhas costas, e riam-se como rapazinhos se eu os apanhava em flagrante.

O dia estava mortalmente frio e o ar fazia-me doer os pulmões, deixando-me o rosto hirto como uma máscara. Pensei com terror no que seria à noite, quando a temperatura caísse. Deveríamos ter procurado arranjar uma tenda, apercebi-me. Os Skaldi não teriam levado nenhuma para uma caçada ou incursão de uma noite, mas Selig poderia ter mandado buscar uma, se mandasse buscar-me a mim. Se morreremos gelados, pensei, a culpa será minha.

Contornámos a extremidade norte do lago, e tomámos o trilho que conduzia para fora do vale, claramente marcado pela passagem de homens montados e cães. Era íngreme, mas pelo menos os cavalos não tinham de debater-se através de neve virgem. Avançámos a custo pelo trilho acima, ambos atentamente à escuta de possíveis sons dos caçadores de Selig à distância. Nada havia além do som da floresta, um trinado ocasional e o ruído difuso de ramos carregados de neve estalando. Virei-me para olhar para trás de nós, lá no alto, e a herdade de Selig lá estava ao longe, lá em baixo, o lago qual taça azul. Joscelin soprou os dedos.

— Como vamos nós fazer isto? — perguntou.

Considerarei a vista atrás de nós uma vez mais. — Seguimos o trilho deles um pouco mais, até estarmos bem fora de vista da herdade. Depois viramos para oeste. — Aconcheguei bem a capa de pele à minha volta e estremei. — Joscelin, o meu plano ia somente até aqui. Sei onde estamos, graças às cartas de Selig. E sei onde fica a nossa terra natal. Como chegaremos lá vivos, não faço ideia, a não ser que é melhor darmos um bom avanço antes que eles descubram que desaparecemos. E não pensei em arranjar uma tenda.

— Descobriste maneira de sairmos de lá. Eu descobrirei maneira de chegarmos a casa. — Olhou para a floresta à sua volta, os seus olhos azuis familiares e estranhos sob o capuz de Confrade Branco. — Lembra-te — acrescentou —, que fui criado nas montanhas.

Aquilo animou-me, e soprei as mãos tal como ele fizera. — Vamos lá, então.

Cavalgámos uma certa distância ao longo do trilho dos caçadores, depois fizemos um desvio abrupto para a esquerda, para oeste. Joscelin fez-me esperar, sustendo as rédeas do seu cavalo, enquanto retrocedia atrás e apagava os nossos passos com uma ramagem de pinheiro.

— Não verão nada se não estiverem a olhar — disse ele com satisfação, lançando a ramada de pinheiro para longe e tornando a montar. — E não se cavalgarem ao crepúsculo. Vamos, ponhamos alguma distância entre nós.

Apenas nos esquecêramos de uma coisa.

Aconteceu não muito tempo depois. Cavalgámos em silêncio, o melhor que podíamos, somente o ranger do coiro e o resfolegar dos cavalos denunciando-nos.

Era o bastante para que os Confrades Brancos que guardavam os limites do território de Selig ouvissem.

Eles encontram-se bem encobertos na neve, com as suas peliças brancas. Knud poderia ter-se apercebido da presença deles, mas nós não, até eles nos saltarem ao caminho, de lanças em riste, gritando em desafio.

E, ao verem Joscelin trajando como um deles, quedaram-se confusos.

— Sê bem aparecido, irmão — gritou um cautelosamente, baixando a lança. — Onde ides?

Não me parece que Joscelin tivesse escolha na matéria; não havia mentira assaz convincente que explicasse a nossa presença ali e nos desse passagem, ainda que eles não lhe descobrissem o disfarce. Ouvi-o murmurar uma palavra angustiada, e depois a sua espada já fora sacada e ele batia com os calcanhares na montada, investindo sobre eles.

Aquele que falara mal teve tempo de esboçar uma expressão de espanto antes que Joscelin o derrubasse, a espada desferindo um golpe mortal. O outro cambaleou atabalhadoamente para trás, de lança espetada, enquanto Joscelin se voltava para ele. Os seus olhos tremeluziram freneticamente, tentando decidir: o cavalo ou o cavaleiro? Atirou a lança sobre Joscelin, apontando-lha ao coração. Joscelin baixou-se sobre o pescoço do cavalo, e a lança passou à justa por cima dele. Endireitando-se impetuosamente, derrubou o segundo Confrade Branco. Este levantara o escudo; foram necessários vários golpes para acabar com ele.

Não há nada mais vermelho do que sangue derramado de fresco na neve.

Joscelin veio a cavalo lentamente na minha direcção, com uma expressão abalada. Os seus olhos, que haviam parecido tão jovens quando olhara pela primeira vez a floresta à sua volta, deixavam transluzir agonia e velhice.

— Tinhas de fazê-lo — disse eu suavemente.

Ele assentiu com a cabeça e desmontou, limpando e embainhando a espada. Sem olhar para o rosto do homem, acercou-se do Confrade Branco mais próximo, o primeiro, que usava toscas luvas de pele nas mãos. Uma agarrava ainda a lança por usar. Joscelin tirou-lhas gentilmente, trazendo-mas. — Não digas nada. Calça-as apenas.

Obedeci-lhe sem contestar. As minhas mãos ficavam a nadar dentro delas e mal podia segurar as rédeas, mas eram quentes. Joscelin tornou a montar e partimos de novo.

Ninguém mais nos apareceu ao caminho, e tornou-se evidente à medida que avançávamos que nos encontrávamos em território desabitado. Incitávamos os cavalos o mais que podíamos, abrindo caminho na neve que por vezes quase dava pelo peito do meu hirsuto pônei. A despeito de tudo isso, ele parecia mais resistente do que a montada mais alta de Joscelin. Uma vez tivemos de atravessar uma corrente de água alterosa, que corria com tal ímpeto entre as margens estreitas que não chegava a congelar. Deixámos que os cavalos bebessem, segurando-os para que o fizessem a pequenos goles; ter-lhes-ia provocado cólicas, disse Joscelin, encher-lhes as barrigas de uma vez. Ele esvaziou dois odres de hidromel ali, enchendo-os de água límpida.

Apenas parávamos para dar descanso aos cavalos, e mesmo assim por breve tempo. A nossa refeição do meio-dia foi um punhado de aveia, mastigada a seco e empurrada com água gelada. De tempos a tempos, Joscelin desmontava e conduzia a montada a pé, abrindo caminho e aliviando-a do seu peso. Fez-me fazer o mesmo uma vez, quando estava a ficar roxa de frio. Amaldiçoei-o por isso, mas o exercício aqueceu-me. Ele estava certo, é claro. Se os cavalos soçobrassem, seríamos seguramente apanhados.

Eu tinha na cabeça uma carta clara da rota que devíamos tomar para alcançar a garganta inferior da Cordilheira Camaeline. Era outra coisa, no entanto, transpô-la para a vastidão sem marcas em que viajávamos; e eu não era navegadora nenhuma. Quando por fim o Sol começou a pôr-se, a oeste, projectando as sombras das árvores longas e negras na nossa direcção, apercebi-me de que nos havíamos desviado da rota. Corrigimo-la, então, avançando penosamente para oeste rumo ao brilho laranja que declinava.

— Já estamos longe o bastante. — As palavras de Joscelin quebraram um longo silêncio entre nós. Ainda se vislumbrava um vestígio de luz através das árvores, e nada mais. — Se continuarmos a andar, nada veremos para montar acampamento.

Desmontou, então, atando as rédeas do seu cavalo a um ramo nas cercanias. Eu segui-lhe o exemplo, tentando não tremer face à escuridão que se abatia sobre nós. — Achas que é seguro fazermos uma fogueira? — perguntei por entre o bater de dentes.

— Não é seguro não a fazermos, a menos que queiras congelar durante o sono. — Joscelin espezinhou uma pequena área de neve, depois

começou a recolher ramos mortos, empilhando-os com eficácia. Eu ajudei o melhor que podia, trazendo lenha para a fogueira. — Primeiro temos de tratar dos cavalos — disse ele, tirando para fora o estojo de fuzil de Selig e ajoelhando-se para fazer fogo. Uma, duas, três vezes, e não pegou. O coração caiu-me aos pés. Não se deixando abalar, Joscelin sacou de uma das suas adagas e cuidadosamente desbastou um ramo seco, depois tentou acender outra centelha. Desta vez, pegou. Atiçou-a devagarinho, alimentando-a com gravetos, até se tornar numa labareda considerável.

— O que queres que eu faça? — Sentia-me desesperadamente inadequada.

— Toma. — Joscelin estendeu-me a panela. — Enche-a com um dos odres, e dá de beber aos cavalos. Podemos fundir neve para tornar a enchê-lo. Quando tiveres acabado, põe a potagem ao lume.

Tudo depende das circunstâncias. Em casa de Delaunay, teria torcido o nariz a comer uma refeição cozinhada numa panela da qual os cavalos houvessem bebido; agora, não poderia ter-me importado menos. O meu robusto pónei mergulhou o focinho e bebeu sequioso, levantando a cabeça quando lhe arredei a panela não fosse ele beber demasiado de uma vez. Formaram-se gotículas de gelo nos bigodes do seu focinho aveludado, e ele olhou para mim com uns olhos escuros e límpidos por baixo da melena.

Enquanto eu me ocupava das tarefas que me haviam sido destinadas, Joscelin trabalhava com uma eficácia incansável que me deixou humilhada, tirando as selas aos cavalos e esfregando-os com um bocado de malha, improvisando peias com um pedaço de coiro que encontrou num dos alforges, dando a cada um uma medida de forragem — que cheirava, na verdade, bem melhor que a nossa potagem — e erigindo um corta-vento a partir de um emaranhado de árvores caídas, e recolhendo uma provisão de lenha para a noite. Recolheu mais galhos de pinheiro, verdes, retalhando-os com a espada enquanto eu mexia a potagem, e fez uma cama fofa com eles sobre a neve. Vasculhando por entre as roupas de Selig, que eu trouxera, encontrou uma capa de lã que espalhou sobre os galhos.

— Impedirá que a neve nos roube o calor do corpo — disse à laia de explicação, sentando-se em cima da cama de pinheiro e sacando da espada. — Vamos... é melhor dormirmos juntos, para nos aquecermos.

Havia um constrangimento na sua voz. Levantei as sobranceiras para ele. — Depois de tudo o que passámos, isso deixa-te embaraçado?

Ele inclinou a cabeça sobre a espada, passando uma pedra de amo-

lar que estava entre as coisas dele ao longo da lâmina. Tinha o rosto desviado, com os reflexos das chamas tremeluzindo nos orifícios dos olhos da máscara de lobo sobre a sua frente. — Deixa, se pensar nisso, Phèdre — disse ele baixinho. — Não me resta muito a que me agarrar, no que toca aos meus votos.

— Lamento. — Abandonando a minha borbulhante potagem, fui sentar-me a seu lado, tomando-lhe um dos braços entre as mãos enluvadas. — A sério, Joscelin — repeti —, lamento. — Ali ficámos sentados juntos, olhando para o fogo. Ardia alegremente, abrindo uma depressão na neve com o seu calor e reflectindo desenhos de ramos dançantes na noite acima de nós. — Eu tentei matar Selig na noite passada — disse-lhe.

Senti o abalo daquilo percorrê-lo, e ele voltou-se para olhar para mim. — Porquê? Ter-te-iam matado por isso.

— Eu sei. — Fitei as chamas dançantes. — Mas teria sido seguro, assim. Os Skaldi não se uniriam debaixo de nenhum outro, é ele que os mantém juntos. E tu não terias que trair o teu voto.

— O que aconteceu? — A sua voz era suave.

— Ele acordou. — Encolhi os ombros. — Porventura é verdade, porventura ele é realmente à prova de dano. Foi aquele velho sacerdote que me fez pensar nisso, o que me chamou arma de Kushiel. Mas ele acordou. Tive sorte, ele não percebeu o que eu estava prestes a fazer.

— Phèdre. — Joscelin inspirou com um estremecimento, e expirou no que quase soou como uma risada, embora não totalmente. — Brinquedo de ricos. Ah, Elua... deixas-me envergonhado. Quem me dera ter conhecido Delaunay melhor, para haver criado uma tal pupila.

— Quem me dera que o tivesses conhecido também. — Descalcei uma das luvas e tirei-lhe um galho do cabelo, brincando com ele para sentir a sua finura. — Mas diga-se com toda a justiça, quando te vi pela primeira vez, pensei que eras...

— Um velho e ressequido cara de pau de um Irmão Cassiline — completou ele, lançando-me um olhar divertido. — Eu lembro-me. Lembro-me muito bem.

— Não. — Dei-lhe um puxão de cabelo e sorri para ele. — Isso foi antes de te conhecer. Assim que o fiz, achei que eras um presumido e enfatuado puritano de um Irmão Cassiline.

Ele riu-se daquilo, uma risada a sério. — Estavas certa. Era.

— Não, estava errada. O homem que eu achava que eras teria desistido e morrido de humilhação nos canis de Gunter. Continuaste a lutar, e mantiveste-te fiel a ti mesmo. E mantiveste-me viva, até agora.

— Foste tu que o fizeste por ti, Phèdre, e por mim também — disse ele gravemente, espevitando o fogo com a ponta da espada. — Não tenho ilusões quanto a isso, acredita em mim. Mas juro, farei tudo o que for preciso agora para te fazer chegar viva e inteira a Ysandre de la Courcel. Se tiver que ser amaldiçoado pelo que fiz, que seja amaldiçoado por inteiro e não pela metade.

— Eu sei — murmurei. Bem vira os seus olhos quando matara os Confrades Brancos. Ficámos sentados juntos em silêncio, até eu o quebrar. — Devíamos comer.

— Comer, e dormir. Precisamos de todas as forças que logramos reunir. — Pondo-se em pé, embainhou a espada e tirou a nossa potagem da fogueira. Tínhamos somente uma colher para os dois, e comemos à vez, enchendo a barriga de comida quente, ainda que sensaborona. Depois de comermos tudo, Joscelin limpou a panela esfregando-a e encheu-a de neve para derreter, enquanto eu me quedei sentada meio congelada, meio quente, e bêbeda de exaustão, enroscada na minha capa.

Deitámo-nos então juntos na cama de pinheiro, empilhando cada bocado solto de coiro e lã sobre nós. Aninhei-me contra Joscelin, sentindo o calor do seu corpo passar-me para os membros. — Dorme — sussurrou-me ele contra o cabelo. — Não darão connosco esta noite. Dorme.

Passado um bocado, assim fiz.

SEI8



Acordei de manhã, só e hirta de frio. Se achara a viagem da herdade de Gunter para a de Selig dura, ela nada fora comparado com isto. Houvesse-me eu dado conta disso ou não, fizera essa viagem na qualidade de um membro acarinhado e mimado da tribo. Não pensara, então, no facto de que não tinha necessidade de selar o meu próprio cavalo, de cozinhar as minhas próprias refeições, e de olhar por mim de todos os modos possíveis.

Agora, tinha de mexer-me por mim, pois a celeridade era essencial, e Joscelin — por mais eficaz que fosse — não passava de um simples homem, e não criado na vastidão skáldica, onde o frio é mais cortante e a neve mais alta que nas montanhas de Siovale.

Acabámos por criar juntos uma nova linguagem nessa viagem mortal, feita de gestos breves, assentimentos de cabeça e esgares. Aprendi coisas que jamais soubera, nem alguma vez pensara que viesse a precisar de saber, tal como o modo mais eficaz de carregar um cavalo e a melhor forma de escolher um trilho através de vegetação densa, em que os ramos entrelaçados ocultos sob a neve formavam ciladas para enredar cavalos e seres humanos.

Aprendi a envolver a cabeça em lãs como que num albornoz, poupando um calor precioso, passando uma faixa sobre o rosto para protegê-lo do vento. Aprendi a quebrar o gelo na minha roupa e a continuar em frente sem parar. Aprendi a raspar o gelo dos cascos do meu pónei,

quando as tenras almofadas no seu interior ficavam gretadas e a sangrar. Aprendi a trazer uma adaga — a adaga de Trygve, que Joscelin guardara — à cintura e a usá-la para tarefas simples.

Estas coisas aprendi eu, e depressa, pois viajávamos o mais velozmente que ousávamos, impelindo-nos a nós e aos cavalos quase ao ponto de soçobrar. A nossa carne foi-se tornando dormente, e tínhamos de procurar nas extremidades sinais da carne branca morta que pressagia ulceração pelo frio. Na segunda noite, uma matilha de lobos rodeou-nos enquanto montávamos acampamento, cerca de nós o bastante para que os vislumbrássemos por entre as árvores. Joscelin trabalhou freneticamente para fazer a fogueira e uma vez acesa, correu em torno do acampamento aos gritos, brandindo uma tocha. Eles retiraram-se, então, para a floresta, mas nós víamos-lhes os reflexos dos olhos na noite.

Ainda assim, não vimos viva alma no segundo dia, nem no seguinte. Estávamos no terceiro dia quando perdemos uma hora preciosa num quase desastre. Sobreveio-nos no cimo de uma crista nevada, onde desmontámos e fizemos uma paragem para determinarmos a nossa direcção. Protegendo os olhos da neve ofuscante, apontei para o norte distante, onde um ténue fio de fumo sulcava o céu azul por trás de um pico montanhoso cortado em dois.

— A herdade de Raskogr — disse eu, a minha voz soando abafada através da mortalha de lã que me cobria o rosto. — Uma dos Suevi. Temos de ir um pouco para sul e seguir a cordilheira.

Joscelin assentiu e deu um passo em frente.

A plataforma de neve desmoronou-se sob os seus pés, nada tendo por baixo. Com um grito, ele caiu, rolando de cabeça num lençol deslizante de neve. Eu atirei-me para trás aterrorizada, recuando atabalhoadamente em busca de rocha sólida, e dei comigo agarrada a um penedo áspero que irrompia da neve, com o vazio a polegadas das pontas dos pés. O meu fiel pônei atirou a cabeça para trás e resfolegou em pânico, enquanto o cavalo de Joscelin se afastou umas jardas e parou, com os olhos rolando nas órbitas.

Tremendo, inclinei-me para espreitar.

Lá muito em baixo, Joscelin fazia por desembaraçar-se da neve, aparentemente ileso. Enquanto eu olhava, pôs os membros à prova, procurando sinais de lesões, e depois apalpou-se a ver se tinha as armas. As adagas lá estavam à cintura, mas a espada saltara-lhe da bainha. Pude vê-la ressaltando na neve, um pedaço de lâmina e o punho, a meio caminho da crista.

Vendo-me espreitar por sobre a plataforma, fez sinal de que estava bem. Eu acenei de volta e apontei-lhe para a espada. Mesmo de onde estava, pude ver-lhe a consternação.

Levou quase uma hora a trepar de volta para a crista, por três vezes a neve corredia dando de si por baixo dele, lançando-o lá para baixo de novo metade da distância já percorrida. A maior parte do tempo, passei-o a correr atrás do seu recalcitrante cavalo, que resfolegava numa assustada nuvem de gelo e fugia atabalhoadamente através da neve quando eu me acercava. Finalmente lembrei-me do que faziam as crianças de Perrinwolde, e aliciei-o com um punhado de aveia. Quando por fim lhe deitei mão às rédeas, estava com tanto frio, tão cansada e desolada que encostei a face contra o seu pescoço morno e chorei, até que as lágrimas se me congelaram, amargas e geladas nas faces. O cavalo de Joscelin mastigava o seu pedaço de forragem e esfregava-me o focinho no cabelo como se não tivesse sido a causa de tal desalento.

Joscelin, uma vez chegado ao cume, simplesmente deitou-se de costas e fitou o céu, exausto. Dei-lhe o odre com água sem falar, e ele bebeu.

— Temos de continuar a andar. — A sua voz soou esganiçada, os pulmões ressequidos pelo esforço feito no ar frio, mas pôs-se em pé.

Eu assenti com a cabeça. — Pelo menos os cavalos estão repousados. — Era um fraco gracejo quando muito, mas era assim que nos mantínhamos no caminho.

E ao caminho nos fizemos.

Nenhum dos dois falou nessa noite sobre o tempo que perdêramos, mas estávamos ambos alerta, saltando assustados aos sons da floresta: neve deslizando, o brusco estalar que os ramos fazem quando a seiva congela nos seus veios lenhosos. Joscelin fitava ensimesmado o fogo, remexendo-o com um graveto como fazia quando estava a pensar.

— Phèdre. — A sua voz sobressaltou-me, e dei-me conta de como tinha os nervos em franja. Sustive o seu olhar grave. — Se... quando... eles nos apanharem, quero que faças uma coisa. Diga eu o que disser, faça eu o que fizer, vai em frente com isso. Aqui, quero mostrar-te uma coisa. — Levantando-se, dirigiu-se aos nossos alforges e retornou com o escudo de Trygve. Era um simples broquel redondo, coberto de couro, com um disco de aço no centro e correias para enfiar no braço. Eu perguntara-me porque fora que ele não se desfizera dele, quando lutava melhor sem um.

Sob os céus nocturnos skáldicos, mostrou-me como manejá-lo, enfiando-me o braço nas correias e cobrindo-me o corpo.

— Se tiveres ensejo — disse ele baixinho —, qualquer ensejo que seja de escapar, aproveita-o. Sabes o bastante para sobreviveres por ti, enquanto restarem vitualhas. Mas se não tiveres... usa o escudo. E eu farei o que puder.

— Proteger e servir — sussurrei, fitando-o, o seu vulto desenhado contra o céu estrelado. Senti uma dor no coração que jamais sentira. — Ah, Joscelin...

— Vai dormir. — Falou num murmúrio, virando-se de costas. — Eu fico de atalaia primeiro.

No quarto dia, nevou.

Era a espécie de clima que brincava connosco tal como um gato brinca com um rato entre as suas patas, açoitando-nos com um vento fustigante e um manto de brancura, amainando depois e permitindo-nos o repouso bastante para continuarmos caminho, por vezes encolhidos sobre os pescoços das nossas montadas, por vezes avançando penosamente através de neve até à cintura, até a próxima rajada se abater sobre nós com as suas patas invernosas.

Mergulhei num sonho frio, entorpecida e congelada, encolhida na sela ou tropeçando no encaço de Joscelin, só as suas imprecações e exortações me mantendo a andar. Não sei durante quanto tempo assim viajámos. O tempo perdeu todo o sentido, medido em extensões de infundável cambalear num aturdimento frígido, somente entrecortado por breves momentos de lucidez quando o manto de neve se abria e a paisagem se tornava visível diante de nós, mostrando-nos pontos pelos quais nos guiáramos.

Há um som nas rajadas de vento, um som alto e lamentoso, quando assolam rochas e árvores. Acostumei-me de tal modo a ele, que mal me dei conta quando mudou, já não subindo e descendo mas subindo sempre, subindo e subindo.

— Joscelin!

O vento arrancou-me a palavra dos lábios, mas ele apanhou-a, voltando-se para trás, uma estranha figura coberta de geada sob a pele de lobo. Apontei para trás, para o rasto que deixáramos com uma mão enluvada.

— Eles vêm aí.

Ele virou a cabeça para trás alarmado, varrendo com o olhar o que nos rodeava. Nada havia que a vista abarcasse, nada além da neve rodopiante. — Quantos?

— Não sei dizer. — Quedei-me imóvel, esforçando-me por escutar os gritos longínquos acima do lamento do vento. — Seis. Porventura oito.

O seu rosto era sinistro. — A cavalo!

Cavalgámos, então, às cegas, tal como se foge num pesadelo. Eu arqueei-me na sela e agarrei-me ao pescoço do meu pónei, o ar cortando-me os pulmões como facas enquanto a minha montada se debatia corajosamente no encaço de Joscelin, enterrando-se e revolvendo a neve. Já os podia ouvir, claramente, um cântico de guerra skaldi sequioso de sangue que se elevava acima do vento e nos adejava nos ouvidos como asas de corvo, incitando-nos para a frente, para a frente, na loucura da fuga.

Era de mais, e poucas forças nos restavam. Ouvi uma sucessão de brados de perseguidores skaldi, metade deles descrevendo um círculo para nos barrar o caminho. Cavalguei, aos tropeções, lado a lado de Joscelin e abanei a cabeça para ele quando irrompemos numa clareira, junto a um promontório rochoso. O cavalo dele estava quase extenuado, e senti os flancos robustos do meu pónei arfando debaixo de mim.

Joscelin deteve o cavalo, então, uma calma serena cobrindo-lhe o semblante fustigado pelo vento. — Vamos fazer-lhes frente, Phèdre — disse-me ele, muito claramente. Recordo-o tão bem. Assentiu na direcção do promontório, desmontando e estendendo-me o escudo de Trygve. — Toma isto, e protege-te o melhor que puderes.

Obedeci, descendo da minha montada exausta e enfiando o escudo no braço, de costas contra o rochedo. Os nossos cavalos ficaram postados sem se mexer, de cabeças baixas, tremendo à medida que a espuma se transformava em gelo sobre a sua pelagem. Armada de escudo e a postos, fiquei alerta enquanto Joscelin sacava da espada e avançava para o meio da clareira ao encontro deles, uma figura solitária meio perdida no meio do turbilhão de neve.

Eu estivera certa; eram sete ao todo. Voluntários, os melhores de Selig, os mais velozes cavaleiros, os mais hábeis perseguidores. Era uma coisa e tanto, que houvessem levado quatro dias a apanhar-nos. Os brados haviam parado quando cessáramos de fugir, e eles emergiram silenciosamente a cavalo da neve, escuros e agourentos. Sete. Estacaram defronte de Joscelin, dispostos em semicírculo. Ele ali ficou postado só, o punho da espada à altura do ombro, a lâmina atravessada diante do corpo na posição defensiva Cassiline.

E então atirou-a ao chão, e entrelaçou as mãos no ar acima da cabeça.

— Em nome de Selig — gritou num Skaldi razoável —, rendo-me!

Ouvi risos, depois veio uma rajada de vento e os redemoinhos de neve obscureceram-me a visão. Quando cessou, vi que quatro haviam

desmontado e acercado-se dele a pé, de espadas em punho, e um machado de guerra entre elas. Dois cavaleiros ficaram para trás.

O terceiro dirigia-se a cavalo para mim.

Joscelin, de mãos entrelaçadas acima da cabeça, esperou sem se mexer até o skaldi mais próximo o alcançar, tocando-lhe no peito com a ponta da espada.

Depois pôs-se em acção, e o aço retiniu na clareira quando ele desviou para longe a lâmina skaldi com um antebraço protegido de braçal, ambas as adagas subitamente nas mãos, movendo-se tão inesperadamente como os ventos ululantes. Ninguém jamais escreverá sobre a estranha poesia daquela batalha, do bailado Cassiline de neve e aço e morte nas hinterlândias skáldicas. Os vultos mexiam-se quais espectros na clareira velada de neve, apenas o tinir das armas emprestando o mortal desmentido à sua dança.

E o cavaleiro skaldi que se acercava de mim estava cada vez mais próximo, até que eu me encolhi contra o rochedo e levantei o escudo para me defender.

Era Harald o Imberbe, da herdade de Gunter.

Fitei-o, espantada; em dois pulsares de coração, ele apeou-se do cavalo e passou a barreira do meu escudo, envolvendo-me com um braço e encostando-me a ponta da adaga à garganta. — D'Angeline! — gritou, fazendo soar a voz aguda na direcção da batalha. — Deixa estar! Eu tenho a rapariga! — Eu debati-me nos seus braços, e ele apertou-me com mais força. — Não te apoquentes — murmurou baixinho. — Nada te farei, Selig quer-te viva.

No campo de batalha, pude ver um dos vultos deter-se; Joscelin, tinha de ser. Tinha a espada nas costas, e percebi-o pelo ângulo em que a empunhava. Dois dos skaldi foram abatidos, mas, enquanto eu olhava, um dos que ainda estavam montados incitou o cavalo para diante, brandindo o machado para atacar.

— Joscelin! — Enchi os pulmões até rebentar para soltar o grito, intentando que chegasse até ele. — Não lhe dêes ouvidos!

Harald praguejou para mim, tapando-me a boca com a mão. Eu pisei-lhe o pé e quase logrei libertar-me, mas ele recompôs-se a tempo de me manter agarrada, fazendo-me sentir o gume da adaga. Pelo canto do olho, vi que Joscelin fora derrubado, rolando, mas ainda lutava; o skaldi a cavalo estava tombado de lado sobre a sela.

— Troquei de lugar com um dos cavaleiros de Selig para vir no teu encalço — sibilou Harald. — Não me faças causar-te dano, d'Angeline! Tenho intenção de repor a honra da nossa herdade com o teu retorno.

Apertou-me com força contra ele, immobilizando-me os ombros, o estorvo do escudo entre nós. Palpando a cintura, deslizei a mão para fora da luva grande de mais para mim e senti o punho da adaga de Trygve debaixo dela. Envolvi-o com os dedos e tirei-a devagar da bainha.

Joscelin estava em pé de novo, esquivando-se através da neve, lesto e ágil. Se nada mais, aprendera a manobrar neste terreno, à pior maneira. Dois skaldi ainda lhe faziam frente a pé, e um a cavalo. Nenhum deles fora jamais forçado a correr através de milhas de terra inóspita atrás de um dos cavalos de Gunter Arnlaugson. A espada Cassiline cintilou no ar carregado de neve, e mais um dos skaldi apeados foi abatido.

— Deixa-me ir, Harald — disse eu suavemente, virando-me para o olhar no rosto. Tão jovem, a penugem dourada da sua primeira barba mal tomando forma. A despeito do frio, a minha mão estava escorregadia de suor, cravada no punho da adaga oculta. — Eu sou uma d'Angeline livre.

— Não me queiras fazer vergar! — Desviou o olhar teimosamente, recusando-se a olhar-me nos olhos. — Não cairei nos teus feitiços, d'Angeline. Pertences a Waldemar Selig!

— Harald. — A minha mão tremia, sustendo a adaga tão próxima dos seus órgãos vitais, escondida por detrás do escudo tão desconfortavelmente preso ao meu braço esquerdo. Encurralada contra ele, podia sentir o calor do seu corpo. Ele dera-me a capa de pele que ainda usava e fora o primeiro a entoar cantares a meu respeito. Os olhos toldaram-se-me de lágrimas. — Deixa-me ir, ou juro que te mato.

Com a atenção centrada na batalha, ele gritou um aviso ao último skaldi montado, que por pouco evitou que o seu cavalo fosse atingido por Joscelin. Foi uma prova da nossa situação desesperada, o facto de ele tentar tal coisa.

Tal como foi o que eu fiz.

— Perdoa-me — sussurrei, e enterrei a adaga em Harald com todas as minhas forças.

Não penso, a princípio, que ele soubesse o que lhe acontecera; os seus olhos arregalaram-se, e os braços tombaram soltando-me. Olhou para baixo, então, e viu entre nós aquilo que o escudo ocultara. Com um soluço ofegante, forcei-lhe a adaga para cima na direcção do coração e larguei o punho. Harald recuou um passo e olhou para mim, os seus olhos interrogadores como os de um rapazinho. Que fizeste tu?, pareciam perguntar-me. Que fizeste tu?

Não lhe dei resposta, e ele caiu prostrado no chão e ficou-se imóvel.

O último cavaleiro skaldi viu, e soltou um grito. Desviando-se de Joscelin, incitou o cavalo na minha direcção, assomando através da neve. Sem lugar algum para onde fugir, esperei, entorpecida e silenciosa. À distância, Joscelin despachou o solitário guerreiro desmontado e correu em busca de um cavalo, qualquer cavalo.

Nos sonhos, as coisas acontecem lentamente. E assim continuava a ser, neste gélido pesadelo sem fim. Vi o rosto do skaldi, contorcido de raiva, gritando imprecações que nada me diziam sob o vento cada vez mais forte. Selig queria-me viva, dissera Harald; adivinhei a sua opção. Apanhar-me-ia morta. A vinte jardas de distância, vi o skaldi estender o braço, a lança em riste. A quinze, arremessou-a.

Fechei os olhos e ergui o broquel de Trygve.

O impacto fez-me estremecer o braço até ao osso, lançando-me ao chão. Abrindo os olhos, vi-o sobre mim, encobrindo o céu de Inverno montado no cavalo. Ainda preso pela correia ao meu braço, o escudo jazia sem préstimo, rachado pela força do golpe, a letal ponta da lança em forma de folha bem enterrada nele.

Tivesse ele uma segunda lança, eu teria morrido então. Isso sei eu. Mas as lanças que tinha, já as arremessara. Desmontou e sacou da espada.

— Não! — O grito de Joscelin cortou o ar, e o skaldi voltou-se, vacilando face ao Cassiline que se acercava, agora a cavalo. Debatí-me para me libertar do escudo sem préstimo, recuando tropeçadamente através da neve. Com um rosto sinistro, Joscelin investiu com o seu cavalo tomado emprestado para diante, quase para cima de nós.

Demasiado brutal, demasiado veloz. O cavalo tropeçou, escorregou, e perdeu o equilíbrio; caiu com força, de cabeça baixa, o poderoso corpo estatelando-se no solo coberto de neve. De espada na mão, Joscelin foi cuspidado e caiu com não menos força, a alguma distância do cavalo tombado.

O skaldi olhou de novo para mim e abriu-se num sorriso, o sorriso feroz e selvagem de um guerreiro sem nada a perder. — Primeiro, tu — disse, e ergueu a espada bem acima da cabeça, preparando-se para fazê-la tombar com as duas mãos sobre mim.

— Elua — sussurrei, e preparei-me para morrer.

A lâmina jamais chegou a cair.

Em vez disso deslizou, escapando-lhe dos dedos insensíveis e caindo com uma pancada surda na neve. O skaldi baixou os olhos para si próprio, de onde ressaltava um palmo ensanguentado da espada de Joscelin. Ninguém, penso eu, deixa de espantar-se com o golpe mor-

tal quando ele chega em batalha. Ele voltou-se lentamente, levando as mãos à ponta da espada. Vi o punho e o resto da lâmina assomando-lhe entre os ombros. Joscelin ainda estava no chão, apoiado num braço; lançara-a de onde tombara. O skaldi fitou-o incrédulo, caindo lentamente de joelhos. Ainda agarrado à ponta da espada nele cravada, morreu.

Fez-se silêncio então, à exceção do vento e da neve. Joscelin pôs-se penosamente em pé e veio direito a mim, cambaleando. Vi quando ele se acercou que tinha um golpe num malar, já coberto de gelo, e arrios de sangue no cabelo. Virou o último skaldi de costas e arrancou-lhe a espada, apoiando um pé no corpo para a libertar. Eu pus-me em pé, exausta, e sustivemo-nos um ao outro.

— Sabes quais eram as probabilidades de acertar aquele lançamento? — murmurou Joscelin, vacilando sobre os pés. — Nem sequer o praticamos. Não é praticável.

— Não. — Engoli em seco, e assenti com a cabeça para Harald, imóvel junto ao promontório, uma ligeira camada de neve cobrindo-o já. — Sabes que ele me deu a sua capa? Nem sequer me pediu de volta.

— Eu sei. — Com um esforço, Joscelin soltou-me e equilibrou-se, passando uma mão pelo flanco. — Temos de continuar a andar. Tomar... tomar seja o que for que tenha préstimo para nós. Comida, água, forragem... davam-nos jeito mais cobertores. Levamos um cavalo de carga, e usamos as montadas mais frescas. Temos de ganhar alguma distância antes de descansarmos.

SETE



Arrancar aos mortos os seus despojos é uma tarefa sinistra. Ouvi dizer que as mulheres skaldi cantam enquanto o fazem. Procurei imaginar a bondosa Hedwig fazendo-o, e não fui capaz; depois lembrei-me de como as mulheres da herdade de Selig me odiavam, e fui. Nós não cantámos, eu e Joscelin, trabalhando juntos num horror entorpecido. Nem sequer falámos, fizemos apenas o que era necessário.

Um dos cavalos skaldi, aquele que caíra, havia partido uma perna e teve de ser abatido. Joscelin fê-lo com uma das suas adagas, cortando-lhe a grande veia do pescoço. Não fui capaz de olhar. Tomámos dois dos seus cavalos, e deixámos os outros entregues a si próprios, esperando que dessem com o caminho para uma herdade antes que dessem os lobos com eles; estavam quase tão cansados como as nossas próprias montadas. Fiquei com o meu pónei, ainda assim, incapaz de deixá-lo para os lobos. E, na verdade, ele era mais robusto que os cavalos, mais veloz a recuperar as forças. Soube, mais tarde, que a raça era nativa das terras skáldicas; eles haviam criado as montadas maiores com estirpes de cavalos caerdicci e aragoneses, melhores para as batalhas, mas não para suportar o frio.

E assim nos fizemos ao caminho de novo.

Fora minha intenção, quando o alcançássemos, seguirmos o Rio Danrau, mantendo-o à vista até alcançarmos os Camaelines. Foi ideia de Joscelin seguirmos ao longo do leito do rio por um tempo, tornando

o nosso rasto invisível, depois cortarmos para sul iludindo quaisquer outros perseguidores. Não tínhamos maneira de saber se haveria mais, ou quantos seriam ou quão longe poderiam estar, mas suspeitei de que Selig enviaria mais do que um grupo.

Seguimos o plano dele, os nossos cavalos abrindo cautelosamente caminho através da água fria e de corrente veloz, e ele fez como havia feito antes, tornando atrás para apagar o nosso rasto onde ele se distinguia acima do rio. Como o fez ele, não sei, pois por essa altura o frio e a exaustão estavam-me tão entranhados nos ossos que mal lograva pensar. Só quando ele retornou, com os olhos encovados, é que me apercebi de que ele ainda estava em piores condições que eu. É uma coisa estranha, a resistência humana. Depois do rio, teria dito que estava demasiado extenuada, mas quando vi o estado dele encontrei uma réstia de força que me manteve em andamento, tomando a dianteira para forjar um trilho através do crepúsculo que se punha. O vento levantara-se de novo e não se via abrigo à vista, somente rocha nua e árvores ralas. Já sabia, por essa altura, como procurar local para acampamento. Não se via lugar algum, de modo que continuei a andar.

Não sei no que pensava eu, arrastando-me penosamente através do Inverno sem fim, conduzindo o meu cavalo enquanto Joscelin me seguia, encolhido na sua sela, o pônei pesadamente carregado no seu encaço. Mil memórias de casa, de festas a que comparecera, de patronos, de Delaunay e Alcuin. Pensei na oficina do marquista, nas termas curativas do santuário de Naamah, na livraria de Delaunay, que outrora julgara o lugar mais seguro do mundo. Pensei em Hyacinthe e no Galarote, e na oferenda que fizéramos no templo do Abençoado Elua.

Em que ponto comecei a rezar, não sei, pois era uma prece sem palavras, uma lembrança abençoada, do templo de Elua, anémons escarlates nas minhas mãos, a terra quente e húmida sob os meus pés nus, o mármore frio sob os meus lábios, e a voz bondosa do sacerdote. Ama à tua vontade, dissera ele, e Elua guiará os teus passos, por mais longa que seja a viagem. Agarrei-me cegamente ao momento, ao longo da minha viagem sem fim, até não poder ir mais longe e me deter para olhar em torno de mim, apercebendo-me no lusco-fusco e na neve que caminhara direita a uma parede de pedra.

É o fim, pensei, estendendo as mãos e sentindo a pedra diante de mim. Não posso ir mais longe. Não ousei olhar para trás.

A minha mão esquerda, deslizando para o lado, não encontrou resistência. A escuridão abria-se na rocha à minha frente. Vacilante, fui

avançando pelo tacto, confiando que a minha montada estava demasiado exausta para fugir.

Era uma caverna.

Avancei dentro dela o mais longe que ousei, farejando o ar a ver se sentia o cheiro de um lobo ou de um urso. O som e a força do vento morreram dentro das paredes de pedra, deixando uma estranha quietude negra. Não se sentia qualquer coisa viva. Assomei lá fora, debatendo-me através da neve para alcançar Joscelin. Ele olhou-me turvamente através das pestanas orladas de gelo.

— Há uma caverna — gritei, pondo a mão em concha contra o vento, depois apontando. — Dá-me uma das tochas, que eu vou dar uma vista de olhos.

Movendo-se como se lhe causasse dor fazê-lo, ele desmontou, e conduzimos os cavalos até à entrada. Com uma ténue luz indistinta coando-se ainda através da abertura, descarregámos o estojo de fuzil e os ramos envoltos em trapos ensopados de pez que tirámos aos skaldi abatidos. Fiz uma centelha e uma tocha incendiou-se.

Erguendo-a no ar, aventurei-me mais longe caverna adentro.

Ia mais longe do que eu calculara, e era maior. Só numa arena escura, andei à volta, deixando que a luz da tocha alumiasse as paredes. Eu estava certa, estava vazia; mas ali, no centro, estavam os restos de uma antiga fogueira. Olhando de relance, vi lá no alto, acima de uma pequena fresta no tecto de pedra, uma abertura para o fumo escapar.

Serviria. Mais que serviria.

Entalei a tocha numa fenda, e retornei para junto de Joscelin. Desta vez, coube-me a parte de leão do trabalho, tratar dos cavalos, que se agruparam gratamente a coberto da intempérie, recolher ramos de arbustos e fazer uma fogueira no lugar das antigas cinzas. Até encontrei um grande emaranhado de árvores derrubadas e engendrei uma forma rudimentar de prender o pónei, arrastando grande parte de uma pequena árvore para a caverna. A lenha estava seca e ardeu sem fazer muito fumo, até o espaço ficar acolhedoramente inundado de luz e calor.

Hoje não teríamos cama feita de ramagens de pinheiro, mas por uma vez não tínhamos necessidade de uma, sendo o chão da caverna mais quente que a neve. Joscelin espalhara as nossas coisas, e tínhamos peles e cobertores de sobra, a contar com os que tirámos aos skaldi. Sentámo-nos juntos sem tremer, e ceámos potagem e tiras de carne de veado seca, que também não nos faltava agora, cortesia das despesas de Selig.

Depois de havermos comido, limpei a panela e enchi-a de neve para fundir, atçando o fogo novamente. Puxei então do único odre de hidromel que Joscelin não esvaziara, e de uma caixa com unguento que um dos skaldi tinha com ele. Com todo o cuidado, limpei-lhe o golpe que tinha no rosto e o lenho mais profundo na cabeça com água quente e um pedaço de tecido, depois lavei-os com hidromel.

— Perguntava-me para que terias guardado isto — disse, sorrindo face à careta dele. — Foi bem pensado.

— Não foi isso. — Fez nova careta quando lhe ungi o golpe do rosto. — Pensei que podias precisar. Os Skaldi bebem-no contra o frio.

— Bebem? — Provei, esguichando um jorro para dentro da boca. Sabia a mel fermentado, e ardeu-me agradavelmente no estômago. Aquecia deveras, quase ficando calor dentro da caverna. — Não é mau. — Sentei-me nos calcanhares e fitei-o. — Ora bem, até que ponto são graves os ferimentos que escondes?

Ele sorriu então, um sorriso retorcido à luz da fogueira. — É assim tão evidente?

— Sim. Não sejas idiota. — Suavizei a voz. — Deixa-me ver.

Sem falar, ele despiu as peças de roupa superiores. Sustive o fôlego. O seu tronco era uma massa de contusões e a jaqueta sob as peles estava rígida de sangue seco de um lenho no flanco esquerdo, meio palmo acima do quadril. Ainda deitava um fio de sangue escuro. — Joscelin — disse eu, mordendo o lábio. — Isto devia ser cosido.

— Dá-me esse odre de hidromel. — Inclinando-o, esguichou um longo jorro para dentro da boca e engoliu. — Eu tirei um estojo de um dos homens de Selig. Está no alforge.

Eu não sou cirurgiã nem costureira, e quando finalmente acabei, uma boa quantidade de hidromel escorregara pela garganta de Joscelin abaixo. Depois de tudo terminado, os meus pontos pretos atravessavam-lhe irregularmente a carne do flanco, mas o golpe estava fechado.

— Toma — disse ele, passando-me o odre de hidromel quando me estendi a seu lado, exausta para além das palavras. — Fizeste um bom trabalho — disse ele suavemente. — O tempo todo. Phèdre...

— Chh. — Apoiando-me num braço, pousei-lhe os dedos nos lábios. — Joscelin, não. Não quero falar disso. — Silencioso sob a minha mão, piscou os seus olhos azuis para mim. Eu tirei então a mão, e em vez disso beijei-o.

Não sei o que esperava eu. Não pensara nisso. O meu cabelo tomou solto sobre nós, velando-nos os rostos. Os seus lábios apartaram-se sob os meus, e as nossas línguas tocaram-se, apenas as pontas, suaves e a

medo. Senti os seus braços deslizarem em torno de mim num amplexo, e beijei-o com mais fervor.

O fogo ardia sem ninguém que olhasse por ele e os cavalos sopravam e relinchavam na parte da frente da caverna, os seus movimentos modorrentos e o ocasional bater de um casco como único pano de fundo do nosso fazer de amor. Eu teria julgado que ele vacilaria — um Cassiline, e celibatário — mas entregou-se com maravilhamento, aceitando tudo o que eu oferecia com uma espécie de assombro reverente. As suas mãos deslizaram-me pela pele e eu chorei sob o seu toque, que tanto amor continha, sentindo o sal das minhas próprias lágrimas ao mesmo tempo que o beijava. Eu nunca, jamais, escolhera antes. Quando ele entrou dentro de mim, estremei, e ele susteve-se até que eu o puxei para mim, ferozmente, enterrando o rosto no seu ombro e perdendo-me nele.

No fim, contudo, tive de olhar, de ver-lhe o rosto, d'Angeline e bem-amado, sobre o meu. Eleito. Ele gritou no fim, um som de maravilhamento e assombro.

Depois, levantou-se e afastou-se, permanecendo de pé, a sós.

Eu apenas pude observar, deitada sobre as peles junto ao fogo, essa mesma estranha dor tolhendo-me o coração. Joscelin, meu Cassiline, meu protector, o seu belo corpo ferido e dilacerado ao meu serviço. Algueres, nos confins distantes da minha mente, sentia-me abismada com tudo aquilo, sobretudo por ali estarmos, juntos, assim; ambos vivos, nus nesta caverna e não enregelados de morte.

— Sonhámos este dia — disse em voz alta. — Joscelin, sonhamos ainda, e amanhã despertaremos do sonho.

Ele virou-se então, o seu rosto grave. — Phèdre... eu sou servo de Cassiel. Não posso manter esse voto, por mais que o haja traído, e ser outra coisa. E sem as forças que ele me dá, não tenho forças para continuar. Compreendes?

— Sim. — As lágrimas ardiavam-me nos olhos, coisa que eu ignorei. — Achas que eu teria sobrevivido até aqui, não fosse eu serva de Naamah, e eleita de Kushiel? Eu entendo.

Face àquilo, ele assentiu com a cabeça, e veio sentar-se comigo no nosso leito improvisado.

— Estás a sangrar de novo. — Vasculhei nas nossas coisas em busca de um pedaço de pano limpo, fazendo uma ligadura e atando-lha sobre o golpe no flanco, não o olhando nos olhos enquanto o fazia. Era diferente, agora, tocar a sua carne.

— Pensei... — começou ele a dizer, depois parou, e aclarou a garganta. — Não é apenas a dor que te apraz, então. Não sabia.

— Não. — Levantei os olhos para ele, sorrindo ao de leve; parecia tão ardente e desgrenhado, nu e massacrado, o seu cabelo de fios de trigo enredado em tranças skáldicas. — Pensavas isso? Eu respondo às artes de Naamah, e não apenas à vara de Kushiel.

Ele estendeu a mão e tocou o diamante de Melisande onde se encontrava suspenso, ainda, sobre a minha garganta. — Mas o último fala mais alto — disse ele gentilmente.

— Sim. — Incapaz de mentir, sussurrei a palavra. A minha mão levantou-se para agarrar o diamante, e sacudi-o com força, quebrando o nó que atava a fita. — Ah, Elua! Libertar-me-ia dele se pudesse! — disse com asco, lançando-o para longe de mim. Caiu com um ligeiro tinido no chão da caverna. Joscelin perscrutou-o na escuridão para além da fogueira.

— Phèdre — disse então. — Nada mais temos de valor em nosso nome.

— Não. — Fui tomada de obstinação. — Preferia morrer à fome.

— Preferias? — Ele olhou gravemente para mim. — Fizeste-me escolher a vida sobre o orgulho.

Fiquei em silêncio por um momento, pensando naquilo. — Muito bem, vai buscá-lo de volta, e eu ficarei com ele. Trá-lo-ei comigo, e lembrar-me-ei. Se tivermos de pagar pela vida, usá-lo-ei. — A minha voz elevou-se, estridente. — E se não tivermos, trá-lo-ei comigo, até ao dia em que o atire aos pés de Melisande Shahrizai. E então ela terá a sua resposta à sua pergunta: o Dardo de Kushiel ressoa mais verdadeiro do que a linhagem de Kushiel!

Joscelin apanhou o diamante sem comentários, atando-mo de volta em torno do pescoço. Melhor que fosse ele, pensei, torcendo o cabelo para a frente, do que qualquer pessoa a pô-lo lá. Depois de o ter feito, tocou-me ao de leve ao longo da espinha. — Lamento que tenhas tido de deixar a tua marca por acabar — murmurou. — É linda, sabes. Como tu.

Face àquilo, voltei-me para lhe suster o olhar; ele brindou-me com o seu sorriso retorcido.

— Se tive de cair em desgraça perante Cassiel — disse ele suavemente —, pelo menos sei que foi necessária uma cortesã digna de reis para fazê-lo.

— Ah, Joscelin... — Inclinei-me para diante e tomei-lhe a cabeça nas mãos, beijando-lhe a fronte. — Dorme — disse-lhe — Temos muito que andar, ainda, e tu tens de te curar. Contar-te-ei uma história, se quiseres... eles contam-vos a tentação de Cassiel por Naamah, na Irmandade? Na Casa Cereus fazem-no...

Contei-lhe a história, então, e ele adormeceu sorrindo antes do fim; e ainda bem, pensei, pois é uma daquelas histórias que acaba sem fim, para que o ouvinte julgue por si o que aconteceu.

Os contos de deuses e anjos podem acabar assim, pois continuam, sabemos-lo, na terra para além do fim do mundo, a verdadeira Terre d'Ange. Ai de nós que somos mortais, e a quem é negado o luxo da liberdade dramática. Nós temos de viver, e seguir em frente.

De manhã a fogueira estava reduzida a cinzas frias e umas quantas brasas enterradas, e vestimo-nos tremendo de frio. Do que se passara entre nós durante a noite, não falámos. Que teríamos nós dito, se o fizessemos? Os romances pô-lo-iam de modo diferente, mas isto direi eu: não vale a pena falar de amor quando a sobrevivência está em jogo. Eu falara a verdade, quando dissera que sonhávamos. Apenas o despertar foi sombrio. Ocupámo-nos com os preparativos para partirmos.

Parara de nevar, e o dia dava mostras de estar encoberto, mas as nuvens baixas nada mais continham de reserva. Uma luz cinza coava-se para dentro da caverna vinda lá de fora. Aprestei-me a prender os últimos alforjes ao meu pónei, segurando as minhas luvas de pele entre os dentes e trabalhando com os dedos gelados. Joscelin, mais recuperado dos ferimentos, inspeccionava os cascos dos cavalos.

— Phèdre! — Ouvi-o suster o fôlego ao largar a pata dianteira de uma das montadas que tomáramos aos skaldi. O cavalo pisoteou o chão, o som ecoando nas paredes de pedra. Levantei os olhos para ver para onde ele apontava.

Ali, gravado na pedra sobre a boca da caverna, estava o signo do Abençoado Elua. Magicamente reflectido por algum raio da luz do dia, cintilava, argênteo, na pedra dura. Contemplei-o sem falar, depois fechei a boca, apercebendo-me de que a tinha caída. Joscelin e eu olhámos fervorosamente um para o outro.

— Sabes o que isto significa? — perguntou ele sem fôlego. — Eles abrigaram-se aqui, ao atravessarem as hinterlândias skáldicas! Elua, Cassiel, Naamah... todos os Companheiros! — Acercando-se da boca da caverna, pousou as mãos com reverência sobre a rocha. — Estiveram aqui.

— Estiveram aqui — ecoei eu, fitando, maravilhada, as linhas argêntas, recordando a minha prece silenciosa, no meio da neve. Sonháramos, pensei eu, num local sagrado. — Joscelin — disse. — Vamos para casa.

Arredando-se da parede da caverna, ele olhou de relance para mim e assentiu com a cabeça, colocando a pele de lobo dos Confrades Bran-

cos no seu lugar sobre os ombros. — Para casa — disse firmemente, saindo adiante de mim.

Um sonho, e a promessa dos nossos longínquos progenitores, que não haviam esquecido as gerações distantes dos seus filhos, em cujo sangue vermelho corria ainda um ténue fio de sangue dos deuses. Casa, memória de ouro, da qual estávamos separados por milha atrás de gelada milha.

Lá fora, o frio do Inverno skáldico aguardava-nos.

Casa.

Oito



Nos dias que se seguiram, nenhuns perseguidores mais deram connosco. O clima era o nosso único inimigo, mas era seguramente um inimigo e tanto. Com cavalos algo mais frescos do que os nossos haviam estado, fizemos por avançar mais, parando quando a luz nos faltava e montando acampamento para tomarmos adormecidos num sono exausto.

Por vezes deparávamo-nos com herdades pelo caminho, mas os nossos sentidos haviam-se tornado aguçados vivendo na natureza, e, de cada vez, quer eu, quer Joscelin, detectámos sinais de habitação humana com muita antecedência. Passámos muito ao largo das herdades todas, e nunca acampámos a menos de uma hora a cavalo do vestígio humano mais próximo. Por uma ou duas vezes mais, avistámos lobos ao crepúsculo, e certa aterrorizadora vez acordámos um urso feroz do seu sono de Inverno numa caverna que provou não estar abandonada. Julguei o meu bravo pônei perdido dessa vez quando fugíamos, os cavalos com as suas pernas mais compridas revolvendo a neve no seu terror, mas ele avançou penosamente no nosso encaço, emitindo um horrendo guincho de medo, a sua garupa a polegadas das grandes garras do tamanho da minha mão. Ouvei dizer que os lendários olifantes do Bodistão são as maiores criaturas vivas, mas se jamais tornar a ver besta mais robusta do que um urso skáldico, bem feliz serei. Nesta única coisa o Invernmo provou ser nosso amigo, pois que o urso desistiu da perseguição após

uma curta distância, e virou-se para se arrastar pesadamente para as profundezas do seu abrigo, e dormir.

Assim alcançámos nós a Cordilheira Camaeline sem mais incidentes.

Não há maneira fácil de fazer a travessia de territórios skáldicos para Terre d'Ange. Onde os Camaelines abrem caminho a norte, toma lugar o Rio Rhenus, demasiado profundo e veloz para ser passado a vau, e com raras pontes desde os tempos do Império de Tiberium. Eles, com as suas legiões de homens de engenho, podiam congregar uma brigada construtora de pontes num simples dia, se lhes dessem madeira bastante. Desde então, os D'Angelines têm detido a fronteira fluvial.

Ousássemo-lo nós, eu teria cavalgado lá para cima até às terras planas e rogado passagem através de Azzalle, pois não tenho dúvidas de que havia ali leais partidários da Coroa, quanto mais não fosse na pessoa de Ghislain de Somerville, que, pelo que me era dado saber, ainda tinha Trealion sob o seu comando. Mas atravessar o coração da vastidão skáldica era uma coisa; atravessar as fronteiras em tempo de guerra — ainda que fosse uma guerra que Terre d'Ange não sabia ainda vir aí — era outra. Não, tinha de ser pelas montanhas, e clamava a prudência que tentássemos os limites meridionais das Grandes Gargantas.

Cavalgámos à sombra dos altos picos dos Camaelines durante um dia, e acampámos no seu sopé por uma noite. A neve estava mais funda ali, e era difícil avançar. Ainda assim, estávamos perto bastante para sentir o ar de casa do outro lado daquelas cruéis montanhas, e isso deu-nos ânimo.

De manhã, deparámo-nos com uma visão que deitou por terra as nossas esperanças. Eu temera que Selig tomasse mais medidas contra nós, e os meus medos estavam bem fundamentados. Joscelin, com eles em mente, fez um reconhecimento a pé e retornou com uma expressão sombria, conduzindo-me para um miradouro seguro. Nas planícies nevadas antes da garganta meridional, vimo-los: um grupo de umas duas vintenas de batedores marsi, acampados entre nós e a garganta.

Harald dissera que trocara de lugar com um dos cavaleiros de Selig escolhidos a dedo. Percebia agora o que queria ele dizer. Selig enviara igualmente os cavaleiros das herdades, cabendo à tribo Marsi guardar as gargantas contra nós.

Olhei uma vez, esperando contra toda a esperança, para Joscelin.

— Nem pensar — disse ele pesarosamente, abanando a cabeça. — São demasiados homens e em terreno descoberto, Phèdre. Eu seria chacinado.

— O quê, então?

Ele olhou-me nos olhos relutantemente, depois virou-se, fitando os vastos picos das montanhas lá no alto, elevando-se muito acima de nós.

— Não — disse eu. — Joscelin, não posso.

— Temos de fazê-lo — disse ele gentilmente. — Não há outro caminho.

Na planície abaixo de nós, os skaldi dos Marsi faziam as suas fogueiras, cantando e entretendo-se com jogos, bebendo e gritando e derrubando-se uns aos outros em arremedos de combates. Não obstante tudo isso, mantinham sentinelas alerta, observando os horizontes. Havia provavelmente homens da herdade de Gunter entre eles, pensei eu; homens que eu conhecera, homens a quem servira hidromel. Podíamos ouvi-los, ocasionalmente, o ar rarefeito e límpido trazendo os seus gritos até nós. Se lhes houvesse chegado palavra do que fizéramos aos cavaleiros de Selig, matar-nos-iam sem pestanejar. Não podíamos passar por eles, e não podíamos contorná-los.

Ele estava certo. Não havia outro caminho.

Apertei bem a capa de pele de lobo à minha volta e estremeci. — Vamos, então. E que Elua tenha misericórdia de nós.

Não narrarei cada passo daquela traiçoeira viagem. Basta dizer que lhe sobrevivemos. Joscelin cavalgou de volta pelo caminho por onde viéramos, fustigando a sua pobre montada, e retornou à luz laranja do ocaso para reportar que descobrira um trilho, um mero caminho de cabras, serpenteando até perder de vista por entre as fragas acima. Virando costas aos skaldi, cavalgámos de volta para acampar nos contrafortes, ousando fazer apenas a mais pequena das fogueiras. Joscelin alimentou-a toda a noite com pequenos gravetos, e juraria que ela lhe caberia dentro das suas mãos em concha. Mal dava para nos manter o calor da vida na carne.

De manhã, começámos a subir.

Após um determinado ponto, já não era possível seguir a cavalo, e assim tivemos de desmontar e trepar, usando as mãos e os pés enregelados para encontrar pontos de apoio, conduzindo os cavalos por ali acima atrás de nós. Perdi a minha montada no primeiro dia. Foi uma coisa horrenda, e não gosto de pensar nisso; tombou de uma fraga abaixo quando se soltou uma pequena derrocada de neve e perdeu o equilíbrio. Estivesse eu montada, teria caído pelo precipício também. Assim, perdemos metade das nossas reservas, e eu fiquei doente com a morte do pobre animal.

— Deixa lá — disse Joscelin por entre os lábios congelados, os seus

olhos parecendo tão agoniados como eu me sentia. — Temos que basta para mais dois dias, e, se não vivermos tanto, não importará.

Assim continuámos a andar, mudando o grosso dos nossos alforges para o pónei. Congratulei-me por havê-lo conservado comigo, pois tinha um andamento mais seguro nas montanhas do que os cavalos mais altos.

A montada de Joscelin, perdêmo-la num passo em falso.

Aconteceu depois de havermos alcançado o cume, onde o ar era tão rarefeito que parecíamos não lograr encher os pulmões, aspirando a custo o ar cortante como faca. São belas as montanhas; assim o dizem, e ousa dizer que é verdade. Se deixo de descrever a beleza dos Camaelines, não julgueis que é por falta de poesia na minha alma. Lutava pela vida a cada passo, e não podia desperdiçar a força necessária para levantar a cabeça e olhar as vistas. Alcançámos o cume, e descemos.

É mais fácil descer que subir. É também mais perigoso. Uma bolsa de neve, uma falha oculta; o cavalo de Joscelin partiu uma pata dianteira. Foi o segundo que ele teve de abater, e não mais fácil que o primeiro. Desta vez, chegou a panela à veia quando a cortou.

— Um dos homens de Barquiel contou-me que os Akkadianos fazem chá de sangue quando ficam retidos no deserto — disse sem olhar para mim. — Podem viver quatro dias, e os cavalos também. Ele já está morto de qualquer maneira, Phèdre.

Eu não discuti; era verdade. Bebemos chá de sangue. Sobrevivemos às montanhas, e descemos para Camlach.

A província do Duc traidor, Isidore d'Aiglemort, e dos Aliados de Camlach.

Era pedir de mais, que passássemos despercebidos pelas terras fronteiriças d'Angelines. Quando cantam este Inverno, os poetas — nenhum dos quais estive no topo dos Camaelines, podeis estar certos — chamam-lhe o Mais Amargo Inverno. Os Skaldi haviam feito incursões durante todo o Inverno, desafiando as gargantas. A fronteira estava bem patrulhada.

Os Aliados de Camlach deram connosco nessa noite.

Fomos descuidados, é verdade, aliviados por estarmos vivos. O nosso acampamento era isolado e a nossa fogueira pequena, mas bem podia ser uma torre de luz naquelas terras, que são pouco mais gentis que os próprios territórios skaldi, tão próximas das montanhas.

Foi um pequeno grupo de reconhecimento que deu connosco, assomando a cavalo da escuridão com um ténue tinir de arreios, a luz da fogueira cintilando nas túnicas de cota de malha. Joscelin pôs-se em pé

de um salto com uma imprecação, lançando neve com o pé para o fogo, mas demasiado tarde; já estavam em cima de nós.

Não contavam mais dar connosco do que nós com eles; menos, ousou dizer. Não mais que uma vintena de homens, todos eles guerreiros d'Angelines a cavalo, olhando-nos perplexos. O coração deu-me um pulo e caiu-me aos pés, tudo de uma vez, e olhei freneticamente para o porta estandarte.

Lá estava, a espada flamejante num campo de zibelina. Os Aliados de Camlach. Não homens de d'Aiglemort, no entanto; Elua estava connosco. Por baixo dela adejava um estandarte de uma fraga montanhosa e abetos, prata sobre verde. De que Casa era, interroguei-me desesperadamente, buscando os arquivos na minha mente.

Pelo canto do olho, vi Joscelin começar a esboçar a profunda vénia Cassiline, levando as mãos às adagas. Com um grito, lancei-me contra ele, derrubando-o pelos joelhos. Rolámos juntos no solo coberto de neve, enquanto os Aliados de Camlach olhavam pasmados. Fosse qual fosse a Casa a que pertenciam, não queria que se espalhasse palavra de que uma mulher solitária e um Irmão Cassiline viajavam pelas terras inóspitas de Camlach.

Um deles deu um passo em frente, um guerreiro experiente batido em armas. — Identificai-vos! — exclamou laconicamente.

Só então me apercebi de qual devia ser o nosso aspecto, dos dois, queimados do vento e da neve, envoltos em peles skaldi, aventurando-nos sós no pior do Inverno de Camlach, somente com um pónei skaldi pesadamente carregado por companhia.

— Meu senhor! — arquejei, fazendo urgentemente sinal a Joscelin para que se mantivesse em silêncio. — Lamento, não fizemos por mal! Trespasamos território aqui?

Ele acomodou-se melhor na sela, serenado pelo meu tom, a minha voz e acento claramente d'Angelines. — Não, moça, tendes o direito de passar. Mas não é seguro tão junto à fronteira. Quem sois vós e aonde vos dirigis?

Não ia ser fácil de desviar, então. Engoli em seco, e menti com quantos dentes tinha. — Suriah de Trefail, meu senhor. Este é o meu primo, Jareth. — Tremi, não necessitando fingir; sermos detidos agora era impensável. — A nossa aldeia foi destruída por invasores skaldi há uns dias. Nós... o meu primo foi ferido na cabeça, escondi-o no celeiro vazio, eles não deram connosco, meu senhor. Tirámos estas coisas a quem não precisará mais delas, e fugimos para a Cidade. Fizemos mal?

Era uma aposta. Não estava bem certa do lugar onde estávamos,

nem de quão estes batedores conheciam todas as aldeias da montanha. Uma coisa era certa, contudo. Trefail fora destruída pelos Skaldi. Eu sabia-o, pois era a aldeia onde Alcuin nascera.

— Não, não, não fizestes mal. — O rosto do batedor era indecifrável à luz difusa da fogueira, as brasas espalhadas pela neve com a tentativa de Joscelin para apagá-la. — Julgastes que éramos skaldi?

— Bem podíeis ter sido. — Estremeci e lancei uma olhadela a Joscelin. Ele estava silencioso sob a sombra da máscara de lobo na sua frente. — Não sabíamos, meu senhor. O meu primo assustou-se. — Joscelin assentiu com a cabeça sem falar, de algum modo dando o ar de uma pantomima, pelo que fiquei grata.

O comandante mordeu o lábio inferior, ruminando. Vi o seu olhar vaguear sobre nós, avaliando os nossos trajes e a nossa carga. Mantive a cabeça ligeiramente desviada, confiando que a escuridão para lá das chamas ocultasse a reveladora marca do Dardo de Kushiel. Por um momento, pensei que nos safássemos; mas os descendentes de Camael são demasiado marciais para confiarem inteiramente no elemento acaso num encontro por acaso.

— Nada há para vós na Cidade de Elua — disse sagazmente. — O Inverno foi duro, e a cidade foi assolada de febre. Cavalgarão connosco para Bois-le-Garde. O Marquis le Garde não rejeitará refugiados camelinos, sereis bem tratados. — Voltou-se para um dos seus homens. — Brys, corre a dizer ao castelão que vamos a caminho. Certifica-te de que lhe dás os detalhes.

Frisou bem as últimas palavras; não havia que enganar. O cavaleiro de le Garde começou a virar a cabeça do cavalo para norte.

Joscelin moveu-se como um relâmpago; e, o que é mais, fê-lo mais como um skaldi do que como um Cassiline, com brutal eficácia. Uma adaga — uma só adaga — relampejou da sua bainha quando ele agarrou o comandante do grupo de reconhecimento de Bois-le-Garde, encostando a lâmina à garganta do homem.

— Todos — disse concisamente. — Desmontai. Já!

Eles obedeceram, os olhos dardejando de fúria. Ele cerrou os dentes e manteve a adaga firme; o comandante deles permaneceu sem se mexer.

Eu não precisei de ordens. Trabalhando freneticamente, acondicionei as nossas coisas, prendendo os alforjes ao nosso pônei skaldi.

— Dois cavalos. — Joscelin mantinha-se rígido; pude perceber o esforço que lhe custava, apontar uma adaga a um conterrâneo d'Angeline. Respirava pesadamente. — Espanta os restantes.

Assim fiz, passando através de mais de uma dúzia de guerreiros petrificados de ódio, receosos de sacrificar o seu comandante havendo-se comigo. Os cavalos dispersaram-se relutantemente, ensinados a obedecer; tive de gritar e agitar os braços, batendo-lhes nas garupas com ferocidade. Eles correram, então, em todas as direcções, salvo os dois cujas rédeas eu atara a uma árvore. Fizeram por se libertar, os grandes olhos rolando nas órbitas.

— Ph... Suriah, monta. — Joscelin praguejou face ao seu quase deslize, fazendo um movimento com a adaga. O comandante inspirou bruscamente.

— Não lograreis escapar — disse amargamente. — Iremos no vosso encalço.

— O nosso parente em Marsilikos proteger-nos-á! — disse eu desafiadoramente. — Não tendes o direito de reter d'Angelines livres!

— Calada! — sibilou Joscelin para mim. — Suriah, põe-te a andar daqui!

Ele obedecera-me; eu obedeci-lhe a ele, libertando um dos cavalos camaelines, subindo de um salto para a sela e mergulhando de cabeça baixa na floresta, rebocando o pônei por uma corda.

A quem não o haja tentado, não recomendo uma corrida às cegas na natureza montado num cavalo. Enleámo-nos, indo de encontro à vegetação rasteira, ambos os animais contagiados pelo meu medo. Joscelin apanhou-nos a não mais que meia milha de distância, uma figura escura indistinta a cavalo, e cavalgámos pelas nossas vidas.

Estava uma noite clara, o Abençoado Elua seja louvado, as estrelas brilhando ao longe e frígidas sobre as nossas cabeças; não fosse isso, seguramente termo-nos-íamos perdido, mas o Grande Arado⁵ e a Estrela dos Navegadores cintilavam claramente no negrume do céu acima de nós, guiando-nos no caminho e projectando a sua ténue luz argêntea sobre a paisagem nevada. Fixando uma carta no pensamento, conduzi-nos determinadamente para sul, esperando que nos cruzássemos com uma das grandes estradas do reino: O Caminho de Eisheth, a que os Tiberianos chamam a Via Paullus.

O Caminho de Eisheth conduz para sul, em direcção à costa; Marsilikos é a sua maior cidade — fundada há muito pelos Hellenos, antes ainda do tempo de Elua — e, dado que se trata de uma cidade portuária, muita gente errante acaba ali. Esperava que os homens do Marquis le Garde engolissem a nossa isca, e seguissem no nosso encalço para sul.

⁵ Constelação da Ursa Maior. (N. da T.)

Alcançámos o Caminho de Eisheth chegada a alvorada, as nossas montadas camaelines cambaleando de exaustão, salpicadas de espuma e esbaforidas. O pônei trotava atrás de nós, os seus flancos arfando, ainda pronto para mais; meio-morta de cansaço como eu estava, deixou-me envergonhada.

Pouco comércio se faz nesta época do ano. Agora, no Mais Amargo Inverno, a estrada estendia-se aberta e vazia diante de nós, iluminada pela pálida luz dourada do amanhecer.

Os Aliados de Camlach não podiam estar mais do que uma milha atrás de nós.

— Uma estrada secundária — disse eu para Joscelin, levantando a voz com esforço. — Qualquer estrada que conduza a oeste. E roga para que eles sigam na direcção de Marsilikos.

Ele assentiu com a cabeça, cansado; acicatámos os cavalos, clamando uma velocidade que eles não tinham para dar. Ao fim de uma hora de andamento no Caminho de Eisheth, vimo-la, uma estrada sem nome, somente os marcos com o signo de Elua indicando que conduzia à Cidade.

— Ali. — Joscelin apontou.

Eu espetei a cabeça e escutei. À distância, ouvi o som de cascos, um errático bater de vários cascos. Uma dúzia de homens, montando cavalos quase tão cansados como os nossos. — A galope! — arquejei, fincando os calcanhares na minha montada.

Uma vez mais, fugimos.

Uma milha de estrada percorrida, demos com a carroça yeshuíta.

Quase os atropelámos, na verdade, contornando uma curva a toda a carga. Era uma estrada estreita. Os cavalos, extenuados, desviaram-se e estacaram; a parelha de mulas espetou as orelhas e mostrou os dentes. Joscelin gritou alguma coisa, não sei o quê, e uma rapariguinha espetou a cabeça pela traseira da carroça ao mesmo tempo que o condutor se virava para olhar para nós.

Não percebera, até esse momento, que era uma família yeshuíta, mas reconheci o homem pelos cachos laterais, longos e pendentes, enquanto o resto do cabelo estava cortado rente na nuca. Eu teria dito alguma coisa então, mas Joscelin falou primeiro.

— *Barukh hatah Adonai*, pai — disse ele, simultaneamente sem fôlego e respeitoso, fazendo a sua vénia de Cassiline na sela antes que eu pudesse protestar. — Perdoai a nossa intrusão.

— *Barukh hatah Yeshua a'Mashiach, lo ha'lam*. — O condutor

yeshuíta proferiu as palavras mecanicamente, os seus olhos escuros e penetrantes avaliando-nos. — Sois um seguidor do Apóstata, penso eu.

Falou para Joscelin, que fez nova vénia. Um segundo rosto espreitou por entre as cortinas na traseira da carroça, com um risinho próprio de rapariguinha. — Sim. Sou Joscelin Verreuil da Irmandade Cassiline.

— Deveras. E quem vos persegue a tal velocidade?

Eu inspirei para responder, mas Joscelin interrompeu-me. — Homens que são apóstatas até dos ensinamentos do Abençoado Elua, pai, fruto da videira de Yeshua ben Yosef. Arredai-vos para o lado, e nós seguiremos caminho. *Ya'èr Adonai panav...*

— E porque vos perseguem eles?

— Para nos matarem, muito provavelmente, assim que nos apanhem — interrompi eu impacientemente. — Meu senhor...

— Os vossos cavalos, penso eu, não irão muito mais longe.

Era verdade e eu sabia-o, mas iriam um pouco mais longe, e nesse preciso momento o meu único pensamento era pôr a maior distância possível entre nós e os nossos perseguidores, cujas montadas deveriam seguramente estar igualmente cansadas. Pois atrás deles viriam cavaleiros mais frescos, e se lográssemos atravessar as fronteiras de Camlach adiante deles, ficaríamos mais seguros. — Sim, meu senhor, mas...

— Dai-nos abrigo. — A voz de Joscelin soou abrupta, os olhos intensos de súplica. — Os homens que nos seguem, pai, não pensarão em procurar no coração de uma família yeshuíta. Julgam que somos rebeldes, porventura, espiões skaldi. Juro-vos, não o somos. Somos d'Angelinas livres, fugidos ao cativeiro, e trazemos informação da qual depende a liberdade da nossa nação.

Eu sustive o fôlego, aterrorizada com a confiança com que ele revelava o nosso segredo. O yeshuíta assentiu lentamente com a cabeça, depois olhou de relance para a traseira da carroça. — Que dizeis, Danele?

As cortinas abriram-se com estrépito, e uma mulher de olhar bondoso e rosto arguto assomou, enxotando as duas raparigas para as profundezas da carroça. Avaliou Joscelin e a mim e o seu rosto suavizou-se, especialmente para Joscelin. — Ele é um dos do próprio Apóstata, Taa-vi. Deixai-o entrar. — Erguendo a voz, chamou para dentro da carroça. — Meninas! Abri espaço!

E assim nos juntámos aos yeshuítas.

NOVE



Eu não soubera, antes disto, da relação existente entre a Irmandade Cassiline e os Yeshuítas. É evidente, e eu deveria havê-la visto; mas não é coisa que seja falada fora da sociedade dos Cassilines. Pois embora Cassiel fosse apóstata, como os Yeshuítas lhe chamam, jamais deixou de ter fé no Deus Um, apenas desviou o rosto pesaroso. Só entre os Companheiros, respeitou os mandamentos do seu Senhor e não se misturou com os mortais.

É claro, os Cassilines crêem que ele chamou a si o dever que o Deus Um negligenciou — o amor do filho de sangue de Yeshua — e os Yeshuítas não o vêem dessa forma, mas, ainda assim, é o bastante para um laço comum. Pois, como eu bem sabia, até mesmo os Cassilines crêem que Cassiel escolheu a danação ao tornar-se Companheiro de Elua, o Companheiro Perfeito.

Soltámos os cavalos de Bois-le-Garde, encaminhando-os para sul. Inesperadamente, as filhas de Danele e Taavi tombaram de imediato enamoradas do nosso pônei skaldi, e imploraram ao pai que não o soltasse. Com um semblante pensativo, ele acedeu, e o nosso fiel pônei foi atado à traseira da carroça.

— Uma pequena verdade tempera uma mentira qual sal — disse ele com senso prático. — Vós soltastes os cavalos; diremos que encontramos o pônei a vagar, se perguntarem. Se derem connosco.

Deram.

Aconteceu uma escassa hora após havermos esbarrado com eles, e não muito depois de termos sido metidos à pressa na traseira da carroça, as nossas coisas acondicionadas e escondidas. Danele comandou o nosso encobrimento com eficácia e cabeça fria, ordenando às suas risinhas filhas que trouxessem meadas de lã e tecido para nos esconderem; Taavi, como viemos a saber, era tecelão, e ela tinha alguma destreza como tintureira. Arranjaram espaço para nós na carroça aconchegada e toda posta por ordem, as raparigas aos risinhos e cotoveladas entre si. Joscelin, encantado, sorriu para elas; elas ainda riram mais.

Com os meus ouvidos aguçados pelos ensinamentos de Delaunay, fui eu que ouvi o bater dos cascos.

A despeito de tudo o que nos acontecera, jamais me sentira tão impotente, encolhida no escuro atrás de rolos de tecido enquanto Taavi respondia às perguntas dos cavaleiros — dois deles, pelo que me foi dado ouvir — com desarmante franqueza. Não, eles não iam para a Cidade, mas sim para L'Arène, onde tinham parentes. Sim, haviam encontrado o pónei no Caminho de Eisheth, vagando só e sem carga. Não, não haviam visto mais ninguém. Sim, os camaelines tinham liberdade para espreitar a carroça. As cortinas foram puxadas para o lado, e três rostos yeshuítas fitaram os cavaleiros de Bois-le-Garde, silenciosos e apreensivos.

Do meu esconderijo, vislumbrei o rosto de um dos batedores, cansado e desinteressado. As cortinas foram cerradas com estrépito; estávamos livres para prosseguir caminho.

As raparigas soltaram guinchos mudos de excitação quando as mulas trotaram impassivelmente para diante. Danele mandou-as calar, rodeando-as com os braços. Eu suspirei, baixinho, e senti Joscelin fazer o mesmo a meu lado.

Passámos três dias com os yeshuítas.

Há aqueles que mantêm que não há qualquer bondade inata na humanidade. A eles digo, houvésseis vivido a minha vida, nisso não acreditaríeis. Conheci as profundezas a que os mortais são capazes de descer, e conheci as alturas. Vi como a bondade e a compaixão podem crescer no mais improvável dos lugares, tal como a flor da montanha abre caminho à força através da dura rocha.

Recebi bondade da família de Taavi.

Não nos fizeram perguntas, apenas partilharam connosco de todo o coração o que tinham para dar. Fiquei a saber um pouco da sua história; quem me dera ter sabido mais. Vinham de uma das aldeias do interior de Camlach, onde as suas famílias se haviam instalado há uma

geração, preenchendo uma necessidade local de tecelões e tintureiros. Mas a febre chegou à aldeia, e os yeshuítas foram considerados culpados, a despeito de ter sido um mensageiro que claramente a trouxera da Cidade de Elua. E assim foi que fugiram, rumo ao sul, todo o sustento de uma vida carregado naquela carroça.

Foi uma coisa estranha para mim, ver uma família inteira. Jamais pensara, antes dessa altura — salvo em Perrinwolde — como tal coisa não fazia parte da minha vida. Recordava-me de meus pais, vagamente; da estrada e do caravançarai, e, depois disso, da Cortesã-Mor da Casa Cereus. Para Joscelin, era diferente. Até aos dez anos de idade, fizera parte de uma família, de um lar pleno de amor. Tivera irmãos, e irmãs. Sabia brincar com crianças, meter-se com elas e fazer-lhes cócegas.

E elas adoravam-no por isso.

Taavi e Danele sorriam, satisfeitos por terem feito a escolha acertada de nos ajudar. A mim, olhavam-me com uma piedade gentil, e dirigiam-se-me com palavras suaves.

Tanta bondade; tanta desavença.

Deplorei a minha condição.

A poucas milhas da Cidade de Elua, separámo-nos. Havíamos-lo discutido, nós os quatro adultos, sobre a fogueira da noite passada. Eles não tinham desejo de entrar na Cidade, onde se dizia que a febre ainda grassava; nós não tínhamos escolha.

— Podíamos levar-vos até às portas da cidade — disse Taavi, apouquentado. — Não fica assim tão longe do nosso caminho, julgo eu, e estareis a salvo connosco. Não é assim? Ninguém quererá saber de um pobre tecelão e da sua família.

— Fizestes o bastante, pai — disse eu afectuosamente; já compreendera, por essa altura, que o título era um sinal de respeito para com uma pessoa mais velha, ainda que Taavi e Danele não tivessem mais que um punhado de anos que nós. — Não sabemos que acolhimento nos aguardará. Ide para L'Arène, e prosperai. Já fizestes muito além da conta.

As raparigas — Maia e Rena, eram os seus nomes, seis e oito anos de idade — brincavam por ali. Maia tinha a pele de lobo de Joscelin na cabeça e perseguia a sua irmã mais nova, com risinhos agudos, enquanto Rena se encolhia atrás do plácido pónei e ria à socapa. Danele olhava-as complacentemente. Puros sons de destemida inocência, elevando-se para o céu crepuscular. Lograsse Waldemar Selig o seu intento, o riso das crianças, D'Angelines ou Yeshuítas, não soaria mais livremente sob estas mesmas estrelas nascentes.

— Ainda assim, gostaria...

— Não. — Joscelin disse-o gentilmente, sorrindo, mas com uma firmeza que dizia que não se deixaria vergar. — Viajaremos convosco até à encruzilhada, pai, e as últimas milhas, fá-las-emos a pé. Nem pelo amor do próprio Cassiel sujeitaria a vossa família a mais perigos.

Taavi abriu a boca para um protesto final, e Danele pousou-lhe a mão no braço. — Deixai — admoestou-o bondosamente. — É a vontade deles, e pelo melhor. — Ele assentiu então, relutante. Num impulso, tirei o diamante de Melisande do pescoço e estendi-lho. O diamante reluziu à luz da fogueira.

— Tomai — disse eu. — Por tudo o que fizestes. Tendes um longo caminho pela frente até vos estabelecerdes em L'Arène.

Eles entreolharam-se, depois abanaram a cabeça, enquanto o diamante brilhava suspenso da minha mão. — É demasiado — disse Taavi. — E não vos ajudámos a troco de recompensa. — Danele, com os dedos envolvendo-lhe ainda o braço, assentiu em concordância.

— Mas... — protestei.

— Não. — Taavi foi firme. — Obrigado, Phèdre, mas não. É demasiado.

— Estás agarrada a essa coisa — disse Joscelin num tom retorcido, olhando além de mim para onde Maia e Rena abraçavam o nosso pónei skaldi, esquecida a perseguição. — Mas, quiçá, haverá uma pequena coisa que vos podemos dar, pai — acrescentou com um grande sorriso.

E assim foi que nos despedimos deles, com lágrimas e bênçãos de ambas as partes. Empoleirado bem alto no assento do condutor, Taavi deu sinal às mulas com um estalar da língua, e abalaram a passo firme para sul. Danele e as raparigas acenaram da traseira da carroça, e o hirsuto pónei seguiu atrelado no seu encalço, trotando animadamente. Havia sido o mais leal e constante dos companheiros, e, embora me causasse pesar separar-me dele, congratulei-me que ele fosse recompensado por tão terno afecto.

Adiante de nós, para oeste, jazia a Cidade de Elua com as suas muralhas brancas, a minha casa. Joscelin soprou com força, o seu alento gelado no gélido ar matinal, e pôs os nossos alforges aos ombros. Não tínhamos muita carga, havendo deixado o grosso dela com a família de Taavi. Eu guardei a minha capa de pele de lobo e a adaga de Trygve, enquanto Joscelin guardou a pele de Confrade Branco num saco juntamente com algumas vitualhas que Danele providenciara e um par de odres com água. Estas coisas eram tudo o que tínhamos como prova do tempo de cativo.

A serenidade que encontrámos entre os yeshuítas esvaiu-se à medida que avançávamos para a Cidade. Há meses que estávamos fora. Quem governaria no trono de Elua? Até onde iria a conspiração que causara a morte de Delaunay? Quem faria parte dela, e quem não faria? Apercebi-me, com uma ansiedade crescente, das ciladas que nos esperavam. Que fora que Alcuin dissera? Confiai em Rousse, em Trealion. Em Thelesis de Mornay. Na Delfina, e não no Rei.

As probabilidades de Quintilius Rousse se encontrar na Cidade eram ténues; deveria estar a passar o Inverno com a sua frota. Trealion... podia ser que sim. Mas estaria aquartelado no Palácio, tal como provavelmente Thelesis de Mornay — o Poeta do Rei — e, é claro, Ysandre de la Courcel. E eu recordava demasiado bem o que acontecera quando tentáramos chegar até ela no Palácio.

Abençoado Elua, orei fervorosamente, deixai que Melisande Shahrizai se encontre alhures.

Contudo, ainda que assim fosse, não fazia ideia de quem eram os seus aliados, da extensão da sua rede. Não havia modo de nos acercarmos das pessoas que Alcuin nomeara sem afrontarmos os perigos do Palácio, e ninguém mais em quem eu ousasse confiar.

À excepção de Hyacinthe.

Partilhei os meus pensamentos em voz alta com Joscelin. Ele ouviu-me até ao fim e não deu resposta.

— Não te agrada.

Ele continuou a andar firmemente, os olhos postos no horizonte. Havia agora algum movimento na estrada, não muito, dado que era Inverno, mas um ocasional coche passava, os ocupantes olhando curiosamente para nós. Marcados da viagem e desgrenhados, os nossos trajas uma mescla de rudes lãs e peliças atadas com tiras de coiro ou presas com alfinetes de bronze, o punho da espada de Cassiline de Joscelin ressaltando-lhe por sobre o ombro; não era de admirar que olhassem. Aquilo deixou-me cada vez mais desconfortável.

— Não há mais ninguém — disse Joscelin finalmente —, para quem te possas virar? Nenhum patrono, nenhum amigo de Delaunay?

— Não sem risco. — Soprou uma rajada de vento, e eu aconcheguei mecanicamente a capa à minha volta. — Não estamos a falar de um simples favor, Joscelin. Seja quem for a quem recorramos, terá a nossa vida nas mãos. Eu confio a minha a Hyacinthe. A ninguém mais.

— O Príncipe dos Viajantes. — Ele disse-o com ironia. — Quanto ouro poderia ele ganhar com isto, o que achas?

Sem pensar, bati-lhe no rosto com a palma da mão aberta. Esta-

cámos na estrada e ficámos a olhar um para o outro. — Tsingano ou não — disse eu suavemente —, Hyacinthe foi meu amigo, quando mais ninguém o era, e jamais pediu um cêntimo por isso. Quando Baudoin de Trealion foi executado, foi Hyacinthe quem me deu dinheiro para fazer uma oferenda em sua memória nos templos. Sabias que eu fui o presente de despedida de Melisande para o Príncipe Baudoin antes de ela o trair?

— Não. — O rosto de Joscelin estava pálido sob a ventania, salvo uma marca avermelhada onde eu lhe dera uma estalada. — Lamento.

— Se tens uma ideia melhor — disse eu sombriamente —, então fala. Mas não te ouvirei falar contra Hyacinthe.

Ele olhou de relance na direcção da Cidade. Já não ficava longe, podíamos ver o brilho distante das suas muralhas. — Eu posso acercar-me do Capitão da Guarda Cassiline do Rei. É um Irmão, teria de me conceder audiência. É juramentado, e de confiança.

— Estás certo disso? — Esperei até ele olhar de volta para mim. — Estás certo disso para além de qualquer dúvida, Joscelin? Desapareceste da Cidade com a tua incumbência — uma notória Serva de Naamah, brinquedo dos ricos —, deixando para trás a casa chacinada de Anafiel Delaunay. Sabes que veneno terá sido espalhado na nossa ausência? Estás certo do teu bom acolhimento pela Irmandade Cassiline?

As minhas palavras atingiram-no como golpes; jamais lhe ocorrera, bem o via eu, que a sua honra de Cassiline pudesse ser refutada.

— Ninguém ousaria aventar tal coisa! — arquejou ele. — E, ainda que o fizessem, nenhum Cassiline acreditaria nisso!

— Não? — perguntei, cansada. — Mas eu pensei nisso, e se eu pude fazê-lo, outros o fariam também. Quanto a acreditar... a que é mais fácil dar crédito? A um simples homicídio induzido por ganância e luxúria, ou a uma vasta e profunda conspiração para trair o trono para as mãos dos Skaldi, conhecida apenas de mim e de ti?

Passado um momento, ele assentiu laconicamente com a cabeça, endireitou as costas e virou o rosto na direcção da Cidade. — Façamos à tua maneira, então, e roguemos para que a tua confiança não seja mal depositada. Seja como for, ainda temos de lograr passar as portas.

Olhei para as muralhas distantes e estremeci.

A despeito de todos os nossos receios, ser-nos permitido entrar na Cidade provou ser a mais fácil das nossas provações. Dois membros da Guarda da Cidade com aspecto cansado ordenaram-nos que parássemos à distância, olharam de alto a baixo para os nossos bizarros trajes, e quiseram saber os nossos nomes sem grande interesse. Eu dei nomes

falsos e uma história, nomeando a aldeia de Taavi e Danele; eles fizeram umas quantas perguntas descuidadas, sobretudo quanto à nossa saúde, e depois rogaram-nos que deitássemos as línguas de fora para observação.

Aturdidos, obedecemos sem protestar, e um dos guardas acercou-se o bastante para olhar, depois fez-nos sinal para que passássemos.

— É verdade, então — disse Joscelin em voz baixa. — Há doença na Cidade.

Eu nada disse, subjugada por estar uma vez mais dentro das suas muralhas. Para ele não tinha o mesmo significado; não era a sua casa, não havia nascido e sido criado aqui, como eu. A beleza do lugar deu-me vontade de chorar, a elegância das ruas empedradas, orladas de graciosas árvores, agora estéreis no Inverno. E as gentes, ah! A despeito do frio e do rumor das febres, havia gente na rua, e o som das suas vozes era música para os meus ouvidos.

À medida que caía o lusco-fusco, dirigimo-nos a pé para o Umbral da Noite, serpenteando pelos bairros mais pobres, onde a nossa aparência passava largamente despercebida. O aroma de comida sendo cozinhada em casas e estalagens fez-me água na boca; cozinha d'Angeline, comida a sério! Alcançámos o Umbral da Noite em boa hora. Os candeieiros das ruas haviam sido acabados de acender, e os primeiros foliões faziam-se às ruas, em menor número do que eu me lembrava, mas ainda gloriosos nas suas sedas e veludos, brocados e jóias cintilando à luz dos candeieiros.

— Joscelin, não podemos entrar lá dentro — murmurei, quando nos detivemos numa viela envolta em sombras diante do Galarote. — Virávamos o sítio do avesso, e chegaria palavra ao Palácio até à meia-noite. As línguas são mais lestras que um abrir e fechar de olhos, no Umbral da Noite.

— Tens alguma ideia?

— Julgo que sim. Escuta — disse, e contei-lhe.

A estrebaria de Hyacinthe estava sossegada, sendo cedo de mais para o negócio, os cavalos preguiçando nas suas baias com o cheirinho a feno no ar. Estavam dois moços de serviço, rapazes de doze ou treze anos, jogando aos dados; apanhámo-los sem que o esperassem. Um deles deu um guincho, ao ver Joscelin de espada na mão, e depois encolheram-se os dois. Não os censurei por ficarem aterrorizados. Mesmo sem a pele de Confrade Branco, com a sua indumentária e o seu cabelo emaranhado, ele mais parecia um desafiador guerreiro skaldi do que um Irmão Cassiline.

— Trabalhais para Hyacinthe? — perguntei-lhes; eles assentiram com a cabeça. — Bom. Tu — aponte para o que não guinchara. — Preciso que me faças uma coisa, e a vida do teu amigo depende disso. Vai à procura de Hyacinthe e roga-lhe que chegue aqui. Em privado. Diz-lhe que uma velha amiga precisa da sua ajuda. Se ele perguntar quem, diz-lhe que costumávamos comer tartes debaixo da ponte na Travessia de Tertius. Percebeste?

Ele assentiu de novo, prontamente. — Velha amiga — disse sem fôlego. — Tartes. Travessia de Tertius. Sim, minha... sim.

— Bom. ... — Eu também não me teria concedido um título, não neste estado. — Se deixares escapar uma palavra, uma *palavra* que seja, ouve bem, ou se alguém te escutar, o teu amigo morrerá. Entendido?

— Sim! — A cabeça dele abanou tão lesta que o cabelo lhe tombou para os olhos. — Sim, juro!

— Bom — repeti, acrescentando agoirentamente —, e se não te matarmos nós, podes estar certo de que Hyacinthe o fará, se não fizeres tudo certo. Agora vai!

Ele saiu porta fora que nem um raio, e ouvimos o som dos seus passos a correr na rua. Joscelin embainhou a espada. — Estás a salvo se ele mantiver a sua palavra — disse ele para o outro moço, que olhava lívido para nós. — Nem penses em segui-lo.

O moço de estrebaria de Hyacinthe abanou fervorosamente a cabeça de horror.

Aguardámos, mais hirtos que cordas de harpa. Desde que acordara na carroça coberta, ao que parecia, cheia de dores e angustiada, que vivia à escuta de passos. A estes, conheci-os. Conheci o andar casual de Hyacinthe, os saltos das botas raspando nas pedras da rua.

E então ele entrou na estrebaria e fechou a porta, e qualquer pretensa tranquilidade desapareceu. Deu meia-volta, a expressão toldada de esperança e incredulidade.

— *Phèdre?*

Eu dei dois passos, e lancei-me nos seus braços.

Coube a Joscelin guardar a porta, de espada na mão uma vez mais, contra quem quer que buscasse entrar, e impedindo a fuga dos moços de Hyacinthe. O rapaz que nós enviáramos deslizara para trás dele, e jazia especado a olhar com o punho encostado aos dentes. Para minha vergonha, eu soçobrei, semanas de puro terror transbordando em choro convulsivo, o rosto afundado no ombro de Hyacinthe. Ele abraçou-me com força e fez por me apaziguar, a voz tremendo-lhe ligeiramente de

pasmo. Assim que pude, recobrei a compostura e recuei, limpando as lágrimas dos olhos.

— Tudo bem? — Hyacinthe ergueu os sobrolhos para mim, e eu assenti, inspirando fundo num estremecimento. Ele fez sinal aos rapazes, e levou a mão à bolsa. — Escutai, vocês dois. O que vistes hoje, jamais aconteceu. Entendido? — Ambos assentiram em silenciosa concordância. — Aqui tendes. — Deu a ambos uma moeda de prata. — Portaram-se bem. Tomai, e boca calada. Não deveis falar disto nem um com o outro. Se o fizerdes, juro, invocarei a *dromonde* sobre vós, e almaldiçoar-vos-ei de tal modo que desejareis jamais haver nascido. Entendido?

Eles entenderam. Ele dispensou-os, e eles correram, lançando olhares temerosos para Joscelin.

Hyacinthe nem o vira bem. Olhou-o agora de relance enquanto Joscelin embainhava a espada e pestanejava com força. — *Cassiline?*

Joscelin esboçou um sorriso retorcido, inclinando a cabeça. — Príncipe dos Viajantes.

— Abençoado Elua, pensei que não podias sacar da espada... — Hyacinthe sacudiu o corpo, como que despertando de um sonho. — Vinde — disse num tom decidido. — Eu levo-vos para casa. Estáveis certos, não é seguro para vós serem vistos.

Fechei os olhos. — Pensam que...?

— Sim. Fostes julgados e condenados in absentia — disse Hyacinthe, a sua voz inusitadamente gentil. — Pelo homicídio de Anafiel Delaunay e membros de sua casa.